

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 6 | JANEIRO 2024



EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

QUESTIONÁRIO
DE PROUST A...
6 SUSANA PIEDADEPER FICTA,
RESISTERE**8 EM BUSCA DE REDENÇÃO**

Maria João Amaral Graça

12 O MURO

Alexandra Duarte

16 TEIAS DE ENGANOS

Joana Patacas

**20 À MINHA PÁTRIA
É A LIBERDADE**

Ana Paula Campos

24 INTERLÚDIO

Laura Vasques de Sousa

28 A NATA DA ESCRITA

Cláudia Passarinho

32 A TATUAGEM

Carla Carmona

38 PALAVRAS ENSAIADAS

Inês Pinto

**44 NUMA MANHÃ
DE NEVOEIRO**

Nuno Gonçalves

48 COLEÇÃO ADORA

Ana Rita Garcia

**54 FILETES DE SARDINHA,
EM ESPINHA, EM AZEITE
DE OLIVA**

Ana Pinheiro

58 DESLIGAÇÃO

Luís Violante

DA PALAVRA
À FORÇA**100 O LADO CER(TU)**

Júlia Domingues

102 LUGAR SEGURO

Ana Costa

**104 O MEU LADO
NÃO É O VOSSO LADO**

Margarida Constantino

106 O ESTÁDIO DO GUERREIRO

Maria Gaio

108 QUAL É O LADO CERTO

Ondina Gaspar

GAVETA
CRIATIVA**110 GENIALIDADE VERSUS
LABOR**

David Roque

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Carmo Marques, David Roque e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | ©2024 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados.

Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

RESISTENTIA
POETICA**70 DESTE LADO**

Clara Andrade

71 ENFIM, O LADO CERTO

Ana Ribeiro

72 O VAZIO

Margarida Correia

73 SEM TÍTULO

Antonio C. Guerreiro

**74 PODERÁ O AMOR
LEVANTAR-NOS DO CHÃO**

Ana Silva

76 AS FRINCHAS DO OUTONO

Cidália Santos

77 ESTAR DO LADO CERTO

Elizabeth Fernandes

78 SURPRESAS

Maria Silvéria Mártires

79 RESPIRA, ESTOU CONTIGO

Manuela Vieira

**80 ENTRE SONHOS
E CICATRIZES**

Maria Bruno Esteves

81 NO OCEANÁRIO

Olinda Pina Gil

82 1024

Márcia Vieira Ávila

**83 MATEI O MONSTRO
DA MISANTROPIA**

Raquel T. Silva

84 QUERIDO ESTRANHO

Maria Duran Marques

85 (N)O CAMINHO CERTO

Sofia Ramos

86 O TRÁGICO

Analita Alves dos Santos

87 ESPELHO

Ana Sofia Brito

88 UM AMOR SUPREMO

Cobramor

**90 ENTRELAÇADOS
NO LADO CERTO**

Maria Luísa Francisco

91 A SEBE DO DESEJO

Dulce Pereira

BESTIÁRIO
ARDILOSO**120 O DESCANSO DO
JORNALISTA PÉ DE CABRA**

Porventura Correia

SENTENTIA

**122 SER OU
NAO SER REVISOR**

Ana Salgado

124 O LADO CERTO

James McSill

O LADO CERTO

Analita Alves dos Santos

Ao longo dos séculos, grandes escritores procuraram os limites da moralidade, da justiça e da verdade, muitas vezes por labirintos de perspectivas conflituantes.

Dos épicos gregos que exploraram a bravura até aos romances contemporâneos que desenterram as imperfeições da sociedade, os escritores têm desafiado os leitores a mergulharem nas complexidades do certo e do errado.

Mas o que é «O Lado Certo» num mundo onde as noções de moralidade estão em constante mutação?

Vivemos numa era de polarização política, desigualdades e desafios globais sem precedentes. O que é certo para alguns pode parecer errado para outros, e as linhas entre o bem e o mal parecem esborradas. É precisamente nesse cenário complexo que a literatura nos guia em direção ao onírico lado certo.

A literatura tem essa capacidade: captar a essência do mundo e refletir sobre os emaranhamentos da condição humana.

Autores contemporâneos estão dispostos a explorar temas delicados, lançando luz sobre o negrume da sociedade. Livros que lidam com questões como racismo, sexism, disparidades económicas e mudanças climáticas, confrontam-nos com a realidade desconfortável dos nossos tempos. E, ao fazê-lo, desafiam-nos a encarar crenças e preconceitos, incitando-nos a descobrir «O Lado Certo» dentro de nós.

Encontramos na literatura a oportunidade de escapar da agitação do real e conhecer mundos alternativos, onde os dilemas morais são muitas vezes amplificados. Através da fantasia, da ficção científica e da distopia, contemplamos os efeitos das nossas ações e escolhas com mais clareza. Recordo-me de imediato da obra «Cadernos da Água», de João Reis e a história de um Portugal em seca extrema.

Esta arte ajuda-nos a desenvolver empatia. Ao mergulhar nas experiências das personagens,

compreendemos a perspetiva do outro, essencial para vislumbrar algum lado certo. Lembramo-nos também de que não existe uma resposta definitiva. Capacita-nos a fazer perguntas acertadas e a procurar a evolução moral. Quem não se compadeceu com o criminoso Raskólnikov, de Fiódor Dostoiévski?

À medida que enfrentamos os desafios da atualidade, marcada por divisões e incertezas, a literatura continua a ser um farol. E apesar das ambiguidades da vida, a busca pelo lado certo é uma jornada que nunca deverá ser abandonada. Ao comprometermo-nos com essa busca, podemos, esperançosamente, moldar um mundo mais justo e comprehensivo para as gerações por vir.

Diana Almeida

Cisões, atrito, conflito, a oposição de frações. Não há literatura sem isto, pois o que está separado oferece mais à exploração, acrescentando-se como trama os caminhos percorridos até à divisão e ao que acontece no confronto entre o que foi apartado. Mas o que foi afastado esteve junto, o que foi dividido foi uno. Numa equação de partes, cada lado é uma porção do todo.

Vivemos tempos perturbados, de separação: conflitos de opiniões, frações sociais, alianças nacionais, divisões internacionais... e no espaço criado pelo afastamento, caímos. Na PALAVRAR acreditamos que as palavras unem sempre, mesmo na oposição. A leitura e a escrita são fonte de empatia, compreensão do que é diferente, clariceira sobre as múltiplas partes que são os outros, e que somos nós. Todos tão diferentes, mas tão semelhantes.

Na nossa sexta edição, elegemos como mote a expressão "no lado certo", que acreditamos ter o potencial de fazer brilhar letras e palavras na sua magia. O resultado é uma miríade de olhares díspares, mas todos eles acertados.

A ler e a escrever, resistimos ao que destrói e construímos. Palavramos.

BREVE APONTAMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA

GISELA
SILVA

A História da Literatura portuguesa, enquanto matéria de estudos académicos, foi trilhando caminho, sobretudo a partir do último quartel do século XIX, contando-se com o que, convencionalmente, se debateu em atividades intelectuais relativamente às obras produzidas, ideias importadas e movimentos/correntes literárias que anunciam as alterações sociais, políticas e culturais vigentes.

Entre outros textos, surgiram ensaios e estudos sobre a literatura portuguesa, o que foi, à época, um grande contributo para a valorização do património literário. Antero de Quental, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga foram considerados os precursores da História da Literatura. Posteriormente, Fideliño de Figueiredo foi um dos responsáveis da Moderna História da Literatura, valorizando os Estudos Estético-Literários em prejuízo dos filológicos. Jacinto do Prado Coelho, no século XX, deixou-nos uma obra monumental sobre a evolução da literatura em Portugal, desde as suas origens até à Literatura Contemporânea, o que muito contribuiu para alavancar investigações de onde pudessem advir outras noções e estudos. Assim, mesmo sendo uma das bases para os evolutivos e necessários estudos da Estética Literária, a Filologia foi posta de parte, e, já em meados



do século XX, a Teoria da Literatura e a Receção Literária fincaram o pé, destacando-se o papel e a influência do leitor na construção do significado da obra literária. Lembremo-nos da «morte do autor», de Roland Barthes.

Abriria aqui um parêntese para referir que o rompimento com os ideais da historicidade, tão associada à filologia, se necessário e aceitável, foi, todavia, ambíguo, pois, a filologia, ao interpretar textos antigos e contemporâneos, mais do que ser um vasto repertório, é um valioso contributo de pesquisas e análises para a compreensão das diferentes formas de expressão literária. Note-se, e não será por acaso, que em universidades americanas já se estudam os benefícios de uma «Nova Filologia», no âmbito de um verdadeiro conhecimento da História da Literatura.

Ora, se os últimos 25 anos do século XIX foram os dominantes ao nível de alterações sociais, culturais e outras, dado que foi um período cuja intensa atividade literária destacou autores

que exaltaram movimentos como o Realismo, o Simbolismo e a quem se devem os passos debutantes do Modernismo até à Literatura Contemporânea, não podemos pôr de parte o que se destacou antes. Em inícios do século XIX, por exemplo, o Romantismo já dava o que falar, com autores cuja versatilidade e influência deixaram um legado incontestável na nossa literatura. Justo será, pois, afirmar que a História da Literatura integra estudos e reflexões, mesmo se mais informais, de obras produzidas anteriormente, que também foram escritas e analisadas sob a batuta dos períodos que as viram nascer e/ou lhes conferiram legitimidade literária. Se dúvidas houvesse bastaria elencarmos todos os períodos da Literatura, tendo sempre em atenção, evidentemente, que a sua linha diacrónica foi desenhada na complexidade das sobreposições e continuidades de estilos, influências, correntes, temas, o que, desde os primórdios da nossa nação à atualidade, a tornou tão rica e única.

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

SUSANA PIEDADE



Susana Piedade nasceu em 1972, no Porto. É formada em Ciências da Comunicação, com especialização em marketing e publicidade. A paixão pela escrita veio para ficar. Estreou-se na literatura com *As Histórias Que não Se Contam*, finalista do Prémio Leya em 2015 e publicado no ano seguinte nesta mesma coleção, a que se seguiram o romance *O Lugar das Coisas Perdidas* (2020) e o conto «Dois Minutos e Meio até Passar o Comboio», integrado no projeto *Mapas do Confinamento* (2021). *Três Mulheres no Beiral*, finalista do Prémio Leya em 2021 e Semifinalista do Prémio Oceanos 2023, é o seu terceiro livro de ficção. linguagem.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

Determinação, lealdade e teimosia crónica.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

Dedicação e saber o lugar das coisas.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

Força.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

Franqueza, empatia e sentido de humor.

5 | Qual é o seu principal defeito?

Dificuldade em engolir sapos.

6 | Qual seu passatempo favorito?

Ler, ver um filme sem adormecer a meio.

7 | Qual sua noção de felicidade?

Ter os meus por perto.

8 | Qual sua noção de infelicidade?

Dia de limpezas.

9 | Se você não fosse você mesmo, quem seria?

Alguém como eu.

10 | Onde gostaria de morar?

Numa casa de quatro frentes, com terreno e silêncio em redor.

11 | Qual sua cor favorita?

Azul, para ser original.

12 | Qual seu escritor favorito?

Os que continuo a ler.

13 | Qual seu poeta favorito?

Leio mais prosa, mas gosto muito da poesia da Maria do Rosário Pedreira.

14 | Qual seu herói favorito na ficção?

Sherlock Holmes.

15 | Qual sua heroína favorita na ficção?

Clarice Starling

16 | Quais seus pintores e compositores favoritos?

Não sendo condecorada, apontaria Dalí, Van Gogh, Bach.

17 | Quais seus heróis na vida real?

Os que me acompanham.

18 | Qual sua figura feminina favorita na história?

A minha avó.

19 | Quais seus nomes favoritos?

Inês, Maria Beatriz, Tomás.

20 | O que você mais odeia?

Falta de civismo, sair ao domingo e spoilers.

21 | Quais as figuras históricas que você mais odeia?

Opressores, traidores, ditadores genocidas como Hitler.

22 | Qual o evento militar que você mais admira?

A nossa Revolução dos Cravos.

23 | Qual o talento natural que você gostaria de ter?

Cantar.

24 | Como você gostaria de morrer?

No fim de uma história.

25 | Qual é seu estado mental atual?

É melhor não perguntar isso a quem escreve.

26 | Por qual defeito você tem menos tolerância?

Hipocrisia.

27 | Qual seu lema favorito?

"Para o infinito e mais além" (Buzz Lightyear).

PER FICTA, RESISTERE

EM BUSCA DE REDENÇÃO

MARIA JOÃO
AMARAL

"Da próxima vez que decidir pôr fim
à vida, será, com certeza,
num dia ensolarado".

Maria João Amaral Graça

Um pensamento que verbalizo, a cada hora que passo nesta terra inóspita, onde o sol se recusa a entrar. Deambulo por vales rochosos, mas viva do que morta, pois a verdade é que não morri no dia 19 de julho de 1926, só mudei de endereço. O frio que faz aqui é intenso, e só chove em cima de mim, até posso adivinhar porquê. Deito-me no chão lamacento, contorcendo-me com dores insuportáveis que enlouquecem o meu corpo lesionado e penso, conformada: "Que a purga comece".

Seres desprezíveis movem-se de forma sinistra à volta, julgando-me como carrascos impiedosos: "Arderás eternamente no Inferno" disse um deles, com uma gargalhada cavernosa, enquanto um outro sussurrou no meu ouvido: "A tua filha odeia-te". Proferem palavras cruéis, enquanto me puxam a roupa,

«As pessoas esquecem facilmente quem nunca amaram de verdade, e eu sempre fui privada do alimento essencial à vida, o amor. »

os cabelos, e quase me afogam na lama fedorenta. Tento empurrá-los com as mãos fraturadas, mas parecem vermes pegajosos que se colam à pele. Carregam nos ombros os pecados que os condenaram, trazendo estampado no rosto o sofrimento que causaram em vida. Aqui, há de tudo: depravados, pedófilos, violadores, fumadores, alcoólicos, assassinos e aqueles que, tal como eu, foram incapazes de combater a angústia dilacerante que os consumia. Fomos todos habilmente levados a escolher o lado errado, supondo que este era o lado certo. Acabámos todos enganados pelas nossas mentes impostoras. Entrego-me nas mãos de Deus, suplicando-Lhe que me conforte e, quem sabe, um dia, me perdoe. O meu único desejo é que alguém se lembre de me procurar neste fim de mundo. As pessoas esquecem facilmente quem nunca amaram de verdade, e eu sempre fui privada do alimento essencial à vida, o amor. Grávida aos vinte e um anos, procurei consolo nos braços da minha mãe, contu-

«Ouvia as batidas frenéticas do meu coração, enquanto me debruçava sobre o parapeito, tentando ignorar o pavor que sempre tive a alturas, antes que me arrependesse.»

do, somente encontrei olhares de desprezo e vergonha, como se fosse uma espécie de aberração. Já a minha tia, rogava a Deus pela minha morte, sempre que via o marido entrar no meu quarto. Quanto ao meu irmão, afogava as mágoas de bar em bar, pela noite fora, para evitar os gemidos selvagens do tio, que faziam tremer as paredes da casa. Aposto que suspiraram de alívio quando me viram deitada no caixão. Mas querem realmente saber o aflitivo da vida além-túmulo? Muito pior do que ser humilhada, agredida e violentada por almas errantes, é viver a mesma coisa, sentir a mesma dor, vezes e vezes sem conta, como se estivesse num círculo vicioso, sem portas nem janelas de emergência. Por falar nisso, aqui vou eu novamente.

Reconheço o papel de parede azul-bebé que escolhi com tanto amor para o seu quarto, e que outrora, foi o meu. Ingenuamente, pensei que bastaria mudar-lhe a cor para apagar as lembranças de uma adolescência dolorosa. Porém, quem as tatuou a ferro em brasa na minha alma certificou-se de que jamais sairiam. Por amor, assegurei-me de que não encostava a sua flácida barriga em mais ninguém da família, nem enfiava aquela língua nojenta em mais nenhuma boca que tivesse menos de 18 anos.

Pendurada no berço estava a mantinha cor-de-rosa, onde podia ler o seu nome bordado no tecido, "Pilar", e que ainda tinha o seu cheiro. Apertei-a contra o rosto ensanguentado, pensando onde estaria ela, se já teria encontrado uma família, e se lhe diriam o quanto a mãe a amava, quando crescesse. Como eu gostaria que soubesse que a deixei à porta de um orfanato, para ser feliz.

Olhei para a janela embaciada, intimada pela chuva torrencial que fustigava o negrume do céu. Abri-a lentamente e olhei para baixo, com a mente vazia e a alma dilacerada. Ouvia as batidas frenéticas do meu coração, enquanto me debruçava sobre o parapeito, tentando ignorar o pavor que sempre tive a alturas, antes que me arrependesse. Fechei os olhos e saltei para o incerto, impelida para o chão a uma velocidade abrupta, certa de que doze andares seriam suficientes para pôr fim a doze anos de amargura. Ignorantes os que acham que esta é a solução

para alcançarem a liberdade tão almejada. Estou novamente neste abismo de solidão, tentando livrar-me dos vermes hediondos que sobem pelo meu corpo deformado. Afasto-me para refletir, e vejo duas silhuetas brilhantes a caminhar na minha direção, cuja bondade que emanam me enche de esperança.

— Ouvimos o teu chamado. — disse um homem alto, que trazia um jarro na mão. — Tens sede? Bebe um pouco de água.

— Mas sou uma pecadora — respondi, surpreesa com a sua amabilidade — e tenho de pagar pelos meus atos terríveis.

— Deves estar gelada. Vem aquecer-te — uma jovem mulher, de rosto angelical, aproximou-se e cobriu-me as costas com uma manta perfumada. A extrema compaixão de Miguel e Lúcia, os meus anjos salvadores, deixou-me altamente fragilizada, caindo de joelhos aos seus pés, num pranto amargo e sincero. Passados alguns minutos, sequei as lágrimas e perguntei:

— Que lugar horrível é este, onde escarnecem dos outros? Já basta ter de suportar o peso da consciência, que constantemente me condena.

— É o Vale dos Suicidas — esclareceu Lúcia. — Tal como tu, também eles procuraram fugir dos problemas, mas nem todos se envergonham ou mostram o mesmo grau de arrependimento.

— Quando percebi que não tinha motivos suficientes para desistir já era tarde demais — lamentei, verdadeiramente arrependida.

Miguel e Lúcia convenceram-me a deixar para trás a escuridão e a esquecer a chuva e o frio, apesar da minha resistência. Fui levada para uma espécie de posto de socorro, onde me limpavam as feridas, me alimentaram e conversaram comigo, aconselhando-me a aceitar o meu destino, sem mágoa nem rancor. Deitei-me numa cama limpa e fechei os olhos, porém os meus pensamentos sofriam com o peso dos remorsos. Dormi durante horas seguidas, um sono agitado. Sonhei que tinha ido ao encontro de Pilar, e quando a vi, imediatamente me arreendi de não ter feito parte da sua vida, desde o início. Poderia dizer que Deus assim não quis, todavia estaria a enganar-me a mim própria, pois recusei enfrentar o monstro que diariamente me trucidava, aterrorizada com a punição. Acordei sem saber onde estava, com a alma encharcada de vergonha e culpa.

— Devolverás à lama — comuniquei a minha decisão a Miguel, que me olhou compla-

cente, como se lesse os meus pensamentos.

— O amor de Deus pelos seus filhos é infinito. Quem se arrepende sinceramente não será abandonado, mas sim auxiliado.

Aquelas palavras surtiram em mim um efeito inesperado. A habitual sensação de medo e insegurança desapareceu, dando lugar a um sentimento leve e tranquilo. A Maria João, que um dia escolheu o lado errado da vida, sabia que, ao abandonar o inferno onde acordou, estaria a escolher o lado certo da morte. Viva ou morta, o importante era decidir-me pelo lado certo.

Com a confiança a circular-me nas veias, segui viagem rumo a uma casa de saúde. O Hospital de Santa Maria estava protegido por um muro tão alto que quase batia no céu azul, ornado com rosas trepadeiras, das quais exalava um aroma adocicado, muito agradável. Ali, eram tratados os doentes que sofriam do mesmo mal que eu: biofobia, ou por outras palavras, medo da vida. Passei bastante tempo nesse lugar maravilhoso, onde melhorei das feridas do corpo físico infligidas pela minha ignorância, todavia as cicatrizes mentais e morais teriam de ser curadas de outra maneira.

— O teu pedido foi autorizado. Brevemente regressarás à base — anunciou Miguel, com um sorriso no rosto.

Os meus olhos brilharam de felicidade ao ouvir a boa nova. Finalmente, poderia expiar as minhas faltas, as minhas falhas, enfrentar os meus medos e enfrentar os inimigos, porque quem deixa pendências, mais cedo ou mais tarde, terá de as concluir. E eu estava preparada para renascer no dia vinte e um de junho de 1953.

Abro com dificuldade os olhos, encadeados pela luz intensa que existe ao meu redor, e vejo diante de mim um rosto, que embora desconhecido, me lembra alguém especial. Não necessitei de muito tempo para descobrir quem era...

Outrora, a minha amada Pilar.

Agora, a minha querida mãe.

«Passei bastante tempo nesse lugar maravilhoso, onde melhorei das feridas do corpo físico infligidas pela minha ignorância»



O muro era tão alto que nem se vislumbrava o topo. E tão liso que era impossível trepá-lo. Tampouco se sabia de que material fora feito, nem como fora construído. Parecia sempre ali ter estado e, de facto, assim era. Jamais constara nos livros de história, nem fora sujeito nas estórias de alguém.

Também se ignorava qual surgira primeiro — o muro ou as cidades. De um lado a Cidade Iluminada, do outro a Cidade Escurecida. No primeiro lado o sol era rei, no segundo a lua soberana. Em momento algum qualquer das duas se dera conta da existência da outra.

Na Cidade Iluminada o sol permanecia quieto. Nunca um casal apaixonado pudera apreciar um pôr-do-sol, nem um qualquer madrugador se deliciara com o seu nascer. Pudera, não sabiam tal coisa possível. Todos os cidadãos tinham os relógios bem sincronizados, para saber quando ir dormir. A escuridão total só era possível na clausura do lar, de portas e janelas fechadas. Mesmo assim, sentindo a claridade lá fora, a tentação espreitava amiúde — porquê ficar em casa, com um dia tão bonito?

«Todos os cidadãos tinham os relógios bem sincronizados, para saber quando ir dormir. A escuridão total só era possível na clausura do lar, de portas e janelas fechadas.»

Já a Cidade Escurecida vivia em tons prateados. A lua, sem fases, permanecia cheia. Exibia-se intensa e brilhante. Nunca se ausentava. Tal como acontecia na cidade vizinha, os habitantes mantinham os relógios acertados, caso contrário, não saberiam receber a manhã; também por estes lados, ninguém vira antes um amanhecer. Por entre a população, pálida e melancólica, distinguiam-se diferentes géneros. Havia uns mais sossegados, saíam para o trabalho de "manhã", cumpriam as suas obrigações e regressavam. Independentemente da direcção tomada, a linha do horizonte dos edifícios industriais acompanhava-os. Por vezes, passavam tempo num bar aconchegante, para conversar com os amigos, enquanto ouviam uma voz suave a cantarolar num palco acanhado. A atmosfera mos-

«O trabalho seguinte pertencia ao operário; tapou a pequena abertura com cimento, apagando todo e qualquer vestígio do foco de luz natural.»

trava-se indistinta, preenchida pela fraca chama das velas e de lâmpadas demasiado assustadas para brilhar com a devida intensidade.

Outros residentes revelavam-se menos contidos, filhos da noite, poderíamos chamar-lhes, teimavam em culpar a escuridão pelo seu comportamento endemoniado. Não convinha cruzarmo-nos na rua com tais seres, pois sabe-se lá.

Na Cidade Iluminada dançava-se ao som de um ritmo mais forte e vibrante. Eram frequentes as animações de rua e as festas ao ar livre. Os habitantes, de pele prematuramente envelhecida, passavam demasiado tempo fora de casa, numa tentativa de prolongar os dias.

Também neste lado do muro, sob o sol, se manifestavam diferentes disposições. Os correctos tentavam usufruir, da melhor forma, da luz oferecida. Praticavam desporto ao ar livre, trabalhavam, passeavam com as famílias, plantavam árvores. Mas os cidadãos incomuns, também os havia, mostravam-se inquietos, excessivos, com demasiada adrenalina e serotonina a fluírem pelo corpo e passavam a maior parte do tempo à procura de algo que os completasse. Cada acto cometido, só o era uma vez. Cada acção pedia outra mais intensa. Não era suficiente andar de bicicleta, era preciso um desporto mais radical. Não era suficiente assaltar um transeunte, era preciso sentir o poder da morte nas suas mãos. Ivan morava na Cidade Escurecida. Cada dia cumpria a sua rotina. Logo pela manhã, o espe-

lho devolvia-lhe o reflexo de uns olhos sem brilho, conformados. Antes de sair verificava se a roupa no corpo estava engomada e limpa, o bigode bem aparado e o cabelo no lugar. Pegava na mala e dirigia-se ao escritório, onde passaria o dia, que mais parecia ser uma noite.

O muro ficava junto ao caminho que levava Ivan ao trabalho e o trazia de volta ao lar. Era-lhe indiferente, de tão habituado a passar por ele. Até ao dia em que, de regresso a casa, algo lhe dispersou os pensamentos. Rente ao chão, uma brecha deixava passar alguma claridade vinda do outro lado. Este residente, tal como todos os da sua cidade, para além do luar, nunca tinha visto luz natural; conhecia apenas a artificial. Por isso, não entendeu o que viu — um brilho distinto a iluminar uns modestos centímetros no solo terroso. Achou por bem chamar quem mais autoridade tivesse.

Pouco depois, já um pequeno grupo rodeava a minúscula frecha trespassada por uma discreta luminescência, invasora do terreno infértil. *Ninguém lhe toque, ouvia-se, pode ser tóxico.* A estas palavras houve quem desse uns passos atrás. Os mais teimosos mantiveram-se no mesmo lugar, de olhos fixos na luz. Ivan estava entre eles. Após conversações entre os senhores da cidade, ficou acordado: estaria sempre um agente da autoridade de guarda, para verificar o progresso, se é que o haveria, da situação.

A visita ao local passou a fazer parte da rotina da maioria da população. Vindos do trabalho, do bar, ou de lugar incerto, tendiam agora a perambular em direcção ao diminuto foco de luz. Era só um pequeno desvio no caminho, nada de mais. Passavam, cumprimentavam o guarda de serviço e olhavam. *Pois, diziam, continua tudo na mesma.* Uns quantos receavam ver a luminosidade aumentar, outros afirmavam ser um sinal de Deus; pelo contrário, havia quem a reconhecesse como obra do demônio. Também aqui havia excessivos, exagerados e radicais. Um destes, à revelia do guarda, atirou-lhe um copo de água, pensando assim apagá-la. Nada aconteceu, dando força às palavras dos pregadores que vaticinavam o fim do mundo. Ivan sentia um desconforto perante tais palavras, um pequeno aperto interior, para ele, inexplicável.

Era dos que mais tempo costumava ficar a conversar com o guarda e, após vários dias, os agentes, Ivan e os habituais deambuladores do caminho junto ao muro, perceberam uma transformação: algo nascia.

Passaram a estar dois oficiais no local. Quem sabe o que brotaria da terra, acarinizada por aquela chama brilhante. O que quer que fosse continuava a crescer e com poucos centímetros parecia ameaçar toda a cidade.

Ivan não se sentia assustado. Durante a rotina matinal, o espelho, mais generoso, devolvia-lhe agora um reflexo de olhos menos baços, denunciando até um recatado fulgor.

Por esta altura, os ilustres do município discutiam e argumentavam sobre a melhor linha de acção. Ignoravam como dali poderia brotar qualquer coisa, como por exemplo, um botão de flor. Desconheciam ser esse o nome, mas isso era o de menos. O receio da coisa desconhecida era o que os levava a agir. Alguns ilustres pediam para aguardar, esperar resultados, saber algo mais; um ou outro queria pegar-lhe fogo. Discordavam no modo de proceder. Reuniram, por isso, os habitantes em assembleia. Chamaram os mais ilustres dos ilustres, os mais especialistas dos especialistas, os mais poderosos dos poderosos e chamaram ainda o cidadão mais comum. Foram dias de intensa discussão, acordos e desacordos e muitas dores de cabeça. Por fim, o mais supremo dos supremos decidiu, considerando, de acordo com a sua opinião, o melhor para a cidade.

No dia seguinte, ou talvez fosse ainda noite, acercaram-se à ervinha. O caule, de onde nasceria uma humilde flor, apresentava-se mais robusto. Ao ver tal evolução o supremo entendeu ter tomado a decisão correcta. Sabe-se lá que proporções aquilo poderia tomar.

A curta distância uma multidão assistia. Olhares aflitos misturavam-se com outros indiferentes e ainda com os que pareciam dizer já era tempo

de fazerem alguma coisa. Bocas semi-cerradas murmuravam rezas e ladainhas. Mãos sobre o peito denunciavam respirações aceleradas. Ivan mantinha-se quieto; apertava as mãos, dentro dos bolsos do sobretudo, ciente do que poderia acontecer.

Prossigam, disse o supremo dos supremos. De imediato, um agente vestido com um fato protector aproximou-se. Estava coberto dos pés à cabeça. Abeirou-se da flor. Os habitantes quase sustiveram a respiração. Notaram a luva grossa, colossal, quando comparada com a flor; rápida, e usando de uma força desnecessária, aproximou-se e arrancou-a. Os habitantes respiraram de novo. Colocou a planta numa caixa e selou-a. Dali, seria levada para ser incinerada.

Houve quem suspirasse de alívio, houve quem olhasse os céus, houve até algum desmaio. Houve, ainda, quem cerrasse os dentes e franzisse o sobrolho. Uma discreta lágrima escorreu pela face de Ivan; tão discreta que ele quase não deu por ela.

O trabalho seguinte pertencia ao operário; tapou a pequena abertura com cimento, apagando todo e qualquer vestígio do foco de luz natural. *Está tudo bem*, dizia o supremo, *regressem às vossas casas. Já não há nada para ver.*

A custo, a multidão foi-se dispersando.

Falou-se do assunto de tempos a tempos, mas aos poucos foi sendo esquecido. O acontecimento nunca fez parte dos livros de história nem foi protagonista de outras estórias.

No outro lado nada se alterara. A luminosidade escapara-se pela abertura, mas o inverso não acontecera. Nenhuma nesga de escuridão tivera coragem para fugir.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



TEIAS DE ENGANOS

JOANA
PATACAS

Num mundo compelido pela incessante busca da singularidade, onde o tumulto da passagem do tempo coexiste com a solidão latente que se aloja nas brechas do quotidiano, o ser humano desdobra-se num diálogo surdo. De um lado, estão os que marcham sob a égide do destino inescapável, embalados no aconchego da certeza de que o amanhã já se encontra delineado. Do outro, os que advogam o livre-arbítrio, crentes na capacidade de escrever e reescrever a sua própria narrativa, a cada momento, a cada decisão. Entre estes dois extremos, reside uma maioria sliente que não questiona, e, arrasta os pés no solo áspero da existência. Tão habituada que está ao peso da apatia, que mal sente os grilhões oxidados, como um animal de carga resignado ao seu destino.

Há anos que Sandra vivia como se fosse uma folha ao sabor do vento, com as circunstâncias a levá-la, sem resistência ou contestação. Foi assim, com a estranheza de quem acorda de um sono profundo e desprovido de sonhos, que ela se questionou, pela primeira vez em muito tempo, «será

**«É muitas vezes
no seio do banal
que as revelações
nos visitam.»**

que a vida é apenas isto?». Sem saber como chegara àquele instante, ou se essa revelação alteraria algo, num dia que era espelho de tantos que o precederam, viu esvair-se a certeza de alguma vez ter pisado o lado certo.

É muitas vezes no seio do banal que as revelações nos visitam. No meio do gesto repetido e nos dizeres de todos os dias, eis que emergem, de repente, como se sempre ali tivessem estado, à espera de serem descobertas. São como estrelas em pleno dia, sempre presentes, mas eclipsadas pela luz crua da rotina. E quando se revelam, fazem-no com a suavidade de uma gota que, ao cair, quebra a superfície serena do lago da nossa consciência, criando ondas propagadas pelos recantos mais profundos do ser, alterando, sem alarde, o reflexo que temos de nós próprios e do mundo que nos circunda.

Sandra esfregava um prato com a esponja, os movimentos circulares quase hipnóticos, como se tentasse purgar mais do que simples restos de comida. A água corria da torneira com um sussurro suave, acompanhamento sonoro para o drama humano que estava prestes a desenrolar-se.

E ali estava ele, Miguel, ao alcance de um simples toque,

ainda que separado por um abismo de palavras sepultadas na monotonia do quotidiano. Encostado à parede, observava com um olhar irónico a determinação dela em lavar a louça à mão, desprezando a comodidade da máquina de lavar.

— Já sabes o que aconteceu entre o teu irmão e a Alice? — A voz de Sandra rasgou o silêncio, misto de curiosidade e preocupação.

O que omitiu foi o impacto do telefonema da sogra, mais cedo, cuja aspereza ressoara como um mau presságio: «Tenha juízo, Sandra. Ai de si que se alie àquela desvairada. Está proibida de falar com ela.» Mas ela falou, e o que ouviu gelou-lhe o sangue nas veias, transformando tudo em redor em estilhaços de medo e preocupação.

— Ah, então já estás a par. Vamos ter de abordar isto. A Alice enlouqueceu — proferiu Miguel, de forma distante, enquanto deslizava o dedo pelo ecrã do telemóvel. — Temos de ter cuidado com ela. Sandra sentiu uma contração súbita no estômago, como se algo frio e sólido se tivesse alojado, acomodando-se, nas curvas do seu interior. Detestava quando ele adotava aquele tom, como se as mulheres fossem engenhos prestes a detonar, cujos estilhaços, uma vez libertados, teriam o poder de despedaçar a ordem meticulosamente cultivada que envolvia as suas vidas, deixando apenas o caos e a desordem na sua esteira. Até porque ouvira a versão de Alice e o que a cunhada dissera ficara gravado a fogo na sua mente.

Miguel continuou:

— O meu irmão vai processá-la por agressão. Vai ficar com as gémeas e na penúria — profetizou, com um encolher de ombros que denunciava a sua indiferença perante o destino da cunhada. Nas profundezas da sua alma, Sandra revirava-se numa tempestade silenciosa.

— Isso é inaceitável — afirmou, com a voz tingida por uma gravidade que era raro usar. — Conversei com ela. Não sei se as coisas se passaram bem como o teu irmão diz.

— A minha mãe não te tinha proibido de falares com ela? — retorqui sibilante, como quem não admite ser contrariado. — O que é que ela te disse? — perguntou, pousando com discrição o telemóvel na bancada da cozinha e ativando a gravação, sem que Sandra notasse.

— Contou-me que pediu o divórcio, que se apai-

«Eram mestres na arte de manter uma fachada impecável, não tolerando qualquer deslize que pudesse manchar a imagem de perfeição que trabalharam com tanto afinco para construir e preservar.»

xonou por outra pessoa e quer ser feliz. Que o teu irmão se descontrolou, como é hábito, mas que, desta vez, foi longe demais. — Hesitou por uns segundos, mas logo retomou com uma determinação renovada. — Ele empurrou-a e ela caiu ao chão. Teve de levar três pontos na parte de trás da cabeça. Foi ao hospital. Existem registos.

O cansaço pesava em Sandra como um manto de chumbo. Eram amigas, aliadas naquele ambiente tóxico onde os seus maridos eram idolatrados pelos sogros, figuras de alguma distinção, pertencentes a uma classe discreta, mas detentora de poder, que parecia comandar o seu mundo com um punho de ferro. Eram mestres na arte de manter uma fachada impecável, não tolerando qualquer deslize que pudesse manchar a imagem de perfeição que trabalharam com tanto afinco para construir e preservar.

— Existem registos, dizes tu — articulou o esposo, deixando que o que proferira flutuasse no espaço entre eles.

Deslizou os dedos pela superfície gelada e lisa da bancada, agarrando no telemóvel e suspendendo a gravação. Passeou-se pelo amplo espaço da cozinha, a tensão no maxilar evidenciando a sua atenção plena. O olhar era afiado, em estado de vigilância. Ao retomar a conversa, já se encontrava frente a frente com Sandra, o olhar de um a penetrar no do outro. ➤

— Os registos têm uma forma curiosa de se desvanecer quando conheces as pessoas certas. O Duarte apresentou queixa na polícia. Os hematomas e arranhões são um toque dramático que a imprensa vai adorar, vão ficar do lado dele. Sentiu-se nauseada e encurralada em igual medida, mas, ainda assim, reuniu coragem para dizer:

— A Alice também apresentou queixa! Não me vais dizer que acreditas que ela, que é tão pequena e magra, conseguiu deixar o Duarte com um olho negro.

— Não, não é uma questão de acreditar ou não — afirmou, irritado. — O que importa é a nossa versão da história. Já falei com o advogado e amanhã temos uma reunião para alinhar o que vamos dizer. — Miguel prosseguiu, com um tom gélido que a inquietou. — Vais ter de testemunhar contra a Alice. O advogado considera que o teu testemunho, enquanto mulher de família, vai fortalecer a nossa posição.

— Isso é uma loucura — atirou, com um fio de temor a vibrar-lhe na voz. — Ela só quer o divórcio. Não era mais fácil cada um seguir o seu caminho? Para uma família que se preocupa tanto em evitar escândalos, isto vai ser pratinho para os jornalistas.

Miguel encurtou a distância entre os dois e apertou-lhe o braço com uma força que a fez estremecer.

— Loucura era ver o Duarte estampado na capa das revistas como um marido traído, um corno humilhado — retorqui. Depois acrescentou num tom calculista: — Isto ainda vai jogar a nosso favor. Podemos até criar uma associação em nome dele para combater a violência doméstica contra os homens. É uma ideia brilhante.

Miguel deixou-a atordoada com o seu discurso. No peito fervilhava a fúria da revolta, mas as palavras escapavam-lhe, e a frieza dele deixara-a sem réplica. Sentindo o aperto no seu braço intensificar-se ao ponto de ser doloroso, apenas conseguiu murmurar:

— Larga-me, estás a magoar-me.

Soltou-a de repente e ela oscilou, agarrando-se à bancada para evitar a queda. As lágrimas ameaçavam romper as barreiras dos olhos, prontas a transbordar. Ele encarou-a com uma expressão que exigia lealdade e disparou, a voz tingida de um misto de expectativa e desapontamento.

— Como vai ser? De que lado estás? Espero que seja do lado certo... — a sua voz tornou-se mais sombria e ameaçadora. — O que aconteceu à Alice pode acontecer-te a ti também.

Sem esperar resposta, virou-se com uma frieza desdenhosa e saiu da cozinha, caminhando até ao escritório com passos resolutos. A porta fechou-se com estrépito, ecoando na quietude repentina da cozinha. A mulher virou-se para o lava-loiça, numa tentativa de retomar a tarefa interrompida, mas, ao olhar para água oleosa, um calafrio de aversão percorreu-lhe a espinha. Os restos de comida flutuavam à superfície, como detritos à deriva, espelhando o caos que agora invadia o seu mundo. Tentou segurar a esponja, mas a sua mão tremia.

Num arroubo de desespero, abandonou tudo. Percorreu o corredor. O chão frio sob os pés descalços despertava cada fibra do seu ser, enquanto os eventos da noite pareciam desligar-se da realidade. Entrou em bicos dos pés no quarto do filho, receando que qualquer gesto mais brusco pudesse despedaçar o frágil equilíbrio do mundo. A ténue luz de presença lançava um halo etéreo sobre o rosto adormecido de Afonso, resplandecendo sob um suave brilho azulado que desenhava um céu estrelado no teto.

Sentou-se à beira da cama e permaneceu imóvel, até que sentiu o telemóvel vibrar no bolso do casaco. Era Alice. O pedido de auxílio pulsava no ecrã: «O Duarte expulsou-me de casa. Não me deixou levar nada. Cancelou todos os cartões da nossa conta. Posso passar a noite convosco? Ele enlouqueceu. Preciso da vossa ajuda...». Com um suspiro carregado, digitou: «Estás por tua conta»,

apagou a mensagem e bloqueou o número. Ergueu-se, abandonando o quarto do filho com a promessa silenciosa de protegê-lo, acontecesse o que acontecesse. Com passadas determinadas, rumou ao escritório de Miguel, dando umas batidas leves na porta antes de a transpor. O olhar entre ambos estendeu-se por segundos, até que ela, por fim, rasgou o silêncio:

— Já decidiram qual a versão da história que tenho de contar? — inquiriu, esforçando-se por manter a voz estável. — Quanto mais cedo começar a ensaiar, melhor.

Miguel avaliou-a por um momento, que pareceu desdobrar-se indefinidamente, até que um sorriso gélido e calculista floresceu no seu semblante. Prendeu o olhar dela por mais um instante, e, então, desviou a atenção para os documentos à sua frente, como se nada de singular houvesse transcorrido.

— Amanhã reunimos com o advogado às oito horas. Vamos juntos, depois deixo-te na Fundação — E mergulhou de novo nos seus papéis, como se a conversa tivesse findado e a normalidade sido restituída.

Sandra concordou, com um aceno tácito. Enquanto recuava para o quarto, ainda perguntou:

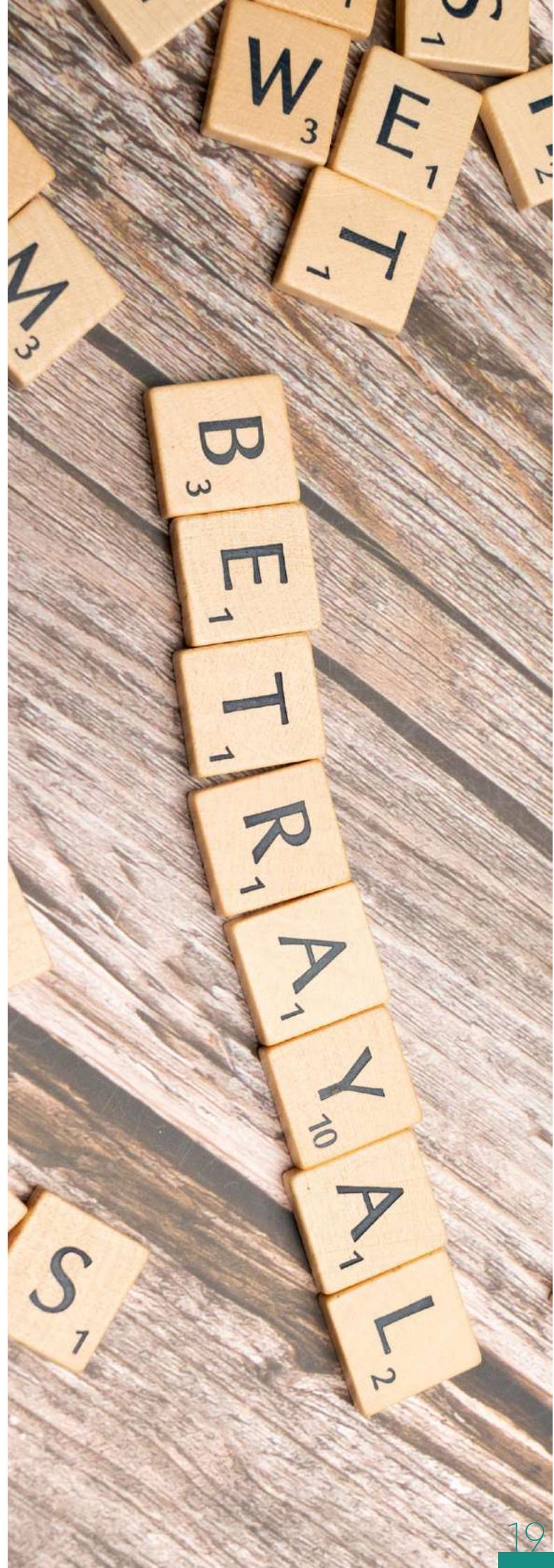
— Como é que o Duarte conseguiu aquelas marcas?

Ele esboçou um sorriso travesso, quase infantil, e explicou:

— Oh, não foi nada que uma maquilhadora talentosa e o nosso médico particular não conseguissem resolver. O relatório já está com o advogado. Com uma pausa teatral, acrescentou:

— A Alice não tem hipótese. Fizeste bem em ficar do nosso lado. — Parecia, por fim, relaxado, como se um peso tivesse sido retirado dos seus ombros.

Aquele embate deixou-a numa espiral de emoções, que a seguiu pelo corredor silencioso até ao refúgio do seu quarto. No meio do desassossego que a invadia, uma claridade fria abateu-se sobre ela; agora percebia, sem dissimulações, a essência daquela família. Ainda assim, ao deitar-se na cama, a quietude da noite amplificou o peso da vergonha e da deslealdade que se abateu sobre o seu ser, ciente de que trilhava um caminho sem volta.



PER FICTA, RESISTERE

A MINHA PÁTRIA É A LIBERDADE

ANA PAULA
CAMPOS

Anda comigo ver os aviões.
A Sofia revira os olhos e ri-se.
Apesar de achar que este ritual é
uma patetice, acede ao meu pedi-
do. Sabe que vai ouvir novamente a
história, mas é outra oportunidade
de estarmos juntos, agora que o
curso de Medicina a trouxe para a
capital, afastando-a, novamente, de
mim. Além disso, também ela gosta
de falar do nosso país.
Sempre que venho a Lisboa, em
trabalho, faço isto. Nos últimos dois
anos, a minha filha mais nova acom-
panha-me. Sentamo-nos num muro
do Vale do Silêncio, de onde avista-
mos os pássaros metálicos, e regres-
so ao fim da minha primeira vida.

Era uma tarde de janeiro, como hoje.
Aquele momento inexato em que já
não é dia, mas também ainda não é
noite. Um intervalo entre tudo.
Quando o avião começou a sobre-
voar a cidade, desabou a tormenta.
Lá fora e em mim. Os minúsculos
pirilampos que desenhavam Lisboa
piscavam, na tentativa de ilumina-
rem os caminhos. Adivinhei o frio, o
desconforto, a falta de lar. No meu

«Quando o
avião começou a
sobrevoar a cidade,
desabou a tormenta.
Lá fora e em mim.
Os minúsculos
pirilampos que
desenhavam
Lisboa piscavam,
na tentativa de
iluminarem os
caminhos.»

Caribe, a chuva é abençoada. Cai inesperada e torrencial.
No entanto, furtiva, afasta-se rapidamente para abrir rumo
à luz. Abracei a solidão, protegendo-me da saudade que
não mais me largaria. Companheira de aliança no dedo e
cerimónia religiosa.

A cauda de riscas azuis e vermelhas do meu país aterrou
numa dança de pares errados como a turbulência no meu
coração. A enormidade do aeroporto desorientou-me e

«O caminho fez-se na algazarra do reencontro dos que se querem bem. Ele insistia em saber tudo sobre a família, os amigos, os lugares. Só não sobre o país. A mim encantava-me o carro.

andei algum tempo perdido. Engoli uma sandes mista no bar e dirigi-me à saída. Sem que contasse, esperava-me o sorriso franco do meu primo. No abraço apertado dissemos o que não precisava de voz.

— Pensaste que te dejaría solo?

Um pedacinho de casa. A minha língua que ficara para trás há algumas horas, mas me parecia já tão distante.

O caminho fez-se na algazarra do reencontro dos que se querem bem. Ele insistia em saber tudo sobre a família, os amigos, os lugares. Só não sobre o país. A mim encantava-me o carro. O meu primo tinha um carro! Quando fugira, com dezoito anos, na casquita de noz que o levava para Miami, ficámos apavorados. Um bilhete num pedaço de papel, que era o rosto da boa disposição do rapaz: "Si los tiburones me comen, le dejaré mi fortuna a Orlando." Não o comeram os tubarões, não o matou a fome nem a sede. Não herdei a fortuna. Um mês depois, soubemos que a travessia se fizera com sucesso e Ramón estava em casa de uns amigos.

No meu país, aprendemos, há muito tempo, a sermos família.

Por insistência minha, deixou-me na modesta pensão. O primo trabalhava à noite num restaurante e não me apeteceu jantar sozinho com a mulher que o trouxera para Portugal e eu não conhecia. Precisava de rememorar os passos que daria e aquietar-me. Teria de comparecer no Congresso de Anestesiologia, às oito da manhã. Seria o terceiro palestrante. Por mais que adorasse a minha profissão, os meus olhos precisavam de perceber de onde poderia vir o perigo e de onde poderia vir a ajuda. Reconheci, facilmente, três ou quatro típicos compatriotas, vendidos ao regime, talvez por mais um terço do pão do racionamento. Não por ideologia. Com toda a certeza, tinham falhado a minha chegada, na véspera. Não sabiam do meu encontro com Ramón ou já me teriam "chamado à parte".

Nada no meu comportamento, nesse dia ou nos três que se seguiram, denunciou os meus intentos. O espantoso primo manteve a distância, sem qualquer explicação. O congresso decorria com tranquilidade e eu desesperava. Ao quarto dia, sem o contacto combinado, a incerteza

transformou-se em deceção. Sem a prometida ajuda, o dinheiro que tinha trazido esváíra-se na estadia. Apesar de representar o meu país, as despesas pesavam nos ombros.

A mala pronta. O meu espírito já se despedia da ilusão de liberdade, quando um envelope resvalou por baixo da porta. Abri-o imediatamente, mas já não vi ninguém no corredor. Li o número de telemóvel, no bilhete do interior, enquanto corria para a janela. A dobrar a esquina, uma manga preta deixou entrever a ponta de um martelo, numa tatuagem. Um dos esbirros do regime. Seria uma armadilha? O que poderia eu fazer? O coração ressoava as bombas e rajadas das metralhadoras daquela noite de que sempre ouvi falar, na malfadada Baía. Liguei. A voz que ouvi do outro lado imobilizou-me. "Caro colega, eu e a minha mulher teríamos muito gosto em que jantasse, hoje, em nossa casa. Traga a mala. Precisará dela."

O Dr. Andrade Menezes albergou-me durante o período do meu pedido de equivalência ao curso de Medicina, em Portugal. Um amigo que foi trazendo outros à minha nova vida.

Acabei por me instalar no centro do país e, durante quatro anos, matei o corpo a trabalhar onde e quando não podia. A alma manteve-se viva nas saudades de Maribel e das meninas. A minha mulher recebeu as represálias pela minha fuga com a dignidade e candura de sempre.

«Continuamos deslumbrados com a dádiva que a vida nos proporcionou. Em casa, mantemos a memória.

A nossa terra será sempre aquela em que nascemos e onde ficam os nossos mortos.

Às vezes, penso que deveria ter ficado e lutado pela liberdade. Mas é difícil lutar sem pão na mesa. É difícil erguer a voz contra a repressão, a prisão, a tortura, se as nossas armas não passam de um punhado de mãos cheias de gritos.»

Éramos uma verdadeira família, pelo que tudo fora planeado por ambos. Conhecíamos os riscos. Desconhecíamos era o verdadeiro sabor de uma liberdade só adivinhada nas fugazes notícias que iam chegando dos exilados. Durante esse tempo, poucas vezes falei com a minha família. As chamadas eram caríssimas e os telefones raros. Nem todos tinham um conhecido estrangeiro, que aceitasse ter o número de telefone no seu nome. Comi o pão que o Diabo amassou, como se diz por cá. Elas pouco pão tinham. Como Penélope, a minha mulher foi tecendo a rede de contactos e documentos. Não para me esperar, mas para vir até mim.

Naquela noite, Ramón ligou-me ainda mais eufórico do que de costume. As palavras atrapalhavam-se-lhe na boca e, no início, pouco consegui perceber. Fui ouvindo entrecortadamente: "Maribel...hijas...aeropuerto...mañana..." Desesperava no grito que lhe lancei. Abrandou o ritmo. A minha vida recomeçava ali.

— Conta-me, outra vez, como foi o nosso reencontro — pediu a minha menina, apesar de se lembrar muito bem.

Continuamos deslumbrados com a dádiva que a vida nos proporcionou. Em casa, mantemos a memória. A nossa terra será sempre aquela em que nascemos e onde ficam os nossos mortos. Às vezes, penso que deveria ter ficado e lutado pela liberdade. Mas é difícil lutar sem pão na mesa. É difícil erguer a voz contra a repressão, a prisão, a tortura, se as nossas armas não passam de um punhado de mãos cheias de gritos.

Daqui posso pôr mais pão na mesa dos que ficaram. A opressão não conhece a dignidade. Recebe bem o dinheiro dos que partem.

Afinal, nunca deixei o meu país. Foram os senhores da ditadura que o fecharam para mim.

Não me arrependo. Escolhi o lado certo. A minha pátria é a liberdade.



Arriguei os olhos no escuro, em vão. Teria sido o ressalto de uma queda? O sonho de um sismo, talvez. Os cabelos a cobrir-me a cara, os lençóis enrolados nas pernas e as mãos perdidas, às cegas, na procura de pontos de referência.

Finalmente, encontrei a cabeceira da cama. Com estranheza, dei pela ausência da almofada. Em todo o terreno de colchão palmilhado não tivera sinais da sua localização. Guiei-me no escuro até à mesinha de cabeceira, ao pequeno candeeiro, ao fio elétrico. Com as duas mãos, percorri-o até chegar ao interruptor que, para minha desilusão, não respondeu a nenhum dos cliques consecutivos.

Apeei-me e avancei, às apalpadelas, até à sala. Atravessei-a com passos lentos e cautelosos na direção onde sabia estar a porta para a varanda.

Abri-a e saí.

Os postes de iluminação da rua estavam todos apagados, apesar de o Sol ainda não ter nascido. Mas havia uma penumbra que parecia anunciar a proximidade do levantar da noite e que permitia distinguir os contornos dos edifícios e das copas das árvores.

«Segui apoiada pela bancada e pela intuição, até encontrar o antigo rádio a pilhas que, nesta morada, apenas exerceu funções decorativas.

A ter acontecido alguma coisa, os postos de rádio poderiam estar a reportar o sucedido.»

Tudo me parecia calmo e ainda adormecido, até reparar que o chão ondulava, como se tivesse vida própria e movimentos respiratórios. Foi difícil fixar o olhar, pela escassez de luz, mas, aos poucos, os contornos de uma, de outra e de tantas outras cabeças tornaram-se nítidos. Dezenas de pessoas, talvez centenas, serpenteavam com movimentos lânguidos e, aparentemente, sem destino definido.

«Um arrepio sacudiu-me os ombros e ouriou-me os cabelos na parte alta da nuca. Tive vontade de gritar para chamar a atenção de alguém, uma pessoa qualquer, que me pudesse explicar o que estava a acontecer.»

Voltei para dentro de casa. Os interruptores das luzes continuavam sem responder. Atravessei a sala, desta vez, de forma menos lenta e ainda menos cautelosa e dirigi-me para a cozinha. Segui apoiada pela bancada e pela intuição, até encontrar o antigo rádio a pilhas que, nesta morada, apenas exerceu funções decorativas. A ter acontecido alguma coisa, os postos de rádio poderiam estar a reportar o sucedido. Enchi-me de entusiasmo por encontrar pilhas no seu interior, mas foi fugaz. Por mais voltas que desse aos botões, o aparelho não emitia som algum.

Pela terceira vez, atravessei a sala. A meio do percurso, tropecei nos pés de uma cadeira; colisão que me fez calcular um desvio da minha rota em cerca de meio metro. Ainda não tinha recuperado o equilíbrio quando a queda aconteceu, culpa da crónica ponta levantada do tapete velho que, habitualmente, conseguia evitar sem sequer olhar para ela. Acabei por regressar à varanda com um cotovelo esfolado e a respiração a denunciar um nervosismo crescente.

Não se ouviam vozes na rua. Apenas sussurros sibilantes, que se uniam numa sinistra sinfonia. Havia mais pessoas nas varandas e nas janelas dos prédios vizinhos. Alternavam o levantar da cabeça para contemplar o céu e a troca de pequenos comentários com alguém próximo. Era aterradora e inexplicável a forma como parecia que todos falavam em segredo.

A minha vizinha do lado também estava na varanda. Rezava o terço, em silêncio e de olhos fechados, com as mãos magras e caveiroosas a fazer avançar uma bolinha de cada vez. Perguntei-lhe, em surdina, se sabia o que se passava. Na ausência de resposta, inclinei-me um pouco para fora da varanda e acenei timidamente com um braço para reforçar o meu apelo. Mas ela, mais uma vez, não mostrou intenção de interromper a oração por minha causa. Fui incapaz de chamá-la em voz alta. Ninguém estava a fazê-lo em lado nenhum.

Um arrepio sacudiu-me os ombros e ouriou-me os cabelos na parte alta da nuca. Tive vontade de gritar para chamar a atenção de alguém, uma pessoa qualquer, que me pudesse explicar o que estava a acontecer.

Atravessei a sala mais uma vez, aos tombos e

encontrões. Vesti um casaco ao acaso e calcei os primeiros sapatos que me encontraram na escuridão que, por sorte, eram par um do outro. Os elevadores não funcionavam. Desci as escadas desde o quarto andar, a correr.

A rua estava cheia de pessoas, que andavam aos ziguezagues e quase roçavam umas nas outras. À minha frente, caminhavam dois homens, vindos de direções opostas. Assumi que iam ao encontro um do outro.

— Está tudo parado.

Nada ouvi, porque nada foi dito. Apenas consegui ler as palavras ocultas de um deles, no gestacular lento e exagerado dos lábios. Não se aperceberam ou ignoraram a minha presença, e continuaram os seus caminhos que, afinal, não se chegaram a cruzar.

Decidi avançar. Perfurei a multidão rumorejante. Ao meu lado, outros dois homens segredavam entre si. Estavam tão perto e caminhavam tão lentamente que consegui ouvir parte da conversa. Diziam que não havia carros nas estradas e que os barcos estavam todos atracados. Fiz-lhes sinal com a mão, ao qual me responderam

com um aceno de cabeça afirmativo, apesar do olhar desconfiado. Respeitando o comportamento social instituído naquela madrugada, avancei devagar para eliminar o escasso metro que me separava deles e sussurrei-lhes.

— Isto está assim há muito tempo?

— Isto?

— As pessoas... A noite?

— Parou.

— Parou o quê?

— Está tudo parado.

— Tudo?

— Tudo.

— Que horas são?

— O que interessa isso, agora?

Deram a conversa por terminada, retomaram a marcha e deixaram-se engolir pela leva dormente.

A penumbra mantinha-se, apesar de ter passado tempo suficiente para que o céu tivesse aberto com a chegada da manhã, assim como a vizinha do lado continuava na varanda a rezar o terço. À minha volta, as pessoas cambaleavam com os olhos semicerrados. Sentia-me a única pessoa desperta no meio de uma multidão em transe, onde os sussurros se desvaneciam e a

letargia se acentuava. O coração pontapeava-me o peito e não me dava tempo de encher completamente os pulmões de ar antes de deixá-lo fugir aos tropeços.

Foi então que vi, lá mais à frente, um menino sozinho a brincar com uma bola. A multidão tinha aberto uma clareira ao seu redor. Corria e saltava, com gargalhadas contidas, mas de satisfação. Dirigi-me ao seu encontro em passo lento. As minhas pernas, cobardes, não permitiam que as movesse à medida da minha inquietação.

O menino interrompeu o jogo solitário, segurou na bola com as mãos e saudou-me com um sorriso nos lábios e nos olhos. Senti que aguardava a minha chegada e sorri-lhe de volta.

— Tu queres saber o que se passa, não é?

— Dizem que parou tudo.

— Afinal, sabes.

— Sei? Mas parou o quê?

— Tudo.

— Não percebo... Eu nem sei que horas são.

— É isso.

— Isso, o quê?

— O que não percebeste, é que isso, agora, já não interessa nada.

Inclinou a cabeça para a frente. Os olhos, que se mantiveram fixos nos meus, ganharam voracidade. O sorriso, antes afável, era agora ameaçador. Deu dois passos seguros à retaguarda e mergulhou no charco de gente cada vez mais inerte, de onde ecoou a sua gargalhada infantil.

Tentei sair de onde estava, mas não conseguia mexer-me. Alguma coisa estava a controlar-me e também o estava a fazer com os outros. Éramos centenas de pessoas inertes, no meio da rua, incluindo a vizinha do lado, cujo carapito grisalho reconhei uns metros à frente.

De repente, o chão tremeu. Um tremor que reverberava pelas minhas pernas. As árvores e as casas começaram a mover-se rua acima, de forma síncrona de ambos os lados da estrada. Vi passar a rua inteira, enquanto o chão balan-

**«Foi então que vi,
lá mais à frente, um
menino sozinho a
brincar com uma bola.
A multidão tinha
aberto uma clareira
ao seu redor.»**

çava com o compasso de um comboio sobre os carris. A escola, o mercado, a torre da igreja, até não haver mais nada à minha volta. O meu corpo desvanecia-se. O dos outros também. Transformámo-nos numa nuvem de poeira suspensa que, num ápice, se dissipou.

Arregalei os olhos. Todos os músculos responderam num espasmo só e fizeram os lençóis voarem para lá dos limites da cama. A respiração urgia, trôpega, contra as paredes da minha garganta. O ressalto de uma apneia prolongada? O pesadelo de uma asfixia, talvez. A luz do exterior, refletida pelas paredes, iluminava toda a casa. Provavelmente, teria amanhecido há várias horas.

Levantei-me da cama. Descalça, senti que o chão fervia. Atravessei a casa em bicos de pés, com os olhos franzidos, até chegar à varanda. Lá fora, nada se deixava ver. Nem o céu, nem os prédios vizinhos, nem a estrada. Tudo estava ocultado por um fogo branco que, sem perceber de onde vinha, ardia em toda a parte. Ouvi uma gargalhada, vinda da varanda da vizinha. Os feixes de luz impediam-me de manter os olhos abertos por mais que breves segundos, mas conseguivê-lo. Era ele, o rapaz da bola, debruçado sobre o parapeito. Esperava-me, com o corpo inclinado na minha direção, desafiador, e sem quaisquer sinais de cegueira.

— O que estás a fazer aí?

— Vai começar.

— Começar o quê?

— Tudo.

— Tudo o quê?

— A tua vizinha já foi.

— Para onde?

O rapaz trepou pelo gradeamento do parapeito, passou as pernas para o lado de fora e saltou. Não caiu; planou como uma águia, trespassou a bruma de luz e desapareceu.

Não tive tempo para pensar ou questionar coisa alguma. Nesse instante, senti o meu corpo ser arremessado por um vigoroso empurrão nas costas, que o fez precipitar para o vazio.

— Voa!

Arregalei os olhos.



A NATA DA ESCRITA

CLÁUDIA
PASSARINHO

Sempre quis ser escritor. É fácil decorarmos os quilos de farinha, os decilitros de leite ou os gramas de açúcar para os doces que queremos confeccionar, mas, anotar essas quantidades, assalta qualquer pessoa. Não tinha doutoramento em literatura portuguesa ou daqueles em línguas germânicas e afins. A possibilidade em aberto era «pastelar». Neste ato, não reina a capacidade de cuspir palavras, também não reina o julgamento e a luta aguerrida entre letrados. Ser pasteleiro tinha vantagens. Aliás, foi no tempo livre, enquanto procurava viver sem escrever, que criei o famoso *Pastel de Nata*.

Descobri, que o novo pastel tinha todas as hipóteses de me aliviar a ansiedade quando ainda estava no forno. Em formas metálicas, estrategicamente falantes pelo cheiro, eram um conjunto que me adivinhava os pensamentos.

Criei o nome, *Pastel de Nata*, na privacidade. Se falasse antes do tempo poderia começar uma guerra e, impaciente, vivi as variadas tentativas, até aperfeiçoar a fórmula.

«**Descobri, que o novo pastel tinha todas as hipóteses de me aliviar a ansiedade quando ainda estava no forno. Em formas metálicas, estrategicamente falantes pelo cheiro, eram um conjunto que me adivinhava os pensamentos.»**

Sentava-me no mocho do meu avô e acompanhava o tempo de cozedura. De olhos cravados na porta do forno, desculpava a minha falta de jeito na escrita, com os livros que não li ou os pais analfabetos que tive. Evitava a todo o custo encarar o único livro que tinha na estante: *Cartas*

a um jovem escritor de Colum McCann. Mas o azul da capa, quase encostado ao rabo do elefante de loiça, puxava-me sempre para as profundezas do desejo. Depois, focava-me nos ossos dos joelhos dobrados, que imbicavam para fora como se indicassem o caminho de um ponto invisível e catastrófico. A minha condição era analisar ao milímetro a cozedura, garantindo o borbulhar e a combinação entre o creme de nata e a massa folhada, uma fragrância amantegada e delicada, adocicada e hipnotizante. Assim começou. Levou um semestre para um erro de principiante se instalar no mundo. A receção da minha nova sobremesa foi estrondosa. Logo no primeiro dia, em que levei as amostras para a pastelaria, enterrei o defunto; o livro que nunca comecei. O meu Pastel de Nata, tornou-se no culpado. De cada vez que alguém lhe dava uma trinca e eu ouvia o estalar do folhado, era impossível não pensar nas letras e em como me faziam feliz. Porém, eu era pasteiro, o meu comportamento tornava esta debanda única e o meu doce passou a ser uma espécie de porta fechada. Mesmo que me quisesse levantar e sair da sala, eu não sabia da chave para a abrir. O descalabro começou quando a palavra se expandiu. Na boca do mundo estava o paladar e a palavra pastel.

Dias depois, irrompeu pela cozinha da pastelaria um estranho. De fato, elegante e composto. Tenho consciência de que fiquei semicerrado – a cotovelada do Armando serviu o seu propósito. Desmontei o rosto. Limpei as mãos enfarinhadas ao avental e criei o mais falso-e-confiante aperto de mão. Senti medo. O homem foi direto ao assunto, «chamo-me Vladimir e peço-lhe que me entregue a sua receita. Pode ficar rico com tanta doçura». Pareceu-me passar demasiado tempo até ouvir a minha voz, «está tudo na minha cabeça. Nunca a escrevi», salientei. «Mas escreva-a, homem», pediu-me. «Sabe, eu tenho uma relação estranha com as palavras. Sempre quis ser escritor, contudo quando escrevo sofro de palpitações». Não insistiu. Expeliu umas gotas de muco pelas narinas e saiu batendo com a porta, não sem antes deitar-me um olhar, o que me fez ficar a latejar ouvindo o sangue a escorregar-me pelas veias. A receita da minha iguaria

«Dias depois, irrompeu pela cozinha da pastelaria um estranho. De fato, elegante e composto. Tenho consciência de que fiquei semicerrado – a cotovelada do Armando serviu o seu propósito. Desmontei o rosto. Limpei as mãos enfarinhadas ao avental e criei o mais falso-e-confiante aperto de mão. Senti medo. O homem foi direto ao assunto, «chamo-me Vladimir e peço-lhe que me entregue a sua receita.»

tinha-se metamorfoseado e senti que acabara de pôr a minha alma em risco.

Durante vários meses chegavam-me ao correio bilhetes ameaçadores. Letras recortadas e coladas manchavam o branco. Uns diziam que tinha poucos dias de vida, outros, que a morte seria uma bênção, depois de tudo o que queriam fazer com o meu corpo. Registavam procedimen-

tos, amputações, privações de sono. As letras ondulavam, enquanto a minha visão humedecia de terror.

Ponderei muito e acabei por contar ao chefe as ameaças de que sofria. Pedi-me detalhes e, talvez para me aliviar da tensão, aconselhou-me a superar o medo da escrita, «Escreve o raio da receita. Ou então vai à polícia. Já te vejo raptado a esvaires em sangue numa cave mofada». O

**«Aguentei minutos.
Pensei em todos os
livros que nunca li, nas
histórias que nunca
narrei, nas cartas
que nunca enviei. Em
seguida, fui colhido
por imagens alegres
da infância que passei
com os meus pais, os
animais da quinta, a
Julieta, a minha égua
de eleição. Concluí
que existia do lado
errado da narrativa.
Ainda senti o contraste
do mármore frio e do
sangue morno.»**

fantasma do desconhecido era mais perturbador do que o provável morto que poderia tornar-me. Aceitei o conselho. A minha criatividade em sobremesas nunca iria acabar. Sobremesas há muitas, destino só tinha um. Com dor, registei o modo de preparação. *Escrever é uma tortura mesmo que venha em centilitros e com gramas à mistura.*

Combinámos a entrega à porta da Faculdade de Letras de Lisboa. Eu, mumificado, limitei-me a ficar encostado a um dos pilares, na dúvida se as minhas pernas aguentariam o iminente ataque de nervosismo. Vi-o chegar. Abraçou-me com força e murmurou algo que não compreendi. Por vergonha ou temor, não expressei uma única palavra. Nem sabia por onde começar, qualquer palavra com aquele homem seria desperdiçada. Entreguei-a e viu-o partir satisfeito com a conquista. Dentro do carro, com o motorista a avançar cautelosamente o veículo para a saída, puxou de uma arma e deu-me um tiro. Fiz o que fiz para não morrer. Sem ser suficiente. Aguentei minutos. Pensei em todos os livros que nunca li, nas histórias que nunca narrei, nas cartas que nunca enviei. Em seguida, fui colhido por imagens alegres da infância que passei com os meus pais, os animais da quinta, a Julieta, a minha égua de eleição. Concluí que existia do lado errado da narrativa. Ainda senti o contraste do mármore frio e do sangue morno. As letras gravadas no chão desapareceram no meio de tanto vermelho.

Por milagre, renasci. Emergi nas águas do Tejo, todo nu. Inspirei uma nova oportunidade de vida. De início, senti dor; o diafragma expandido como um balão insuflado. O nascimento é misterioso, mas o renascimento ainda é mais. Num momento estamos vivos e insatisfeitos e, depois de um choque, vivos e satisfeitos. Morrer dá-nos outra perspetiva. Desta vez, não iria fazer pastéis de nata. Sempre quis ser escritor. Estava agora a viver no lado certo.



A TATUAGEM

CARLA
CARMONA

Egresso a casa num horário diferente. Há poucas pessoas no autocarro. Estarão nos seus locais de trabalho. Trabalho, que já não tenho. A empresa teve um mau ano e a decisão foi despedir algumas pessoas, mas manter a frota de carros de alta cilindrada. Fui uma das visadas. Das duas secretárias, calhou-me a mim. Chegamos. Com o vagar que me falta no dia-a-dia, entro na estação de metro, pelo menos não serei esmagada.

Sentada à janela, o movimento mostra-me pessoas, estações, tudo olho sem atenção. Saio na estação terminal, atravesso a estrada e estou em frente ao meu prédio. Os quarenta e oito m² oferecem-me o aconchego de que preciso.

O último mês foi penoso, separei-me do Francisco e agora estou desempregada.

Fazer tudo certo. Estudar, tirar um curso, arranjar emprego, criar uma vida estável, dar aos que têm menos que nós, ser respeitosa, justa, ter compaixão, princípios que me foram incutidos e sempre segui.

Em momentos como estes inter-

**«Sentada à janela,
o movimento
mostra-me pessoas,
estações, tudo olho
sem atenção. Saio
na estação terminal,
atrapasso a estrada
e estou em frente ao
meu prédio.**

**Os quarenta e oito m²
oferecem-me
o aconchego de
que preciso.»**

rogo-me se vale a pena ter ideais, escrúpulos, quando os que deles são desprovidos alcançam o que querem e sem aparente esforço. Detesto ter este tipo de pensamentos, que nada resolvem. Largo a mala, o casaco e o saco na entrada. Decido-me por tomar um duche. Na casa de banho, dispo-me e entro na cabine. A água quente relaxa o corpo,

as gotas doces que caem misturam-se com as salgadas, abraçada pelo aroma de rosas, sereno. Saio do chuveiro com esperança renovada. Confortável no meu pijama, vou até à cozinha aquecer comida que tinha no frigorífico e janto. Após a refeição sento-me no sofá, na companhia de um copo de vinho tinto, a ouvir música. O vinho, em conjunto com o cansaço, tem o efeito esperado, sono. Deixo o copo vazio na sala, lavo os dentes e deito-me. Amanhã o sol volta a nascer.

Pelas nove e vinte cinco acordo. Sem pressa, levanto-me, abro as persianas e deixo o Sol entrar. Preparo torradas e chá. A cozinha é comprida, com porta numa ponta e, no lado oposto, janela. A mesa está junto à janela, a vista não é fantástica, mas a luz aquece-me.

Paulatinamente, lavo a louça, tomo banho, visto-me e saio.

Na entrada do prédio, verifico a caixa de correio.

— Bom dia, Simone. Está boazinha?

— Olá, dona Rosa. Com está?

— Numa quinta-feira, a estas horas aqui? Não esteve já de férias?

— Ainda tinha uns dias. Até logo.

Tal era a minha pressa para sair que nem reparo nas caixas de cartão, umas desdobradas, outras não e que tapam parcialmente a porta, tropeço nelas. À espera de sentir-me a beijar a calçada, sou amparada por algo forte.

A minha visão capta uns olhos castanhos, astutos e perspicazes, e um sorriso de menino malandro.

— Magoaste-te? Desculpa, as minhas caixas estão um bocado em cima da porta.

— Estou bem, obrigada.

— Sou o Leandro. E esta desordem é porque vou abrir um estúdio de tatuagens.

— Simone. Vivo aqui. — Notei que continuava a segurar os meus braços. Despedi-me e dirigi-me à estação de metro.

Vou até ao Parque das Nações, andar ao pé do rio. Caminhar faz-me bem. O rio e o sol afastam as sombras. Confio que vou conseguir ultrapas-

sar este momento.

No regresso a casa, não há caixas à entrada.

Um cartaz na porta anuncia a inauguração para amanhã.

Saí para ir à mercearia fazer umas compras. No retorno encontro Leandro à sua porta.

— Olá. Como hoje é dia de inauguração estou a fazer pequenas tatuagens de graça. Queres?

— Nem saberia o que fazer, ou onde. Mas desejo-te sucesso.

«Tal era a minha pressa para sair que nem reparo nas caixas de cartão, umas desdobradas, outras não e que tapam parcialmente a porta, tropeço nelas. À espera de sentir-me a beijar a calçada, sou amparada por algo forte.

A minha visão capta uns olhos castanhos, astutos e perspicazes, e um sorriso de menino malandro. »

— Sucesso é relativo. Estou sempre a mudar-me. Vou onde preciso ir.

Aproxima-se um rapaz e a nossa conversa finaliza.

Entro no prédio a reflectir no que ele dissera e na forma como o proferira. Era como se me estivesse a dizer mais para além das palavras. No sábado, uma amiga veio ter comigo e passamos a tarde juntas. No domingo dediquei-me às limpezas. Segunda-feira logo pensaria na ida ao centro de emprego, começar a enviar o currículum e responder a anúncios.

«Leandro pega na minha mão e os meus olhos fixam os dele. A minha respiração torna-se ofegante, mimicando a sua. A seguir beija-me, sem pressa, explorador. Beija o pescoço enquanto seus dedos vão percorrendo as minhas costas.»

Leandro está sentado na mesa do canto, a beber um café, quando entram na pastelaria a Rosa e a Joaquina, senhoras dos seus sessenta e oito e setenta e um anos, reformadas, e com tempo livre a mais. Escolhem ficar perto do pilar, para maior privacidade, sem se aperceberem quem ocupa a mesa meio escondida pela coluna.

— Esta semana tem saído a horas sempre diferentes e já tinha estado de férias. Aposto que a despediram.

— Achas mesmo, Rosa?

— Quase de certeza. Porquê não sei. Deve ter feito algo errado. Uma rapariga que cresceu sem pai, sem firmeza. A mãe dizia-se viúva, mas sabe-se lá.

— E agora temos esta gente esquisita a vir até à porta do nosso prédio. Todos pintados, com brincos no nariz, sobrancelhas. Só nos faltava esta.

— O dono também tem os braços e as mãos com tinta, um brinco no nariz e vários numa das orelhas, mas ao menos tem o cabelo rente e não anda com tranças, como é normal na raça deles. A barba e o bigode também estão curtos.

— Aquilo é gente que deve andar a fazer e a tomar o que não devem.

O olhar de Leandro não se altera, enquanto ouve os disparates proferidos por aquelas mulheres, sem raiva, o seu pensamento foi: A humanidade tem ainda tanto para crescer.

Os dias passam e Leandro observa Simone. Quando não está a trabalhar, tenta ir à porta para trocar um olá e algumas palavras. Num dia, a meio da tarde, por trás do balcão e de frente para a montra, vê Simone atravessar a estrada e dirigir-se ao sem-abrigo que se mudou recentemente para a estação de metro. Vê-a entregar-

— Ihe uma sandes, uma maçã e um cobertor. Quando a vê regressar vai até à porta e inter-pela-a.

— Olá, Simone. Entra, por favor.

— Precisas de alguma coisa?

— Queria perguntar-te se queres ir jantar comigo, amanhã?

— Sim. Podemos ir a um restaurante aqui perto. A especialidade deles são as espetadas. A de lulas e a de vitela são fantásticas. Dá para ir a pé.

— Como fecho às sete horas, teria de ser às oito.

— Sem problema. Venho ter aqui por volta das dezanove e quarenta?

— Ok.

Entram clientes na loja e Simone regressa à sua casa.

Sábado, encontram-se, como combinado. No restaurante envolvem-se em diálogo, deixan-do o empregado a fervilhar, por continuarem à mesa sem consumir.

— Querem algo mais?

— Não, pode trazer a conta, por favor. — Leandro sorri-me. — Estamos a ser expulsos.

Apesar de lhe sorrir, fiquei chateada, estava a gostar da nossa conversa, da energia entre nós. Convido-o a beber um copo em minha casa.

— Tens a certeza? Eu adoraria continuar na tua companhia.

Saímos do restaurante e caminhamos até à minha casa. O diálogo sobre filmes foi leve, mas havia mais intensidade entre nós. Chegados ao prédio, abri a porta de entrada e ele segurou-a para eu entrar. Já em casa, ajudou-me a despir o casaco e colocou-o, com o dele, no cabide de parede ao lado da porta.

— Tenho vinho tinto e um licor de chocolate.

— Vinho tinto. Eu abro a garrafa. Onde tens os saca-rolhas?

— Na gaveta, do teu lado esquerdo.

Retiro os copos da prateleira de cima e prepa-ro uns frutos secos para acompanhar o vinho.

Fomos para a sala e sentamo-nos no sofá, de copos na mão.

— Falaste-me de diferentes sítios onde tiveste o teu estúdio de tatuagens, há uma razão para andares sempre a mudar?

Vi-o ficar sério, olhar sem centro, enquanto abanava o vinho. Só quando os olhos se focaram em mim me respondeu.

— Algumas das minhas tatuagens são diferen-tes, poderosas, ajudam as pessoas que as têm.

— Tomou um golo de vinho. — Além disso, sou o melhor tatuador.

Rimos e a carga elétrica ficou mais intensa. Ele poisou o copo na mesa, alcançou o meu e fez o mesmo.

Leandro pega na minha mão e os meus olhos fixam os dele. A minha respiração torna-se ofe-gante, mimicando a sua. A seguir beija-me, sem pressa, explorador. Beija o pescoço enquanto seus dedos vão percorrendo as minhas costas. Agarra a camisola e tira-ma, seguida da sua.

Maravilhei-me com a tatuagem tribal que ia do ombro esquerdo até ao pulso. Abre o soutien e as suas mãos movem-se para os meus seios. Baixa a cabeça e capture o mamilo direito, a sensação foi tal que a senti no meu íntimo. Os meus dedos cravam-se nos ombros e agarro-me à cintura dele com as minhas pernas. Ele er-gue-se comigo enlaçada nele e leva-nos até ao quarto. O carinho com que me poisa na cama é o mote para a noite, apesar da intensidade.

— Bom dia, linda.

— Que horas são?

— Isso importa? Hoje é dia de descansar, pre-guiçar e ser.

Acabámos por nos levantar, tomar banho e co-mer torradas com café.

Fomos até Belém. Almoçamos sopa, comemos um pastel de belém e passeamos à beira rio.

— Comentaste que estavas desempregada.

Fazias o quê?

— Era secretária. Tirei a licenciatura em secreta-riado de direcção e administração. Já lá tra-balhava há seis anos. Os últimos dois anos foram difíceis, sendo o último muito mau. Éramos duas, a decisão foi despedir-me.

— A outra, era mais antiga?

— Não, trabalhava lá há três anos.

Leandro questiona-me com o sobrolho levantado.

— Ela é amante do director. Por norma, pen-sa-se que a parte administrativa não é muito importante para a organização, ou que é fácil

substituir por alguém mais novo, logo mais barato, no entanto, sem experiência, será muito mais oneroso para a empresa. Pelos administrativos passa toda a informação, fazem a ligação de todos os departamentos.

— Tiraste a licenciatura no público?

— Sim, tinha uma bolsa e trabalhava a tempo parcial. Como era só eu e a minha mãe, era preciso trabalhar.

— E o teu pai?

— Morreu quando eu tinha onze anos. Um ataque cardíaco. Ficámos só as duas. Ela teve vários trabalhos, mas, enquanto esteve num lar onde tratou de um senhor, a irmã dele gostou da minha mãe. Depois dele ter falecido, ela propôs à minha mãe cuidar dela, e assim foi até à sua morte. Para além do emprego, deixou-lhe o apartamento onde vivo. Tinha imóveis

e o herdeiro era um sobrinho sem relação. Sou muito grata à dona Noémia pela generosidade, deixámos de nos preocupar com o pagamento de uma renda.

Leandro passa os dedos pela minha face até alcançar o pescoço, puxando-me para ele, e beija-me.

— Gostaria de te fazer uma tatuagem. Escolhida por mim. Mostro-te o desenho e se não gostares, altero o esboço até ficar ao teu gosto.

— Vamos ver no papel primeiro.

Ao regressarem a casa de Simone, Leandro começou a fazer o esboço da tatuagem, enquanto ela tratava do jantar. Comeram e ele apresentou-lhe o traçado, trocaram impressões e ela aceitou-o. No dia seguinte, pela manhã, a tatuagem ganhou vida na parte superior do braço esquerdo.

O espelho refletia um olho de mulher enquadrado por rosas e lírios. Aparentava estar a olhar diretamente para quem a observasse, a desvendar segredos.

Um mês depois, a tatuagem estava sarada e a loja fechada. Um acontecimento espantoso. As pessoas regressaram a casa no final do dia, a loja estava aberta e no dia seguinte ao saírem de casa já estava fechada. Vazia, como se durante a madrugada tivessem feito mudanças.

Dois dias depois, Simone recebeu a notícia de que era a escolhida para trabalhar numa das grandes consultoras.

O tempo flui, a dor de hoje amanhã é mais ténue. Meses idos, de regresso a casa, Simone repara num homem, agarrado ao poste do metro e a sua tatuagem que espreita pela camisa. Toca na sua e sorri. A minha tatuagem é diferente.

**«Um mês depois,
a tatuagem estava
sarada e a loja fechada.
Um acontecimento
espantoso. As pessoas
regressaram a casa
no final do dia, a loja
estava aberta e no dia
seguinte ao saírem
de casa já estava
fechada.»**

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



PALAVRAS ENSAIADAS

INÊS
PINTO

«[...] e sem um forte afeto e humanidade no coração, [...] a felicidade jamais pode ser alcançada.»

Charles Dickens

Faltam vinte euros.

Ricardo pousou o rosto infantil entre as mãos. Nem o dinheiro espalhado na colcha de dragões, nem a pequena vaca de porcelana esventrada, o motivavam. Sentou-se no chão, joelhos dobrados, imaginando que obrigava o desânimo a escorregar dos seus pés para debaixo do tapete. *Faltam vinte euros*, o preço do sonho de um rapaz de onze anos.

Quando entrou na cozinha, o silêncio era o habitual. Em tempo de férias, Ricardo só teria a companhia dos pais ao jantar, salvo se houvesse uma urgência na clínica. Em minutos, a Carlota faria a sua entrada vindia da lavandaria.

— Bom dia, menino Ricardo. Vou já aquecer o leite. Que cereais prefere hoje?

Uns que fossem mágicos, pensou. Agarrou no pacote dourado e sen-

«Quando entrou na cozinha, o silêncio era o habitual. Em tempo de férias, Ricardo só teria a companhia dos pais ao jantar, salvo se houvesse uma urgência na clínica. Em minutos, a Carlota faria a sua entrada vindia da lavandaria.»

tou-se ao balcão. Não lhe apetecia conversar, apesar de a Carlota ser meiga e fazer cócegas atrás das orelhas. Ela vivia com eles desde sempre e tratava-o como um neto. Esforçou-se por engolir a má disposição.

— Vai ficar mais arrebitado com a surpresa que os Senhores Doutores lhe prepararam! — Esguiou o olhar. Sem surpresa as duas esmeraldas ganharam brilho. — Os paizinhos pediram-me para o levar comigo às compras. Assim, ganha uma corzita e pode escolher um presente. *Mais um habitante para a estante vazia de afeto.* Ricardo grunhiu; Carlota acreditou ser entusiamo.

Ricardo balouçava o saco como se carregasse um fardo do seu tamanho. Faltavam vinte euros e não arranjara ideias para os conseguir. Carlota contava histórias da aldeia, de tempos incompreensíveis para Ricardo, mas a certa altura sentiu-se a viver no aconchego dessas memórias. Havia carinhos, havia carinhos, menino. Cinco tostões de confeitos, bolinhas de açúcar, na mercearia da Dona Anita. Cinco tostões, vinte euros, cinco tostões. Vinte euros, quantos tostões seriam?

Ao jantar, a esperança coloria o rosto do menino.

— Mãe, pai, como foi o vosso dia?

— Atarefado, mas pelo menos não houve fatalidades. O tempo aquece, os pais facilitam.

— Começam os descuidos com as piscinas, insolações, otites, roséola, para não falar das viroses. Essas são todo o ano — completou o Ricardo.

— Rogério, vê como o nosso filho é um prodígio. *Sim, mãe, Doutora Beatriz, sou como as esponjas dos arranjos de flores que te oferecem. É só deitar água, que elas sorvem em segundos, mas não impedem as flores de murchar, algum dia.* Travou o desejo de chorar. As lágrimas são o adubo da fraqueza, avisaria o pai. *Faltam vinte euros.*

Nessa noite, enquanto a mãe o aconchegava, Ricardo pedia que os sonhos oferecessem ideias para conseguir a quantia em falta. Não podia tirar da carteira de alguém, porque era errado; vender as consolas e os jogos novos, só depois das férias, e teria de arranjar uma desculpa para se desfazer dos objetos. Deixou a mãe fechar a porta e levantou-se. Sem ligar a luz, com a cumplicidade do luar, aproximou-se da estante metálica, o monstro da sua infância. Sacudiu a cabeça e pousou a mão no livro encostado à vaca mealheiro numa das prateleiras.

«**Nessa noite,
enquanto a mãe
o aconchegava,
Ricardo pedia que os
sonhos oferecessem
ideias para conseguir
a quantia em falta.
Não podia tirar da
carteira de alguém,
porque era errado;
vender as consolas
e os jogos novos, só
depois das férias,
e teria de arranjar
uma desculpa para
se desfazer dos
objetos.»**

Ricardo regressou à cama e acendeu a lanterna, escondida debaixo do colchão. Riu-se da parvoíce. Ninguém o questionaria sobre a necessidade de ter o objeto. Oliver Twist era o seu amigo invisível. Com ele corria pelas ruas londrinhas, a escapar-se de ladrões e assassinos. *Que vida dura, meu amigo. A minha história é diferente da tua; mas partilhamos o mesmo sentimento.* Adormeceu nos braços da esperança. Ao acordar, pouco se importou com o silêncio. A vontade é o combustível do sonho. *Quanto menos se der importância ao que nos assombra, menos medo temos,* concluiu Ricardo. Depois do pequeno-almoço, telefonou à Maria-nana, colega da escola. Ela vivia a pouca distância e os pais permitiam que fosse brincar com ele.

durante a tarde. Apesar da insistência, nada revelou, quando lhe pediu que trouxesse uma pulseira da mãe.

Quase não almoçou. Receava que a amiga não conseguisse a joia e compreendia; afinal seria arriscado. Por isso, pediu-lhe que encontrasse uma pouco valiosa. Resistiu à curiosidade da Mariana, tal Tom Sawyer, sempre determinado a esconder os disparates. A leitura era uma companheira desde os seis anos. Embrenhado nas páginas, chorava, ria, viajava, estudava as personagens e fazia delas suas confidentes ou

forças a combater. Enquanto lia, sentia-se dono da sua infância, dos sabores com que celebraria a fase mais pura da vida. Amava as suas prateleiras de madeira, onde depositava tesouros em folhas, mundos de afetos em papel.

Contou os segundos, mas a tarefa era pouco graciosa; limitou-se a viver o tempo como se fosse uma criança. Soltou uma gargalhada. Na realidade, não passava de uma criança, segundo as leis dos adultos.

Pela janela, viu-a. A correr, abriu a porta e levou-a para o estúdio de brincar.

— Calma, Ricardo.

Mariana deliciava-se com aquele espaço. A sala, em forma de retângulo, com janelas rasgadas para o jardim com piscina, definia o paraíso. Estantes repletas de livros cobriam uma das paredes. Do lado oposto, uma secretária com um computador junto a um espaço com sofás, tamanho de crianças, e uma mesa-redonda ao centro. No canto mais afastado da entrada, um enorme televisor fixo na parede com um cadeirão de jogador profissional. As duas consolas, que jaziam na estante metálica do quarto, nunca fizeram parte do cenário. Ricardo chamava-lhe o estúdio de incubação infantil. Os livros de medicina pediátrica, o chameamento tecnológico, não lhe interessavam. Gostava de se sentar no sofá a ouvir as histórias da Mariana.

— Conta-me outra vez o fim de semana na Serra da Estrela. Visitaste uma queijaria e os teus pais...

— Já a sabes de cor. Para quê repetir?

Ricardo baixou o olhar. Não queria afugentar a amiga, ou que pensasse que ele sofria de alguma obsessão. Desejava profundamente apropiar-se das histórias para alimentar o seu próprio sonho, mas não o podia confessar.

— Tens razão. Gosto de ler e as tuas histórias são magníficas. É só por isso. — Começou a tirar espições imaginários. Suspirou.

— Olha, Ricardo, somos amigos desde o infantário e sei também que nos últimos tempos tens-me parecido alheado. Usei bem a palavra,

«Mariana deliciava-se com aquele espaço. A sala, em forma de retângulo, com janelas rasgadas para o jardim com piscina, definia o paraíso. Estantes repletas de livros cobriam uma das paredes. Do lado oposto, uma secretária com um computador junto a um espaço com sofás, tamanho de crianças, e uma mesa-redonda ao centro.»

«Fechou a porta do quarto e saltou para a cama. Tapou a boca, porque não confiava que a alegria não se revelasse num sonoro «consegui».»

certo? Alheado, é mesmo assim que andas. Depois pedes-me para arranjar uma pulseira da minha mãe. O que se passa?

Ricardo já decidira partilhar parte do plano à amiga. *Faltavam vinte euros.* Isto não lho diria. — Pretendo oferecer um presente à Carlota, mas vou enganá-la. Digo-lhe que quero comprar uma prenda para a mãe. Ela dá-me o dinheiro e depois mostro-lhe a pulseira. Por isso, não posso usar uma da minha mãe, porque a Carlota vai reconhecê-la. — Por ora, escondeu da amiga o verdadeiro golpe teatral.

Mariana derreteu-se com a bondade do amigo. No fundo, sabia que a empregada era como família para o Ricardo. Desconfiava que se sentia sozinho, mesmo que tivesse tudo o que desejava. Ou talvez não.

Tirou a pulseira de couro com uma medalha em forma de árvore.

— Empresto-ta por dois dias. A mamã vai trabalhar na associação e acredito que não dará pela falta.

O abraço selou o compromisso entre os dois amigos.

Faltam vinte euros. Quando terminou de escrever o diálogo, foi à cozinha. Encontrou a Carlota a preparar-se para ir ao centro comercial.

— O meu menino sempre pronto a horas. E

hoje vamos comprar a prenda para a mæzinha. Quando se aperceber do dinheiro gasto, já estará a abraçar o meu pequenote. Ricardo sorriu-lhe com o olhar. Perscrutou os movimentos dela numa antecipação que pretendia controlar. *Sou uma criança.* Será que consigo? Quando se apercebeu da nota azulada, encarnou Oliver Twist e, com a serenidade devida, colocou o dinheiro na carteira. Faltava agora que tudo corresse como planeado no centro comercial.

Fechou a porta do quarto e saltou para a cama. Tapou a boca, porque não confiava que a alegria não se revelasse num sonoro «consegui». Numa mão segurava a pulseira; na outra a nota azulada. A Carlota não suspeitara da tramoia: enquanto esperava na secção do talho, ele pedira para ir ver a bijuteria. Nunca fora um miúdo desobediente, trunfo de caráter infalível. Passou algum tempo na secção dos livros e regressou para junto da empregada. Mostrou-lhe o embrulho em papel colorido, feito pela Mariana, e garantiu-lhe que já pagara. Justificou-se com o entusiasmo de ter adorado a pulseira. Quando regressaram a casa, apesar de a Carlota não querer que estragasse o embrulho, Ricardo mostrou-lhe o presente. *Ver com os próprios olhos, não é assim para fazer crer?* A empregada bateu palmas, deu-lhe um beijo repenicado e iniciou as suas tarefas.

Já não faltam os vintes euros. Faltam as palavras ensaiadas.

Embora não delirasse com a tecnologia, encontrou a aplicação. Chamou a Carlota ao estúdio de incubação e pediu-lhe para ler um diálogo. *Preciso de treinar para a peça de teatro e só tu estás disponível, palavras convincentes, ensaiadas.* «Quero marcar uma consulta para o meu filho. José Maria Azevedo. Nove anos. Sofre do coração. É carente, mas há outro problema. Uma mæe sabe. Já agora, prefiro ter logo as duas opiniões. Marque para o Doutor Rogério e para a Doutora Beatriz. Eles trabalham juntos, certo? Um pediatra e uma psicóloga ajudarão o meu filho. Pago as duas consultas, claro! Dinheiro não é problema. O importante é o meu José

 Maria. Sim, é este o número de telemóvel. Na próxima sexta-feira? Às quatro? Lá estaremos. Obrigada.» Se a Carlota percebeu as coincidências, não o referiu. Nem suspeitou dos dois telefonemas que Ricardo fez durante a tarde. À noite, os pais autorizaram que fosse passar algumas tardes a casa da Mariana. Avisar a Carlota seria suficiente. O pai da amiga viria buscá-lo.

«Mariana aproximou-se e tocou-lhe no ombro. O pai dela lançou-lhe um sorriso de coragem. Empurrado pelo amor que nele vibrava, memorou a entrada em cena: «Está tudo bem. Sim, sou o José Maria Azevedo e não é tempo perdido, posso pagar. Sou uma criança, o vosso filho. Não encontrei outra forma; agora vão olhar para mim.» Mais palavras treinadas.»

Sexta-feira, três da tarde. O pai da Mariana continha as lágrimas por detrás dos óculos de sol. Não suportava o sofrimento daquele menino e surpreendera-se com o alcance do amor de um filho. Quando Ricardo lhe contou o seu plano, decidiu ajudar. Desejava que fizessem o mesmo pela filha. Crua realidade dos dias de hoje. Criamos, educamos e esquecemos-nos de conjugar o verbo amar nas suas variantes mais simples.

Cinco minutos para as quatro. Entraram na clínica e subiram ao piso dois. A rececionista, contratação temporária, cumprimentou-os e pediu o nome. «José Maria Azevedo. Aguarde um pouco, os doutores já estão no consultório a preparar a sessão-consulta». Ricardo enlaçou as mãos. A funcionária não o reconheceria.

Pouco depois, tocou a central de chamadas. «Sim, já está aqui. Sim, Doutor. Podem-me acompanhar. Cinco, seis, sete passos. É essa porta à direita.» Voltou apressada para a receção.

Ricardo estacou. Já não faltavam vinte euros. Só um gesto. Mariana aproximou-se e tocou-lhe no ombro. O pai dela lançou-lhe um sorriso de coragem. Empurrado pelo amor que nele vibrava, memorou a entrada em cena: «Está tudo bem. Sim, sou o José Maria Azevedo e não é tempo perdido, posso pagar. Sou uma criança, o vosso filho. Não encontrei outra forma; agora vão olhar para mim.» Mais palavras treinadas.

Aproximou-se da porta e ouviu José Maria Azevedo. Não se mexeu. José Maria Azevedo. Empurrou a porta e olhou os pais. A perplexidade deles não desmoronou o sonho. Ricardo limpou as lágrimas, que, para ele, eram adubo da coragem.

Explodiram as palavras ensaiadas, libertou-se o travo do coração.



PER FICTA, RESISTERE

NUMA MANHÃ DE NEVOEIRO

NUNO
GONÇALVES

1.

— Ó Silva, e ele atravessou o mar a cavalo ou a nado?

— E vinha vestido com aqueles fôlhos todos como na pintura?

— Percebiais alguma coisa do que ele dizia? Falava portunhol ou espanholês?

— E era mesmo uma manhã de nevoeiro, não era?

O tal Silva, sentado a olhar para a cerveja que esmorecia no copo sujo, era impermeável às perguntas que os outros lhe atiravam, em pé, de roda da sua mesa. Quando um deles, o Cabrita, tocou no ombro de Silva — não agarrou, não bateu, tocou apenas, talvez para perceber se sentia as respostas no capote coçado — ele afastou-se num salto, derramando a cerveja na mesa e no chão. Alguém assobiou, baixinho, como se percebesse, e depois sobrou apenas o som da bebida a pingar.

Silva voltou a sentar-se, sem esperar que a mesa fosse limpa, e falou baixo, mas firme:

«**O tal Silva,
sentado a olhar
para a cerveja
que esmorecia
no copo sujo, era
impermeável às
perguntas que
os outros lhe
atiravam, em pé,
de roda da sua
mesa.»**

— Não sei do que estão a falar.

Uns assentiram com a cabeça. O Cabrita não se conteve:

— Claro que sabes! O Rei, homem. O Rei que encontraste na praia.

Silva pôs a boina na cabeça e dirigiu-se para a porta.

— Isso... Tolices da bebedeira.

2.

— ... sendo que o desaparecimento de el-rei Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir deixou o país numa grande—
— Professora! O meu pai diz que ele apareceu em Tavira, no meio do areal e que—
— O meu diz que o Rei foi levado para o Tarrafal e que vai ser—
— Meninos!
— Não, o Salazar prendeu-o em Caxias e a PIDE está a arrancar-lhe as—
— O meu avô diz que ele só voltou porque o país precisa de—
— Meninos! Todos calados, i-me-di-a-ta-men-te!
— de ajuda. O País precisa de ajuda.

3.

Meus caros paroquianos, reservei para hoje um sermão diferente. Todos sabem os rumores que se têm infiltrado nas nossas casas, nas nossas famílias, rumores que abafam as rezas, rumores que chamam pelo pecado, rumores que cantam mais alto que a voz do Senhor.

Todos sabemos como o nosso país tem prosperado, como se mantém no rumo certo, e todos rezamos a Deus Nosso-Senhor para que continue a abençoar o ilustre projeto de uma nação exemplar. Agradecemos, noite e dia, pelo pão que temos na mesa e o teto que nos cobre as cabeças, a paz que nos abençoa, e por esta mesma casa, esta Igreja que nos acolhe e onde podemos orar em conjunto.

E agora vos peço que oreis para não serdes distraídos por falsos profetas, por histórias susurradas que servem apenas para vos distrair do caminho que Deus reserva para todos vós. Orai para não serdes atraídos por esperanças rasteiras, orai para que o demónio não vos tente.

Pois o Salvador chegou, sim, chegou quando Jesus nasceu. E nunca vos esqueçais que já Ele morreu por nós.

Pai Nossa... ➤

«Todos sabemos como o nosso país tem prosperado, como se mantém no rumo certo, e todos rezamos a Deus Nosso-Senhor para que continue a abençoar o ilustre projeto de uma nação exemplar. Agradecemos, noite e dia, pelo pão que temos na mesa e o teto que nos cobre as cabeças, a paz que nos abençoa, e por esta mesma casa, esta Igreja que nos acolhe e onde podemos orar em conjunto.»



4.

24 de março de 1949

FOI DESCOBERTA A IDENTIDADE DO NÁUFRAGO DE TAVIRA

Foi revelada a identidade do homem encontrado na praia de Tavira na manhã de 13 de março. Trata-se de Sebastião Melo Faria, conhecido meliante, ladrão e assassino, a monte desde o final do ano transato. Aguardará julgamento na Prisão de Caxias.

5.

Caetano e Coimbra enfrentaram o chefe de forma distinta. Enquanto ouviam as ordens pormenorizadas, Caetano remexia no cruci-

«O chefe estava satisfeito. Satisfeito por ter conseguido escalar a hierarquia — sacrificando um pouco da sua dignidade a cada degrau que subia, mas era mesmo assim — e por ter a quem delegar aquela missão.»

fixo de ouro que raramente saía de dentro da camisa e Coimbra mastigava as unhas, alternando a mão direita com a esquerda. Nenhum deles queria cumprir o que lhes era comandado. Precisavam apenas de escolher de que teriam mais medo: de o fazer ou de enfrentar os superiores.

— Com todo o respeito, Chefe, mas — tentou Caetano — não seria melhor aguardar mais um pouco e fazer as coisas com calma?

— Sim, chefe. — continuou Coimbra, depois de engolir a unha do polegar. — Com calma, chefe. O chefe estava satisfeito. Satisfeito por ter conseguido escalar a hierarquia — sacrificando um pouco da sua dignidade a cada degrau que subia, mas era mesmo assim — e por ter a quem delegar aquela missão. O telefonema que recebera fora breve. Do outro lado, aquela voz que todos conheciam, que nem precisava de se identificar, e que lhe dissera apenas:

— Resolva isso.

Ele traçara um plano detalhado, o plano da "Resolução" do problema. Agora, só precisava que aqueles dois não o estragassem.

— Têm dois dias para fazê-lo.

— Chefe...

— Por favor...

— Dois dias.

6.

Eles fizeram-no, pois claro.

"Resolveram" o tal de Sebastião. Caetano rezava, Coimbra vomitava. Mas resolveram-no e acomodaram-no numa caixa, transportaram-na para um barco numa noite fria e navegaram para longe da costa, até não se ver terra.

— Fazemos aqui? — perguntou Caetano.

Coimbra assentiu. Agacharam-se para pegar na caixa e içaram-na borda fora.

Quando o mar a engoliu, o nevoeiro matinal abraçou-os.



PER FICTA, RESISTERE

COLEÇÃO ADORA

ANA RITA
GARCIA

Disseram-me:
— Vais trabalhar para o café.
Vais ver: é trabalho honesto e dinheiro certinho.
Aceitei. Tinha de pagar o quarto nas águas-furtadas, sem elevador, da Rua dos Correeiros, onde o que me restava dos pertences ainda se empilhava devido à falta de mobília. O dinheiro até podia ser certinho, mas a quantidade era parca.

Disseram-me:
— Só precisas de servir cafés.
Achei ter ultrapassado desafios piores, daqueles que nos obrigam a calar, fugir e esconder, mas enganei-me. Depressa descobri que, àquele balcão, ninguém pedia café. Pediam café curto, café longo, café cheio, café duplo, café sem princípio, café em chávena escaldada, café com cheirinho, carioca. Às vezes, trocavam-me as voltas e pediam carioca de limão. Depois pediam café com leite, meia de leite, galão, garoto, pingado, e lá ia eu equilibrar o pacote de leite, para ter certeza das quantidades. Muitos pediam-me bicas, mas ninguém me pedia cimbalinos com sotaque. A todos os

«Depressa descobri que, àquele balcão, ninguém pedia café. Pediam café curto, café longo, café cheio, café duplo, café sem princípio, café em chávena escaldada, café com cheirinho, carioca.»

que procuravam cappuccinos, macchiatos e mochas mandava-os descer a Calçada do Carmo até ao Rossio, que eu nunca servi americanices.

Comprei um caderno para ir tomando nota dos cafés que ia servindo, porque eram tantos e tão diferentes que temia esquecê-los. Achei que, se fossem escritos, os podia

colecionar. Dei por mim a escrever com mais detalhe o freguês do que o café que pedia. Concluí que o mesmo tipo de freguês procurava o mesmo tipo de café e que era mais interessante colecionar fregueses do que cafés.

Agora, escrevo-os nas minhas linhas, prendo-os e levo-os comigo no caderno, Calçada do Carmo abaixo até à Rua dos Correeiros e escada acima até ao quarto nas águas-furtadas. Folheio-os, um a um, à procura daquele que ainda não encontrei, e do qual me continuo a esconder.

Chamam-me:

— Ó menina.

Fecho o caderno, com a caneta entalada entre as folhas, e espreito por cima do balcão. Já não respondo pelo meu nome. Se querem que vos diga, esqueci-me do nome que a minha mãe escolheu. Foi tanto «Ó, menina, isto» e «Ó, menina, aquilo» que se colou à minha pele a alcunha e cansei-me de a contrariar. Mantém-me anónima. Mantém-me escondida. E ainda me mantém jovem. Os anos passam e sem que eu dê conta. Já não sou menina, mesmo que nunca tenham feito de mim mulher.

— Olá, bom dia. Diga, por favor.

— Café cheio.

Nem «Olá». Nem «Bom dia». Nem «Por favor». Nem tampouco «Obrigado». O freguês fixa os olhos no telemóvel, onde o polegar vai desenrolando imagens, textos e parvoíces. Tem barba cortada com régua e esquadro. Fato azul brilhante, camisa engomada, gravata pretensiosa. Ténis brancos, para dizer que tem a vida toda pela frente, que esta dura dois dias e que o Carnaval dura três. O cheiro do perfume, com o qual se banhou, enjoa-me. Pede café cheio, como cheio que está de si, de tão convencido e nariz empinado que é. Dispensa meninas de balcão, só quer senhoras de bem.

— Cinquenta céntimos, por favor.

Pego no manípulo. Bato três vezes, para fazer cair as borras de um outro café. Encho-o de grão moído e encaixo-o na máquina, sem receber um olhar. Sirvo o café, que bebe de um só trago. Vejo-o vasculhar o bolso e atirar a moeda para cima do balcão, com os olhos ainda no telemóvel. Vira costas sem se despedir. Desaparece calçada abaixo antes que o possa insultar.

Abro de novo o caderno e tomo nota. Não é ele que procuro, mas quem procuro também me fazia sentir invisível quando desabava o punho e o mundo sobre a minha mãe. Deixei de ser invisível anos depois, quando a velha do café me deu a mão.

Foi ela que me disse:

— É trabalho honesto e dinheiro certinho. Depois partiu o pé, a perna e a anca. Agora, já não sobe a Calçada do Carmo. E eu, se continuar a subir e a descer estes degraus escorregadios, desnivelados e desiguais, também partirei pé, perna e anca, e depois já ninguém me tirará

**«Pego no manípulo.
Bato três vezes, para
fazer cair as borras
de um outro café.
Encho-o de grão
moído e encaixo-o
na máquina, sem
receber um olhar.
Sirvo o café, que
bebe de um só
trago. Vejo-o
vasculhar o bolso e
atirar a moeda para
cima do balcão,
com os olhos ainda
no telemóvel. Vira
costas sem se
despedir.»**

do quarto nas águas-furtadas, sem elevador, da Rua dos Correeiros.

Desta vez, ouço:

— Bom dia.

Vejo entrar uma mulher com ares de quem vem de longe. Cabelo dourado, apanhado com um elástico farfalhudo, fato de treino colorido, mochila às costas e miúda pequena pela mão. Também já me seguraram assim, como se me quisessem dar tudo, sem me poder dar muito. A pequena sorri. A grande também.

— Um café com leite, por favor.

O português entoado com esforço e os lábios sorridentes fazem-me querer sorrir com elas. Não me acontece muitas vezes. Fecho os olhos a metade e puxo os cantos da boca para trás, numa expressão estranha. Quero ser simpática, perguntar de onde vêm, quanto tempo ficam, mas mantenho a frieza.

— Oitenta cêntimos, por favor.

Martelo o manípulo três vezes, devagar, para me livrar das borras anteriores sem assustar a miúda. A mulher enfia os dedos finos dentro da carteira de pano. Está confusa. Parece pouco habituada a contar aquelas moedas. Despeja cêntimos e euros em cima do balcão e tenta sorteá-los com o indicador elegante decorado com manicura vermelha perfeita. Pouso o copo do café com leite ao lado das moedas. Aceno-lhe e afasta o dedo com vergonha. Desculpa-se com gestos. Escolho os trocos que me interessam com dedos ásperos e verniz castanho estalado. Ela faz questão de lhes pegar e de os deixar com cuidado na minha mão. Pega depois no copo que lhe servi, ajoelha-se e dá de beber à miúda. Fico a vê-las, a grande a segurar o copo, a pequena a beber e a estalar a língua de satisfação.

— Obrigada.

— Obrigada eu.

Saem as duas de mão dada. Não as escrevo.

Não merecem ser presas nas linhas do meu

**«Saem as duas de
mão dada. Não
as escrevo. Não
merecem ser presas
nas linhas do meu
caderno, nem voltar
comigo para o
quarto nas águas-
furtadas. Merecem
ser livres e felizes,
como não fui, não
sou e talvez nunca
serei. Protegeram-
me quando me
pegaram na mão e me
levaram, mas deixei
mãe, sonhos e futuro
para trás. Também
achei ter deixado
o pesadelo, mas
ele perseguiu-me.
Espreita-me por cima
do ombro quando quer
e atormenta-me.»**

caderno, nem voltar comigo para o quarto nas águas-furtadas. Merecem ser livres e felizes, como não fui, não sou e talvez nunca serei. Protegeram-me quando me pegaram na mão e me levaram, mas deixei mãe, sonhos e futuro para trás. Também achei ter deixado o pesadelo, mas ele perseguiu-me. Espreita-me por cima do ombro quando quer e atormenta-me. Mesmo tendo recomeçado a vida ao balcão do café, o pesadelo continua comigo. Nunca lhe fugi porque passou a fazer parte de mim.

Interrompem-me os pensamentos:

— Anda cá, menina.

Deixo chávenas e copos submersos em água e detergente. Limpo as mãos ao avental, devagar. Reconheço a voz e reconheço o tom. Passa aqui todos os dias, mas nem todos de bom humor, nem todos os dias sozinho.

— Olá, bom dia. Diga, por favor.

Este freguês sorri, olhos postos na blusa velha que abotoo sempre até ao colarinho. Tem o cabelo puxado para trás com uma quantidade exagerada de gel. Sorri e aparecem os dentes tingidos pelo tabaco ao qual tresanda. A barba, de quem nem é novo nem é velho, escurece-lhe parte do rosto e desvia a atenção das rugas que se lhe rasgam na testa.

— Arranjas-me um café duplo, jeitosa?

Gingão, brinca com a carteira, tão inchada quanto o seu peito. A aliança reluz no anelar, mas ignora-a com frequênciia. A camisa enfiada dentro das calças de sarja está-lhe colada ao tronco. Sinto-me desejada, culpada, atrapalhada. Bato três vezes com o manípulo do café, respirando fundo, e recomeço o ritual.

— Chávena escaldada, já sabes.

Sei, sim. Conheço-lhe os hábitos e os gestos. Observo, enquanto segura a chávena com as pontas dos grandes dedos, esticando o mindinho num malabarismo improvável, que condiz pouco com o homem que é. Café duplo porque, quando aqui vem na companhia da sua senhora, se parece com um pajem, e, quando vem sozinho, se parece com o rei da Calçada do Carmo.

— Setenta céntimos, por favor.

Abre a carteira, cheia de cartões, talões, fotografias de família, e tira de lá um euro. Deixa-o

em cima do balcão e empurra-o na minha direção com o indicador.

— O troco é para ti.

Pisca-me o olho e sai. Vai à vida dele. E fico ali, a vê-lo sair. Unhas nervosas a baterem no balcão, o pouco verniz que resta ameaça saltar. As chávenas e os copos continuam esquecidos no fundo do lava-louças, afogados em água e detergente. Abro o caderno e escrevo, apesar de já o ter colecionado antes. Pede sempre o café duplo em chávena escaldada, mas continuo a repetir a escrita das mesmas linhas. Ele vai ficando comigo, é a fantasia que me vai fazendo companhia quando folheio o caderno sozinha no quarto das águas-furtadas. Lembra-me do que me falta. Não é ele quem procuro. Quem procuro, quando me tirou tudo, também me tirou a vontade de me entregar a alguém. Estou perdida nas minhas linhas quando entra o freguês seguinte. Senta-se devagar e corcunda na mesa ao lado da porta.

Chama-me:

— Ó menina.

— Não servimos à mesa — informo em pânico, sem «Olá» e sem «Bom dia».

Não o trato como um freguês qualquer, porque não o é. Finjo-me esquecida. Passaram muitos anos desde que me escondi. O meu cabelo

«Abro o caderno e escrevo, apesar de já o ter colecionado antes. Pede sempre o café duplo em chávena escaldada, mas continuo a repetir a escrita das mesmas linhas.»

está mais fraco e o rosto mais cansado. Já não tenho corpo de miúda e já não sou levada pela mão. Ele não tem como me reconhecer.

— Mas, menina, eu já não tenho idade para ir aí. As minhas pernas tremem. Fecho o caderno. Saio de trás do balcão. Deixo a minha proteção e avanço para terreno que sei pertencer a um inimigo. Aproximo-me com cautela. Ele cheira aos muitos anos que passaram. A camisola de lá esburacada ainda é a mesma, as calças de bombazine cinza-rato também, o cabelo que lhe resta é agora integralmente branco. As peles que tem penduradas estão cheias de marcas de uma vida da qual fugi e pensei ter conseguido deixar para trás.

— Um café com cheirinho, por favor, menina. Os olhos tingidos de sangue olham-me com uma simpatia fingida. Confirmo com a cabeça que comprehendi o pedido. Antes de me afastar, sinto a sua mão ossuda tocar-me três vezes nas nádegas, como tantas vezes me tocou antes de começar a tocar-me de outra forma.

— Obrigado, menina.

Afasto-me. Regresso para trás do balcão, apesar de querer fugir porta fora. Esconder-me num café e numas águas-furtadas para nada. Anos de sacrifício e silêncio desperdiçados por um café com cheirinho. Em vez de aguardente ou bagaço, sinto o odor da raiva e do ódio. Ele sorri, desdentado, com a luz da montra a recortar a silhueta velha. Escaldo com tudo o que aquele homem me fez perder. Era quem eu procurava. Agora posso vingar-me.

Pego no manípulo do café e avanço para ele. Bato-lhe três vezes na cabeça. Borras e sangue misturados, primeiro com gritos de dor, depois com silêncio. Choro de desgosto, de medo e de loucura, depois grito também. Grito para me livrar do pesadelo. Grito por ajuda, mas já não tenho a velha do café para me dar a mão. Ele cai pesado aos meus pés, olhos e boca escancarados.

Ergo o olhar e encontro o rosto dos outros fregueses que testemunharam tudo. Afinal não era só eu que gritava. Uns corriam calçada acima, outros calçada abaixo. Eu deixei-me ficar. Sozinha, tropeçaria certamente nos degraus escorregadios, desnivelados e desiguais da Calçada do Carmo, com os sapatos encharcados em sangue. Partiria o pé, a perna e a anca, e depois ninguém me tiraria das águas-furtadas, sem elevador, onde o resto dos meus pertences continuaria a empilhar-se pela falta de mobília, porque o dinheiro até podia ter sido certinho, mas a quantidade fora parca.

Surpreendi-me. Afinal alguém me deu a mão. Talvez fosse a minha mãe para me dar a beber um café com leite, talvez fosse um guarda do Quartel do Carmo para me prender. Sei que me levaram da minha nova vida como me tinham levado da anterior. Para trás dei xeit o caderno com a caneta entalada entre as folhas, os fregueses colecionados e os meus pertences no quarto nas águas-furtadas da Rua dos Correeiros.

**«Ergo o olhar e
encontro o rosto
dos outros fregueses
que testemunharam
tudo. Afinal não era
só eu que gritava. Uns
corriam calçada acima,
outros calçada abaixo.
Eu deixei-me ficar.»**



FILETES DE SARDINHA, SEM ESPINHA, EM AZEITE DE OLIVA

ANA
PINHEIRO

Não sei quantas vezes é que isto aconteceu. Sem me dar conta, estava no corredor dos enlatados, a olhar para as latas que se alinhavam nas prateleiras, numa mescla de cores, sabores e texturas. O pouco movimento nos corredores adjacentes contrastava com o ritmo descompassado do meu peito. Inerte, dei por mim a contemplar aquela lata. Instintivamente, o olhar foi absorvido pelo verde do metal, enquanto o braço, num ímpeto mal controlado, a fez rodopiar entre os meus dedos. «Filetes de sardinha, sem espinha, em azeite de oliva», as tuas preferidas.

Não sei quantas vezes é que isto aconteceu. Mas, agora, que penso nisso e me sinto tentado a perceber a razão pela qual as lembranças provocam uma tormenta, daquelas que me deixam prostrado, quero acreditar que encontrarei algo que apazigue este coração, sedento de paz. A mágoa corrói. A mágoa destrói. Não quero ser uma pessoa destruída. Quero encontrar a tranquilidade que permita olhar em frente e apreciar o que me rodeia. Dizem que a vida

«Ao fim da última subida, estaquei o carro e perdi-me na contemplação da fachada, envelhecida. Como eu. Como tu. Poderia ter entrado, se quisesse. Não o desejei. O portão, destrancado, como da última vez que o transpus, não me ofereceria resistência.»

é o que fazemos com ela, mas há inquietações que nos amarroram a alma. E tu continuas a ser uma delas. Devolvi a lata à prateleira, olhei para o cesto de compras, pousado a meus pés, e revi a lista mental que a minha mulher se encarregou de transmitir. Não mais do que quatro coisinhas. Poderia ter escrito a lista num papel, facilitava-me a vida. Paguei a conta e saí, sempre com o cheiro das sardinhas colado à pele.

A caminho de casa, bruscamente, rodei o voleante à esquerda e enveredei por um caminho estreito, em terra batida. Sabia que aquele carreiro me levaria ao lugar onde as memórias deviam estar fechadas, afastadas de intromissões na vida quotidiana. Ao fim da última subida, estaquei o carro e perdi-me na contemplação da fachada, envelhecida. Como eu. Como tu. Poderia ter entrado, se quisesse. Não o desejei. O portão, destrancado, como da última vez que o transpus, não me ofereceria resistência. As paredes, gastas e esboroadas, mostravam a infelicidade escorrida nas falhas de tinta. Deixei que a memória me levasse até ao último dia em que vivi ali. As imagens de malas, caixas, caixinhas e toda a parafernálio que assiste a uma família de quatro, intrometeram-se nos meus olhos molhados. A inquietação tomou conta de mim e a névoa toldou as alegrias vividias nos mais de cinquenta anos, naquele lugar. Nesse dia, perdi tudo. Provei o amargo sabor de me sentir órfão de pai vivo.

O som abafado do telemóvel despertou-me dos pensamentos nebulosos. No visor, o epíteto "Princesa" levou-me a atender, sem mais demoras.

— Estás quase a chegar? Tenho falta do que te pedi para terminar o jantar e já são horas... Balbuciei desculpas apressadas e terminei a chamada. Só me apetecia desligar-me do mundo e continuar a arrastar-me no lamaçal das lembranças doloridas. Encolhi-me no assento da carrinha, única réstia de ligação ao passado de uma família desfeita.

O olhar perdido levou-me até ao bloco de notas, caído entre o banco do pendura e o travão de mão. Na ranhura por baixo do rádio, a mão tremelicante agarrou uma caneta. Escrever nunca se afigurou amigável. Contudo, as horas que a minha mulher passa entre linhas em branco e o ecrã do computador fazem-me pensar que algo de arrebatador pode existir no facto de expulsar letras para o papel, talvez permita libertar os fardos e gritar pela misericórdia da alma. Endireitei-me no lugar do condutor e voltei o olhar para a folha em branco. Revivi os momentos de mágoa, a dor mascarada nos convívios de amigos, a revolta adormecida no cheiro adocicado dos meus filhos.

«O olhar perdido levou-me até ao bloco de notas, caído entre o banco do pendura e o travão de mão. Na ranhura por baixo do rádio, a mão tremelicante agarrou uma caneta. Escrever nunca se afigurou amigável.»

Carreguei no botão gasto da rádio e a voz suave de Mariza invadiu o habitáculo. As palavras, doces, mas fortes, implodiram-me no peito: *"as coisas vulgares que há na vida / não deixam saudades / só as lembranças que doem / ou fazem sorrir. Há gente que fica na história / da história da gente / e outras de quem nem o nome / lembramos ouvir..."*. Recordava o teu nome, mesmo sem querer. Mariza ainda cantava quando a caneta deslizou pelo papel.

Pai,
Talvez sejam as únicas (e últimas) palavras que te dirijo. Nunca consegui dizer-te o que realmente senti quando, naquele dia, apenas pedi que me ajudasses a salvar o teto sobre a cabeça dos meus filhos. Teus netos. Nunca consegui fazer-te entender o outro lado da realidade; aquela que jamais quiseste encarar. Nunca te pedi, nem o faria, para escolheres entre nós os dois, porque seria incapaz de prejudicar um filho para beneficiar outro. Preferiste sempre

defender o indefensável, proteger o que não tinha proteção possível, o "coitadinho" que escolheu uma vida diferente da nossa. Cujos preços nunca carregou sozinho. Porque tu não deixaste. Porque tu sempre ajudaste a suportar. Porque eu também, arrastado, ajudei a pagar. Tantos anos andámos em círculos, às voltas, atrás de salvação para quem nunca quis ser salvo. De quem não aceitou a mão que lhe estendíamos e que a mordeu, vezes sem conta. E a mais grave foi quando atacou os meus. Isso eu não podia aceitar. Nunca. Jamais. Tornou-se insuportável manter a convivência dentro destes muros. Tomei a decisão mais custosa; nem imaginavas a dificuldade em explicar a duas crianças que, tudo quanto conheciam desde que nasceram, ruíra Hoje, por uma conversa de café, soube que não perdemos a casa, contudo sou incapaz de voltar.

**«A névoa
ensombrou o meu
olhar, resignado
ao destino de
me ver só. Não
perdemos a
casa, como dizia.
Balelas de quem
queria que lhe
entregássemos
o todo.»**

Talvez quando as memórias da minha mãe se sobrepuarem às amargas recordações de um pai carrasco, que tanto me tirou...

O som do telemóvel voltou a trazer-me à realidade. Sorri, tristemente, enquanto me apercebia de que a caneta continuava a desenhar momentos involuntários no papel. Tive vontade de resmungar, pois muitas más palavras havia para dizer. Dei por mim a pensar na lata de sardinhas...

Devoli a chamada à minha mulher. Precisava tanto ouvir a sua voz, segurar-lhe a mão e aninhá-la no meu peito. Disse-lhe que daí a cinco minutos estaria em casa. Olhei para o bloco de notas e perguntei-me o que fazer com aquele pedaço de papel. Acalmei o coração, anulei aquela memória nas palavras escritas e percebi que o mais importante era a família que construí, a força que sempre me agarrou com firmeza e me retirou da infelicidade de me sentir destruído pela fúria do vício.

Liguei o motor, sereno, fiz o veículo deslizar. Enquanto me afastava daquele local, posso jurar que vislumbrei uma luz por trás da persiana da cozinha. Num rasgo de coragem, parei junto à caixa do correio, rasguei a folha e coloquei-a lá dentro. Não sei se a lerá, nem me interessa. Arranquei, tranquilo, com o olhar fixo no horizonte à minha frente. Nem por uma vez voltei a olhar para trás.

Apaguei a luz da cozinha. Sabia que era ele. O ruído inconfundível do motor da carrinha não me deixou dúvidas. Há quase um ano que só sei dele por conversas cruzadas, no café. Deixei-me cair no sofá a olhar absorto para a televisão quase muda. Tentei minorar a má disposição que se abateu sobre mim. Não consegui evitar a raiva que consumia o peito arfante. Por coincidência, ou não, hoje almocei a última lata de sardinhas

que trouxe, ainda antes de ter partido. Regressei à memória do dia em que um camião me mostrou a mudança, ameaçada muitas vezes, mas que jamais supus concretizada. Recordei o momento em que me disse, acaloradamente, "vou-me embora, mesmo". Ainda lhe perguntei pelo pagamento das despesas da casa, respondeu-me "não é mais um problema meu; deixei de ser o vosso criado, que só serve para as pagar e arranjar coisas estragadas". Ainda me atirou um "estão por vossa conta" antes de me virar costas. Referia-se a mim e ao irmão, um pobre diabo a quem o vício consumiu a alma.

A névoa ensombrou o meu olhar, resignado ao destino de me ver só. Não perdemos a casa, como dizia. Balelas de quem queria que lhe entregássemos o todo. Acreditei que unia os meus filhos. Enganei-me. Quando um tudo quer e o outro apenas perde é difícil estabelecer um caminho entre tempestades opostas.

Refleti muito, nestes longos meses de calvário, em que a solidão habitou estas paredes. Queria fazê-lo compreender que eu seria o amparo do irmão até ao soar da minha última badalada. Olhei a fotografia da minha mulher, sorria por trás do vidro empoeirado. Senti saudades de quando estava aqui, deste lado do mundo, abrindo caminho entre tormentas. Amparando as querelas. Suportando as mágoas. Mútuas. Decidi escrever-lhe. Quem sabe o papel me ajudasse mais facilmente a libertar as palavras que a garganta teimava em calar. No louceiro da cozinha, um velho envelope esquecido foi refúgio do queixume amargurado.

Filho

Sei que a tua mãe estaria do teu lado, como sempre. Sei que estás certo, mas não te consigo dar razão.

Duas cartas. O mesmo dia.
Duas vidas. Desunidas.
Duas perspetivas. Cruzadas.
Em busca da tranquilidade entre uma lata de sardinhas.



●●● e nada mais há a dizer, agora que resta apenas a memória de todas as palavras ditas e se esvazia a vontade de construir novos sentidos, não há motivo algum para falar por falar. Repara que nada de novo surgirá. Recuso continuar a sentir-me vigiado, como cada vez que ouço "onde estás?"; não posso continuar a sentir-me incapaz de reagir a cada "preciso disto" ou "necessito daquilo". Talvez não percebas, mas agora é impossível acreditar que ainda posso ouvir "como estás?" ou, melhor ainda, "tenho para ti as coisas mais belas"! É que são já muitos anos de tortura, de reverência permanente, e tantos desmandos que não serviram senão para infernizar a minha vida...

Não é que às vezes não te sinta a falta, quando estou sem ti – ainda que por breves momentos – porque todos necessitamos de uma presença, mesmo distante. É claro que sinto, porque muitas vezes estou só e tenho imensa vontade de falar. E é nessas alturas que te procuro. Mas não vai continuar assim; não és um refúgio para momentos maus, não

«*Repto: não me trouxeste nada de novo, roubaste-me tempo precioso com mesquinhices e exigências, nunca me deste algo que pudesse desfrutar e, pior que tudo, custas-me uma pipa de massa...»*

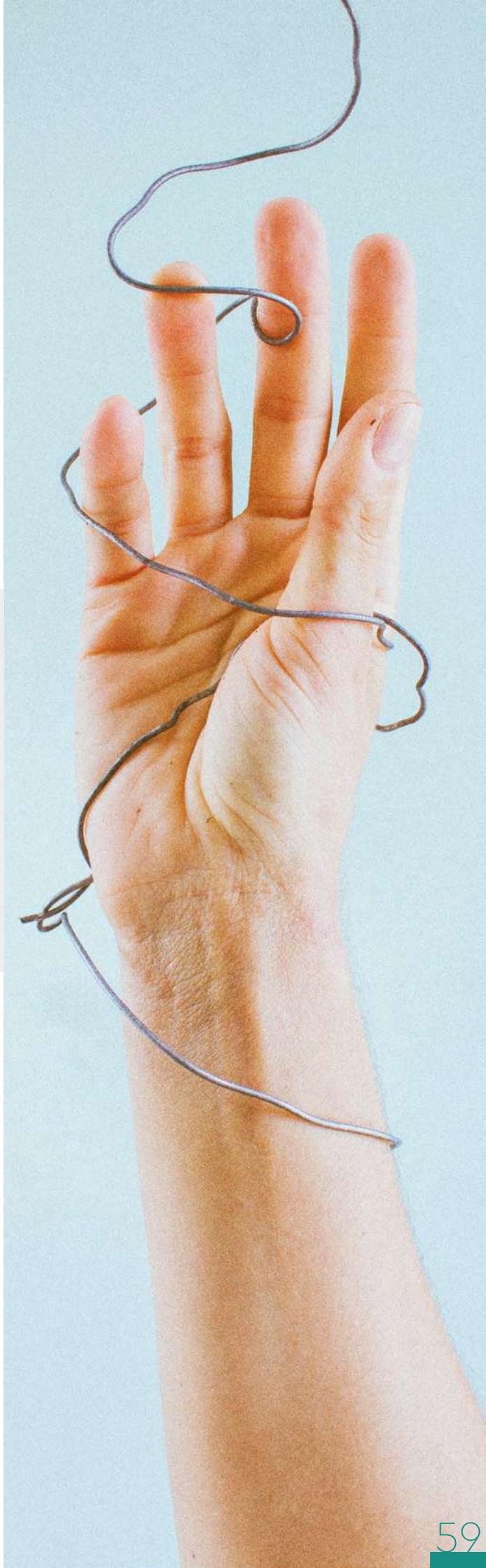
preciso de ti para ouvir uma gargalhada ou deleitar-me com um mexerico a respeito de um qualquer alguém que conheço vagamente. Preciso de muito mais do que me trazes! Quero a presença presente que não me permite, anseio o calor do corpo que me não dás, morro sem a interrogação no olhar e sem todas as expressões que dizem. Mas tudo isso me negas... Se faço uma pergun-

ta, não respondes. E, quando te toco, não te dissolve em êxtase por entre os meus dedos – limitas-te a ser como um corpo inerte que se manipula até à náusea! Ainda se ao menos pudesse burilar-te como à pedra fria e dar-te um bocadinho da alma, que até as mais esdrúxulas estátuas imperiais permitem sentir...

Juro que tentei, de tantas formas! Umas vezes, punha o mais libidinoso dos perfumes na gola da camisa, e aconchegava-te na orelha. É verdade que havia um calorzinho sempre que te apertava, mas nada mais que isso. Também te ofereci roupas novas, tentando realçar-te as formas e dar-te um colorido mais apetecível! E as cócegas que te fiz com o polegar... Tantas, tantas, que quase ganhei calo. Ah! As coisas que fazemos quando estamos apaixonadamente dependentes!

Mas agora, acabou! É inevitável! Não te quero ver mais à frente! E, vê lá tu a ironia. Procurei-te como um naufrago procura terra e encontrei-te ali, detrás de um vidro colorido, como uma sedução diabólica, salvífica. E quis logo ligar-me a ti! (Não, não é um eufemismo, um disfarce – Acredita, é mesmo isso que quero dizer!) Por isso não hesitei em tentar levar-te até ao sossego do meu quarto, custasse o que custasse. O que, por acaso, até nem foi difícil; bastou abrir a carteira repleta de cartões de crédito e lá estavas tu, entre as minhas mãos, desejosas de te experimentar, de te tocar, enfim, tudo o que sabes...

A minha mãe sempre me disse que todas as paixões são ilusórias, passageiras. É verdade, sei-o bem, e quanto mais as vivo, mais dou razão à velhota. Entre nós, tu e eu, a paixão foi como uma profissão de desgaste rápido – vai-se aguentando, cada vez com pena maior, e como às vezes parece não haver alternativa, toma-se-lhe o hábito. Só que, agora, acabou. Repito: não me trouxeste nada de novo, roubei-te tempo precioso com mesquinhices e exigências, nunca me deste algo que pudesse desfrutar e, pior que tudo, custas-me uma pipa de massa... e ainda tenho de levar-te para todo o lado. Estou farto, farto, farto! E é porque estou farto que me desligo de ti, deste modo tão simples: off! Adeus, meu estupidamente adorado telemóvel!





Quando Paula chegou ao quarto do filho, este ainda gritava.

— Os braços, mãe; os braços — disse o pequeno Miguel, assim que a viu iluminada pela luz de presença —, os braços estão presos.

A mãe sentou-se na cama, passou-lhe uma mão pela cabeça e tirou-lhe os cabelos suados da testa. Passou-lhe os dedos pelas bochechas, pelo queixo.

— Os teus braços estão ótimos. Olha — apontou para um deles, sorrindo.

Miguel olhou para um braço e, embora o sentisse dorido, percebeu que já o conseguia mexer. Olhou para o outro e constatou o mesmo. Com a ajuda deles, sentou-se rapidamente e atirou-se para o abraço da mãe.

— Foi outro sonho mau? — perguntou Paula, acariciando-lhe a nuca.

— A avó estava aqui no quarto, à porta, a chamar-me. — Miguel olhou para a porta, mas a imagem do sonho assombrou-o de novo e depressa escondeu a cara no peito da mãe. Continuou, entre soluços, e numa voz abafada pela blusa de Paula:

— A avó tinha a cara cheia de buracos e dentro da boca era tudo preto e não tinha dentes e os olhos eram bolas amarelas e... — engoliu a custo — a avó disse para eu ir dançar com ela.

— Oh, meu querido — disse a mãe, apertando-o. Lembrou-se da sua mãe, de quando era criança e a chamava, nos bailaricos, para dançar. Afastou-o do peito e segurou-lhe os braços como quem vai dizer algo muito sério.

— Deita-te, filho, deita-te.

Paula aconchegou a almofada do filho e subiu para a cama.

— Ficas comigo hoje? — perguntou Miguel.

— Só até adormeceres — disse a mãe.

Pensou em todas as crianças que viu, em pequena, a dançar com as mães e com os pais, mas sobretudo com as mães. Havia uma lágrima que teimava em não cair, e sorriu.

— Sabes, filho — a lágrima escorreu, por fim —, comigo a tua avó nunca quis dançar.

Miguel sentiu novamente os braços presos.

A boca tapada.

O nariz tapado.

O MEU NOME É SÍLVIA

RAQUEL
FONTOAO

em colaboração com



Edição e curadoria:
Pedro Lucas Martins

Traz na mão um lenço sujo. Linho seco e borrado do pó do deserto. Atira-o sem desviar o olhar e mostra aquele sorriso amarelo que lhe enruga a face.

Estática, de olhos sem propósito, vislumbro o seu voltar com brusquidão, o fechar da porta pesada de madeira. Estou sozinha, de novo.

Observo o lenço. Talvez deva enxaguar as lágrimas que teimam em lavrar-me o rosto. Porem, mal lhe toco. Olho em volta, em busca de algum objeto que me dê esperança ou que me abra uma saída.

Nada.

Só as partículas do pó, a dançar no fio da luz que atravessa a pequena e única janela.

Em tudo o resto, uma mancha colossal de branco, pontuada em cores por uma velha cadeira de palha desbotada e um colchão revestido a sujidade. E aquela porta. Para lá daquele pedaço de madeira escura, uma outra dimensão, desconhecida.

Sinto os pulsos doridos, a cabeça a latejar num pulsar forte e persistente. Desvio o olhar para os meus pés descalços. Não me incomoda que estejam imundos. De todo. Mas irritam-me aquelas pulseiras em carne viva que me adornam os tornozelos. São desconfortantes. O meu vestido, outrora preto, está colado ao corpo pelo suor. O calor é insuportável, e o meu cabe-

«Os minutos alongam-se e continuo a observar-me ao espelho, a estudar aquelas cavernas negras, infernos cavados na minha face.»



lo comprido escorre seboso, cheio da areia do chão.
O meu nome é Sílvia. E acordei neste quarto sem luz.

É madrugada. A Lua caminha pelas grades da janela, e os meus olhos estão abertos. Lágrimas imaginárias formam sulcos de poeira junto às pálpebras extintas. Não me importo. A sua ausência, agora, em nada me incomoda. O tempo passa. O meu olhar segue o luar que atravessa o postigo. Mas a monotonia é interrompida quando a porta pesada se abre. Aquelas pernas surradas, cobertas por uma bata deslavada, entram e param à minha frente. Se não desvio o olhar, não é por falta de vontade. Alguns minutos passam.

Eu, elas — as pernas.

O único som produzido é o roçagar de uma jarra de água na velha cadeira. Ouço também um suspiro. Ou será um pouco de água que transborda? Depois, as pernas voltam-se. E encerram a porta do mundo.

Agora que o sol entra no meu quarto, vejo um pedaço de pão mal cortado junto à jarra. Talvez mais tarde. A verdade é que o meu pensamento se dilata, perdido no meu interior. Nem me apercebo quando me sento e pego no pão, brincando com ele, indiferente. Tento trincá-lo, mas é demasiado duro. Sugo-o com sofreguidão, sem pensar muito no que faço.

Já vos disse que me chamo Sílvia? Tenho de o recordar todos os dias, caso não me lembre de como aqui vim parar. Pareço pertencer a este lugar desde sempre. Nunca existiu outro mundo, outro universo. Não sei

o que se esconde por detrás daquela porta de madeira, mas sei o que há atrás daquela janela. Areia.

Areia quente e um sol abrasador. Um calor torrido que nos abafa. O deserto — um ser vivo imenso e nefasto.

Esforço um esgar de memória, de um início. Devem ter-me drogado, apagado a mente, porque não me recordo de nada. Os pedaços da infância que ainda se mantêm incrustados na minha mente misturam-se, fazem-se passear em cenários que não lhes pertencem. Já não tenho controlo nenhum sobre eles.

Sento-me no colchão e estico as pernas cansadas. As marcas dos tornozelos ainda me doem. A minha pele está baça, seca e coberta de escamas. Levo a mão ao jarro de água e consigo saborear umas gotas.

Olho para a porta e levanto-me a custo por sentir os meus joelhos tão esfolados. Nesse momento, reparo num pequeno espelho pendurado junto à janela. Teria estado sempre ali? Curiosa, aproximo-me e vejo uma sombra desgastada do que sou. Os meus olhos escuros estão encurvados com círculos vermelhos ao seu redor. O olhar morto; as madeixas pretas na testa pálida. Estou exaurida; apática.

Os minutos alongam-se e continuo a observar-me ao espelho, a estudar aquelas cavernas negras, infernos cavados na minha face. Um instante basta, contudo, para vislumbrar um brilho néscio nas minhas córneas. Consigo acordar da minha passividade e parto o espelho com o punho. Não sinto dor, e sim prazer, ao apertar na mão um dos pedaços mais afiados.

Fico ali. Estagnada junto à porta que afasta a morte da vida. Sei que é de tarde, pois as sombras avançam ao longo da parede como um organismo vivo. Tornam-se cada vez maiores e pulsantes.

Aguardo.

A porta abre-se e ela entra.

A bata.

A minha mão crisper-se numa força furiosa. Estende-se numa vontade própria àquela cara repulsiva que entra sem a minha autorização. Os seus olhos esbugalhados fitam o vazio em pânico. Reparo que não são negros, mas de um castanho quase belo, a cor tornando-se fugidia a cada segundo. Na sua boca, um grito mudo, a minha mão a cobrir aquela fenda podre de mulher.

Com uma força desconhecida, quase acumulada, atiro-a contra a porta e, com o pedaço de vidro ainda seguro, dilacero-lhe o pescoço. Rasgo numa violência que lhe faz correr um rio de sangue pela bata, que percebo agora ser de um branco imaculado. Sinto o corte irregular; o meu corpo todo em cima daquele derrame; o sangue quente a escorrer-me nas mãos. E, enquanto isso, aqueles olhos tornam-se baços, feios e sem vida.

Retiro devagar as mãos daquele corpo inerte e cheiro o líquido que as adorna. Caio no chão, já sem forças, com os braços arranhados, as pernas doridas. O odor é tão intenso que se infiltra na minha pele, e eu saboreio cada gota daquele ferro pestilento.

Procuro a chave no bolso da mulher e fecho a porta que me atormenta. Não me preocupo, por agora.

Outras virão.

Sento-me na mesma cama, suja de morte, e fito o meu deserto.

O meu nome é Sílvia. E acordei num quarto sem luz.





AUSÊNCIAS E VAZIOS

SANDRA
AMADO

Deito-me na cama vazia, fria e escura.

Nos lençóis leves, agora pesados.

Creio que te guardam, de alguma forma, por isso nunca os lavei.

Lençóis vazios que cheiram a bafio.

Não faz mal, estou mais perto de ti.

Tateio cada centímetro de lençol.

Vejo traços do teu cabelo grosso, escuro e macio.

Almejo a textura da tua pele, sem nunca a alcançar.

Passo a mão em traços de batom vermelho,

arte abstrata de um tempo antigo.

Fazem-me corar, quando penso no teu sorriso.

Mas, ao olhar para aquela mancha de tinta negra no lençol,
as minhas entradas agitam-se.

Disseste que estavas numa fase mudança.

Foi por isso que fizeste a tatuagem de uma aranha, quando te pedi em casamento no México.

Lembras-te daquele dia que em estivemos em Chichén Itzá?

No mesmo dia em que assistimos ao ritual do xamã?

Quando erguias a pedra da fertilidade,

enquanto um homem alto e convicto erguia a pedra da proteção,

e uma outra mulher, talvez com problemas denunciados pelo sorriso nervoso, erguia a pedra da saúde?

E eu, que rezava pela esperança de um filho enquanto erguias a pedra,

desobedeci ao pedido do xamã e filmei o ritual às escondidas.

Depois disso, fomos ver o templo.

Um calor intenso erguia-se ao longe nas pirâmides.

Batemos as palmas juntos num céu cinzento e carregado,

e chamámos o deus do ar — Quetzal.

Ao som do deus-pássaro, o céu ribombou numa chuva intensa, como um aviso.

Ignorámo-lo e fomos para o autocarro, molhados, sem outra roupa que vestir.

No dia seguinte, ficaste doente.

Ainda assim, quiseste fazer a tatuagem no Mercado 19.

Parece que ainda estou a ver a mulher de turbante e com os dedos tatuados,
a percorrer com a agulha as formas das tuas costas bem desenhadas.

Esboçaste alguns sinais de dor,
mas depois riste.

Quando a mulher terminou, deu-nos um espelho.

Sorrimos no reflexo ao descobrir a delicadeza da aranha.

Dormiste mal durante a noite. Tiveste febre. Incomodou-te um prurido nas costas e uma dor fina na omo-plata. Tremeste na cama e transpiraste até molhares os lençóis.

Cuidei de ti e fui buscar gelo.

Passei uma pedra fresca na pele ferida, numa erupção talvez causada pela maceração da agulha.

Adormeci.

No dia seguinte, procurei-te por todo o lado.

Mas não te encontrei.

Vejo apenas uma ridícula aranha que me segue para todo o lado.



ERAM QUATRO

CAROLINA
FIDALGO

em colaboração com



Edição e curadoria:
Pedro Lucas Martins



Ontem, eram quatro, mas hoje já são cinco. Olho para eles, um a um, tentando encontrar o intruso. Não o descubro.

Reparo nas roupinhas. Por certo, haverá uma camisolinha desconhecida, um par de sapatinhos que não reconheço. Mas lembro-me de todas aquelas peças, poderia até contar a história da origem de cada uma. Aquela comprei-a no Vasco da Gama; aquela foi a minha sogra numa loja à frente do seu prédio.

Regresso às caras, procurando. Conheço-os a todos. Apenas o número denuncia — há um que não devia estar ali.

Perscruto a expressão do Diogo em busca de uma dúvida gémea da minha, mas não a encontro. Para ele, nada é fora do comum. É a mim que me cabe esta estranheza e, porque sozinha, esconde-a.

Chega o dia seguinte. Agora, já não são cinco, mas seis.

Fino serenidade ao lavar a loiça, enquanto vou espreitando por cima do ombro, contando-os. Um, dois, três, quatro, cinco. Seis. E torno a contar. Um, dois, três, quatro, cinco. Seis. O Diogo dá-lhes os copos com leite. Um para cada um. Um, dois, três, quatro, cinco, seis copos de leite. Seis pratinhos. E seis pãezinhos com doce de morango. Volto a vasculhar-lhe os modos, espe-

rando que ele hesite e que repare: espera lá... Mas o Diogo não repara, e torno a guardar para mim o estranhamento, envergonhada. Volto a ver-lhes as caras, conheço-os, mas continuo certa de que, há dois dias, havia dois a menos, e não sei como é possível a não ser que dois deles sejam cópias dos originais, o que não explica por que não sou capaz de identificar nenhuma repetição quando os olho e osuento: um, dois, três, quatro, cinco, seis.

Mais um dia que se passa. A manhã chega e não me levanto.

— Está tudo bem? — pergunta-me o Diogo. Hesito; sei que é o momento. Podia contar-lhe. Forço a tosse e desculpo-me:

— É só uma constipação.

O Diogo trá-los à porta do quarto para me verem antes de os levar ao infantário. A mãe está doente, avisa, precisa duma forçazinha, vão lá dar-lhe um abracinho. E são já demais para que assomem todos de uma vez. Vejo-os entrar no quarto um a um. Uma cabecinha, duas cabecinhas, e três, e quatro, e a quinta... a sexta... a sétima cabeça.

Aceito que nunca voltarei a chamar os meus filhos pelo nome.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Pumba, catrapumba! Maria atirou a escova do cabelo para o chão. Deitou as mãos à cabeça e despenteou-se.

— Nunca vou ser uma bailarina de verdade! — disse, olhando-se ao espelho que tinha no canto do quarto, de braços cruzados, língua de fora e franzido a testa.

— Vem cá! Vou mostrar-te o que não consegues ver.

— Quem está a falar? — Maria olhou em redor, desconfiada.

— Sou eu! Não me faças caretas!

— Estão a brincar comigo ou quê? És tu, Tomás? Sempre te achaste engraçadinho!

— O teu irmão foi para o treino de futebol. Sou eu, o espelho! Maria esfregou os olhos e tentou pôr-se em pontas. Escorregou e,



por momentos, ficou sentada no chão. Olhou na direção da voz e viu a sua imagem. Mas, seria mesmo ela? Rodopiava, cheia de corações à volta.

— Se falas mesmo, explica — disse, irritada. — Que eu saiba, um espelho mostra a nossa imagem. Não estou a dançar. Não vejo corações por aqui.

— Estão lá sempre, esses corações. Agarra-os.

«Maria pensou que, se calhar, estava a sonhar. Pegou nas sapatilhas. Não podiam ser mais reais. Calçou-as e, no meio do palco, não conseguiu conter um enorme impulso para dançar. A sua emoção e vontade de continuar aumentavam com cada passo, com cada movimento.»

— Não entendo nada!

Maria levantou-se do chão e começou a fazer uns pás de bourrée. Do outro lado, uma menina que não parecia ela começou a copiá-la.

— Espelho, ou lá o que és, porque é que essa menina me está a copiar?

— Não dissesse que devia mostrar a tua imagem? És tu! É a bailarina que gostas de ser. Intrigada, Maria abanou a cabeça e fez uma pirouette, mais outra e outra. A menina do espelho copiava-a. Continuavam a dançar em perfeita sincronia. Começou a ouvir-se uma música suave, que acompanhava a dança.

Desta vez foi a menina do espelho a falar:

— Anda, Maria, entra!

— Cada vez entendo menos. Quem és tu?

Entro? Por onde e para onde?

— Agarra a minha mão. O espelho deu autorização para vires.

— Ficou tudo em branco!

— Não te preocipes. É para saberes que podes escrever a história que quiseres.

Maria viu-se do outro lado, sem perceber bem como tinha ido lá parar. Mas nem se importava, pois estava demasiado deslumbrada. Luzes de várias cores brilhavam em redor da sala onde estavam sentadas criaturas mágicas que nem conseguia descrever e, no meio, um palco redondo. Nele, a menina que vira no espelho estendia-lhe a mão. No chão, junto a ela, umas sapatilhas de cristal.

— São uma prenda do Reino da Dança para ti — disse a menina. — Quando as calçares, irás perceber como são mágicas e especiais.

— Do Reino da Dança? Isso existe? É lá, quer dizer, aqui... que estou?

— Sim. Se nunca ouviste falar do Reino da Dança, fica a saber que existe e que é onde te encontras agora. Estamos tão felizes porque finalmente chegaste! Calça as sapatilhas, não tenhas receio.

**«Afinal,
seriam os seus
medos mais
profundos que
Maria teria
de enfrentar.
Suspirou
e abriu a
porta. Viu-
-se diante de
um corredor
escuro.»**

Maria pensou que, se calhar, estava a sonhar. Pegou nas sapatilhas. Não podiam ser mais reais. Calçou-as e, no meio do palco, não conseguiu conter um enorme impulso para dançar. A sua emoção e vontade de continuar aumentavam com cada passo, com cada movimento. Não era capaz de parar. De repente, sentiu-se elevada do chão. Era algo que não podia explicar, mas continuava a dançar no ar, com luzes de várias cores destacando os seus allegros e quaisquer outros passos que se aventurava a fazer. E, com a mesma leveza com que fora erguida, voltou ao chão, no meio dos aplausos das criaturas mágicas que se encontravam na sala. Maravilhada com tudo o que estava a acontecer, fez uma vénia.

— Maria — disse a menina misteriosa —, continua a dançar com a paixão que nos mostraste. Tu és capaz!

— Gosto muito de estar aqui. Gosto do Reino da Dança. Sabes que não posso ficar, acho que deves compreender. Mas não vou sem que me digas quem és.

— Queres mesmo saber? Sou a parte de ti que ousa sonhar, a parte do teu reflexo que não querias ver e que encontraste hoje. Sei que tens de voltar, mas, antes, é preciso enfrentares um desafio.

Ao dizer isto, apareceu misteriosamente uma porta. Maria nem teve tempo de pensar bem no que acabara de ouvir, apenas sentiu um misto de apreensão e curiosidade. Ao mesmo tempo, estava preocupada, pois sabia que, em breve, seriam horas da sua aula de ballet. Que diria a mãe quando viesse chamá-la ao quarto e não a encontrasse? Fosse qual fosse o desafio, teria de o superar.

— Esta porta dá para um túnel — disse a menina misteriosa. — Para regressares, tens de o atravessar e confrontar as sombras do teu passado e as incertezas do teu futuro.

Afinal, seriam os seus medos mais profundos que Maria teria de enfrentar. Suspirou e abriu a porta. Viu-se diante de um corredor escuro. Nas paredes pareciam projetar-se momentos da sua vida, uns mais felizes, outros mais tristes. Desde os seus primeiros passos de dança, até situa-

ções em que duvidara de si mesma. Como quando, há pouco — pelo menos assim lhe parecia —, atirara a escova do cabelo ao chão. As sombras tentavam enfraquecê-la, mas ela resistiu. Avançou, até chegar a uma parte em que eram projetados desafios que ainda estavam para vir. Deixaria o medo apoderar-se dela? Pensou no que tinha acabado de viver, nos seus sonhos e, cheia de confiança, continuou em frente. Encontrou outra porta. Abriu-a. Do outro lado, lá estava a menina do espelho.

— Conseguiste, Maria! Estás pronta, nunca te esqueças de que és capaz. Estou aqui para ti. Olha-te no espelho e ver-me-ás. Ver-nos-ás! Antes de poder dizer fosse o que fosse, Maria viu-se de novo no seu quarto. Nos pés, já não tinha as sapatilhas de cristal, mas sabia que a magia do Reino da Dança ficaria com ela para sempre. Ainda meio a sonhar, ouviu a mãe:
— Estás pronta, Maria?
— Nunca estive tão pronta, mãezinha — respondeu, piscando o olho ao espelho.

RESISTENTIA POETICA

DESTE LADO

CLARA
ANDRADE



Clara Andrade

Nasci num lugar das Beiras entre as serras da Lapa e da Estrela, nas "terras do demo" do Aquilino, ou no lugar antigo de Beira, deusa pagã e senhora do inverno. Vivo e trabalho no Algarve desde 1988. Licenciei-me em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e durante seis anos fui professora do ensino secundário em diferentes escolas do Algarve, tornando-me, de 1996 até agora, responsável pela Biblioteca Municipal de Lagoa onde também sou coordenadora do Clube de Leitura. Leo, pinto e escrevo, lugares luminosos por onde gosto de andar. Tenho participado em exposições coletivas e individuais. Obtive o primeiro prémio no Concurso Escrita Criativa Poeta António Aleixo com o conto *E sobre tudo Camélias*, publicado numa antologia pela Onyva e menções honrosas no Prémio Literário Hernâni Cidade e no Prémio Literário Manuel Teixeira Gomes. *Areia* é o meu primeiro livro de poesia.



Fosse como fosse, nada permitia voltar ao ponto zero, ao começo dessa linha cosida sobre o coágulo das horas espessas e férreas como sangue. mas exaltar-me não serviria para nada senão para azular o lírio já de si azul ou pendurar pérolas nos tendões das moscas se tendões tivessem as moscas. a inutilidade é afinal uma coisa preciosa se colocada subtilmente é preciso que seja subtilmente sobre todas as mãos que se comprazem em ordenar com mil cuidados as nervuras de séculos e séculos, mesmo que a seguir se esgarcem e soltem de tal maneira que as vemos desentrelaçadas em fios muito finos pobramente adejando nas nossas janelas. de que fogem? perguntam maliciosas as Parcas soberanas manobrando com dedicado zelo linhas e tesouras famintas da nossa carne, coisas negras tecidas de gaze como os destroços que aqui e ali vamos deixando. belas, então, só as **lágrimas...**

RESISTENTIA POETICA

ENFIM, O LADO CERTO

ANA
RIBEIRO

O frescor da manhã devolveu -me o lado certo.

Voltei a inspirar as fragrâncias rememoráveis do acreditar.

Quanto ao futuro dúvida, visão de lamento, não ouso sequer concebê-lo por perto.

Arranco as pétalas das rosáceas, uma a uma, comprazendo-me em sonhar.

Do outro lado da vidraça da cozinha, oiço, ao fundo, o comboio célere do desassossego.

Perante o impulso do amor, resigno-me a embarcar nele.

Por fim, aliciada pelas mantas do aconchego, subo a escadaria, em triunfo,

desprendendo no vão uma nova **pele.**



RESISTENTIA POETICA

O VAZIO

MARGARIDA
CORREIA

Semeias esperança nos olhos.

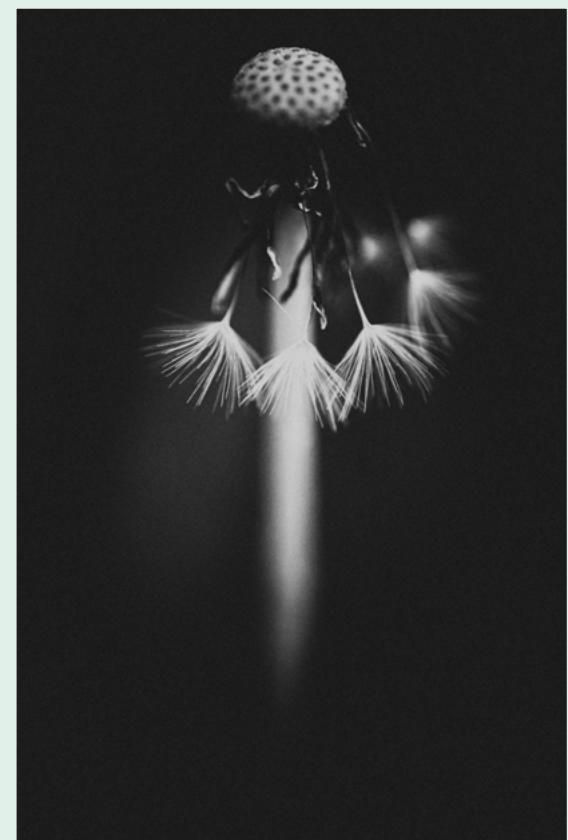
Não sabes se colherás frutos
ou até se o caule brotará da terra.
Persistes,
onde tudo o que sobra
é pequeno e rodeado de muros,
como se a luz fosse escassa
e o lado que os trespassa
revela fronteiras incertas,
desenhadas a régua e a esquadro.
E mesmo que escutes o ruído
das vozes que te tentam abafar,
anotas: a solidão que as enlaça
não permite espaço para o erro,
não suspende tempo para o sonho.

E se cair

e

s no asfalto

onde a sombra se entrelaça
tu, que em nada te reconheces,
levas em contramão
a mão levantada
como água a resvalar a faísca
entretanto enraizada.
E desalinhas as palavras cruas
na dança certa da **verdade.**



RESISTENTIA POETICA

SEM TÍTULO

ANTONIO
C. GUERREIRO

Fingir ser para parecer

É não ser, é perecer
É não viver, é desaparecer
É não entender, é desvanecer.

Ser espelho do que me rodeia
É apagar dentro o que me incendeia
É mortificar a ciência de semear
É calar a consciência de vivificar.

Quero ser a acontecer
Saber tecer o que sou
Saber nascer a fazer
Alcançar a noção donde vou.

E assim, e só assim
A noite, o dia, são
Pela minha desperta mão
Caminho para transmutar meu fim.

E assim, e só assim
Acordo em mim
Pacientemente,
A centelha que arde por ser velada
Resolutamente,
A eternidade que existe para ser **alcançada.**



A pedido do Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

RESISTENTIA POETICA

PODERÁ O AMOR LEVANTAR-NOS DO CHÃO

ANA
SILVA

Eram casas com berços,
tapetes tecidos com cores de verão,
estendais de roupa,
colos que embalavam filhos,
desejos de mar.
Preces de liberdade, lançadas ao céu,
fantasiadas em papagaios de papel,
presos por ténues fios de esperança.

São escombros,
ossos desfeitos no trovão,
ferros retorcidos,
trapos tingidos de sangue,
almas rasgadas,
prantos mudos,
rostos aturdidos que arrastam mãos inquietas,
fome que devora a compaixão.

Não há bulício ao amanhecer,
nos colos, embalam-se retratos,
a tristeza passeia-se na desolação.
O medo!
e a noite, em combustão, mostra o céu emudecido,
cúmplice das imundices dos algozes.

A guerra alimenta-se da cegueira de quem a vê,
de quem a aceita, conformado.
de quem assiste, calado, à crueldade dos devoradores de almas,
dos que se julgam imortais.
Fátuos colecionadores de despojos,
senhores do ódio e do dinheiro,
lugar, onde a vida tem preço, em vez de valor.

Aos olhos do papagaio de papel,
que se enlaça no frágil fio da humanidade,
estamos todos no lugar errado.
No avesso do amor,
essa força que nos levantaria do **chão**.



RESISTENTIA POETICA

AS FRINCHAS DO OUTONO

CIDÁLIA
SANTOS

Diz-me, é este o lado certo do amor?

Lá fora as folhas das árvores continuam a tingir as nervuras das calçadas.

O sol entra pelas frinchas da vida para iluminar as colinas do meu corpo que sossega no teu.

O lençol do teu regaço acalenta o frio que, entretanto, emerge.

E as tuas mãos afagam o novo ser que repousa no meu **ventre.**



RESISTENTIA POETICA

ESTAR DO LADO CERTO

ELIZABETE
FERNANDES

O caminho é estar do lado certo.

O sol brilha, onde a esperança

É um farol aberto.

A verdade leva-nos adiante,

Coração livre, mente inconstante.

Do lado certo do tempo,

O passado é uma lição,

O futuro, uma doce canção.

Caminhamos no presente

De mãos dadas com a verdade,

Eloquente, não importa a velocidade.

E o lado certo do amor?

Do carinho, da compaixão?

Onde floresce a empatia,

Sem julgamento em ação?

No lado certo da vida,

A gratidão é a nossa prece,

A alegria apazigua, assim que amanhece.

Viver é aprender, é procurar o lado certo

Em cada passo que se **der.**



Surpreenda-me nesta vida toda a mentira.

Quando do que se passa não tenho ideia!
Queria adivinhar como se fosse uma feiticeira.
Saber o lado certo de onde nasce a lua cheia.

Surpresas gosto muito quando elas são boas.
Que me tragam alegria e não contrariedade.
Adoro da vida as canções que para mim entoas;
Gosto de viver sem sobressalto, em doce tranquilidade.

Vida surpreenda-me sempre que possa pela positiva.
O tempo por vezes é muito ingrato e tão traiçoeiro!
A minha mente é continuamente muito imaginativa.
Quer aprender a decifrar o lado certo e verdadeiro.

Aflora à minha memória tudo o que passei sendo vivido.
E renega que fique todo o meu passado em branco;
Não concordo, existem coisas que já não fazem sentido.
Mas exige saber toda a verdade e pede que seja franco.

Tudo o que passei é a saudade que sinto é o lado certo.
Que me deixou para a vida, para o amor e a poesia desperto!
Invoco à compreensão dos Deuses e à sua benevolência;
E tragam-me paz, amor e esperança que tive na **infância**.



RESISTENTIA POETICA

RESPIRA, ESTOU CONTIGO

MANUELA
VIEIRA

A memória é um álbum que nem sempre quer ser visto.

Páginas preenchidas por cada sílaba de uma vivência.

É como se a nossa pele falasse e atirasse o suor como selo desse registo.

Páginas. Muitas. Infinitas.

Amargas, doces

Doentias e febris

Curadoras e gentis

Afetos, abraços

Divórcios, silêncios

Corridas paradas

Quietude em tempo

Linhos coloridas rasgadas a esmo

Notícias perdidas

Sufocos respirados

Ah! A memória quando teima em fechar-se, deixa-nos nus.

Resta-me o teu olhar.

Esse mesmo, o teu direcionar.

Quando te olho

Vejo o quanto o longe é perto

E o quanto o perto é distante.

Calo-me no desentendimento

Como se partir fosse bom

Como se ficar fosse um tormento.

Um dia, um dia hás de falar

E o álbum abrir-se-á, escancarado

novas páginas ao mundo

a tua alma ditará.

Talvez, depois de voltares

do outro lado do **tempo.**



RESISTENTIA POETICA

ENTRE SONHOS E CICATRIZES

MARIA
BRUNO ESTEVES

Decapitada pela mão humana, sem compaixão,
não tombaste.

Da seiva derramada brotam braços resilientes,
numa súplica pela existência,
buscam o abraço do sol numa dança insana.
Revigoraste.

No cume da colina permaneces imponente,
guardiã dos enigmas da vida.

No teu corpo, no meu corpo,
cicatrizes calam memórias de dor.
Tua força vital alenta minh'alma,
dos braços inesperados desabrocham quimeras,
sonhos de poeta em folhas ondulantes.
Sob tuas majestosas raízes,
o canto das águas frias do regato, acalma
o eco de lamentos do trovador.

O som límpido, persistente,
que nos une **eternamente.**



RESISTENTIA POETICA

NO OCEANÁRIO

OLINDA
PINA GIL

Temos a natureza

Dentro de uma caixa esterilizada
Com os cheiros, cores, texturas
Domadas
Na medida certa da experiência.

Metemos o mundo numa caixa
Vivemos e sentimos assim
A vida numa caixa
Sem experiência lá fora
Sem azar, sem acidentes, sem **perigos.**



RESISTENTIA POETICA

1024

MÁRCIA
VIEIRA ÁVILA

Acorda
Não acordes consequentemente

Mil e vinte e quatro
ou outras tantas de

formas de morrer lentamente
como amar até à morte

Não acordes É como é
Nem deixes, Nem sejas, Nem sintas



Não quero uma alma

Não quero uma estrela

Não quero que durmas sem ao menos vivê-la

Quero-te aqui

No lado certo

RESISTENTIA POETICA

MATEI O MONSTRO DA MISANTROPIA

RAQUEL
T. SILVA

Matei o monstro da misantropia E a minha vida parou na letra M

Eu já fui um livro da Raquel Freire
Mas nos entre tantos a vida queimou-me
Se quiseres escrever,
Salta para dentro de um poço em tons de cinzento Pode ser um poço igual ao da Branca de Neve
Igual ao do *The Ring*.
Se for daqueles *avant-garde, new wave, retro vintage*
Podes escolher um a preto e branco



Para escreveres tens de estar no meio, Como um adolescente no limbo da vida Tens de estar a olhar para o branco Tens de estar preparado para o branco
Para os anos de branco que se formam à tua frente

Nem a luz segue o olhar
Os anos de mãos trémulas que penteiam riscos contínuos, Languidamente, perseguidos por ti

Se queres escrever tens de perceber o preto Tens de te entregar ao preto
Tens de perceber que o preto não é a salvação

A tinta escorre pelas tuas costas de velcro Mas eu... já não sou a outra face
Já não sou o outro ponteiro do relógio

Sempre abominei cada segundo E escrever é um poço sem **fundo.**

QUERIDO ESTRANHO

MARIA
DURAN MARQUES

falo ao meu companheiro em inutilidade, ao homem do bairro social
cuja janela olha os olhos da minha janela,
com plena igualdade, perfeita irmandade. tu, tu da cara e das paredes
de um azul cansado, teu olhar de quem
mais conhece outros tetos azuis sem resguardo.

tantas noites, estranho, me viste dançar
no meu quarto, marejando horas loucas,
doces insónias –
quantas tardes vi o teus finos
braços desnudos, brancos como ossos
escostados ao estrado, namorando as
brisas de março.

não sei o teu mal, o teu azar de enjaulado
domiciliário; não conheces o meu,
embora – como eu – aparentes ser
desempregado, largado
na maré dos dias, desregrado.



quem ama tanto o azul das janelas como alguém que a elas está casado? este matrimónio
dura há demasiado tempo, toda uma meia-eternidade. querido estranho,
velho namorado, se formos pessoas de verdade quando formos pessoas de verdade
em que lado da rua nos deveremos encontrar?

pois se eu me resguardo no meu claustro, fugida de pragas e de dores,
de desentenderes e ardores, e tu – coitado! – vives no teu, e pouco acompanhado –
podemos dizer que conhecemos bem os nossos hábitos. evitamo-nos, nunca trocamos
aceno algum. não fazemos da compreensão um caso. e no entanto quando
- se –
me libertar deste quarto, desta casa, desta frágil carne, serás quem melhor lembrarei,
de ti, estranho, estranho que me viste dançar do outro lado do **bairro**.

RESISTENTIA POETICA

(N)O CAMINHO CERTO

SOFIA
RAMOS



No caminho certo

Na família, um pilar

Na vida, exemplar

Na profissão, determinação

Até quando?

Na paixão, ardente

Para sempre?

Até quando?

No caminho certo

Para sempre?

Certo para quem?

No caminho certo

Está aí alguém?

Cozinhando

O certo, que é certo para os outros

Costurando

Não para esse alguém

Desenhando

Alguém que se esvaziou

Beijando

Certamente,

Até quando?

Num ninguém que não é

Para sempre?

No caminho certo

É certo que,

Cozinhar palavras

O caminho certo,

Costurar abraços

Terá sempre as suas incertezas

Desenhar vidas

E está tudo certo

Beijar tristezas

Certo para quem?

Está aí **alguém?**

Para quem não vive

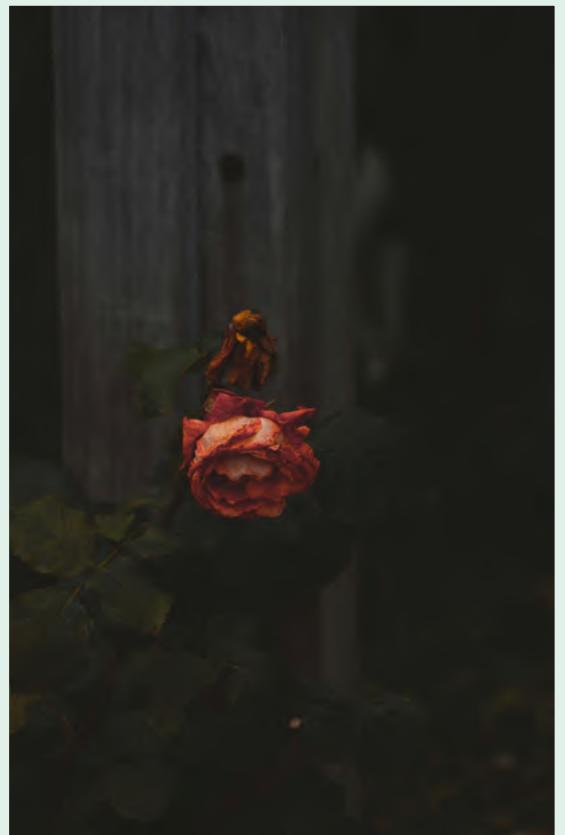
No reino onde a Morte é soberana,
o mortal descansará.
Inevitável é o chamamento.

A Parca é justa.
Pouco se importa com conta bancária,
fama ou honra lendária.

No lado certo (o da Ceifeira?), não há vaidade.
Igualdade.
Todos paridos, o mesmo destino.

No lado certo (o da Libitina?), não há riqueza,
Ausência de poder.
Até narcisistas lá caem sem saber.

A Morte traz a verdade.
À sua sombra descansarás.
Saberás sorrir, viver e morrer,
finalmente, no lado **certo.**

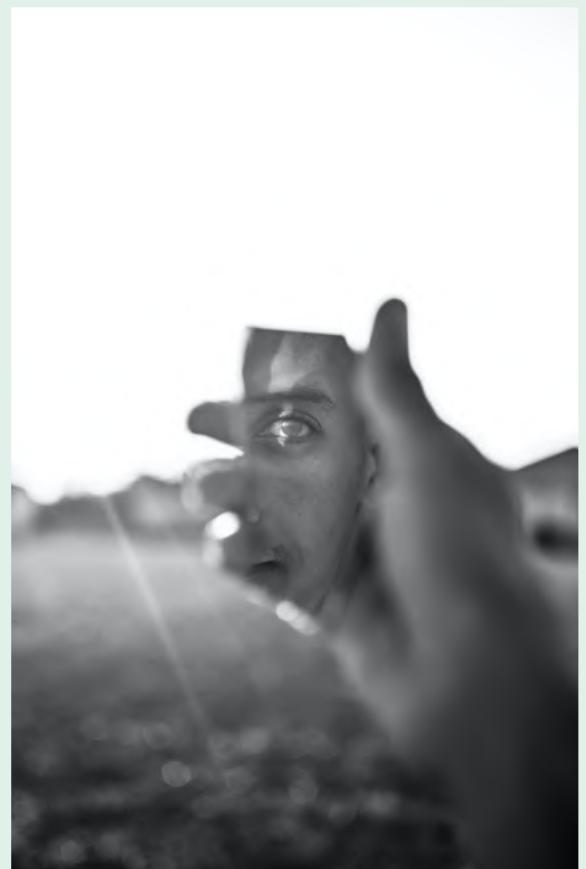


Espelho

Permanece
neste colo salgado;
só assim, silêncio de prece onde aquietas um dia agitado.
Deixa que o sol se suicide ironicamente nas traseiras da favela do povo
inocente.

Talvez tenhas pressa de dormir na cama que não é minha, sem nada para
sentir;

Sozinha.



RESISTENTIA POETICA

UM AMOR SUPREMO

COBRAMOR

esta é.

a alvorada.

sagrada renúncia à efemeridade à letargia & tornar cada noitada o extenso lânguido sibilo do saxofone de coltrane amor supremo amor supremo amor supremo! arrebata a imortalidade e a imprevisibilidade das garras das fatídicas estatísticas

por favor não desesperes mais
até que os nossos segundos se tornem fatais

oh genuíno doloroso poderoso amoroso destino
não empacotado para prolongar a vida de prateleira
não executado para chegar à certeira satisfação
não apregoado por quem erra de escritórios para peditórios e templos
não invocado para dividir a terra em fronteiras ou barreiras ou lixeiras &
o que protege também captura

amo-vos mal pagas empregadas de limpeza saem da casa às cinco da manhã para regressar às intermináveis vinte e duas horas quebradas mas inquebráveis
amo-vos estafetas que conhecem os recantos da cidade como a mãe conhece os refegos do recém-nascido
amo-vos jovens que dedicaram a vida a estudar a quem não resta nada que não a exploração e a submissão total e absoluta mas fazem de tudo uma luta
amo-vos putas e gigolos strippers e acompanhantes que se oferecem para colmatar a implacável sofreguidão dos yuppies que não sabem lidar com a frustração de esbanjar a existência para ter dinheiro para esbanjar
amo-vos crianças e adolescentes que herdarão esta sociedade decrépita e caquética

amo-vos freaks rastas sem-abrigo artistas dreads escritores actores beats rappers revolucionários
filósofos junkies drags monges ermitas filósofos

amo-vos neste esquema de pirâmide que dizem democracia como na comuna não desperdiçar o dia na
busca de fortuna e cumprir a profecia de sun tzu:
di/vi/dir/ para rei/nar

imolar-me

no ardor do nosso supremo amor
enquanto **chama**



RESISTENTIA POETICA

ENTRELAÇADOS NO LADO CERTO

MARIA
LUÍSA

Encosta-te meu amor

A lua virá no seu melhor lado

Para iluminar a noite fria

E tornar ainda mais

Místico o lugar só nosso.

Brilha no verniz do piano

Essa lua cheia que toca sem tocar

Que se insinua, plena e nua

Roçando nas teclas do piano.

Trocamos um olhar cúmplice

Sincronizados na exaltação dos sentidos...

A emoção alonga-se

Como esses dedos treinados

Que tocam a mais bela melodia

E sem saber se ainda é noite ou já é dia

Somos um...assim...**entrelaçados!**

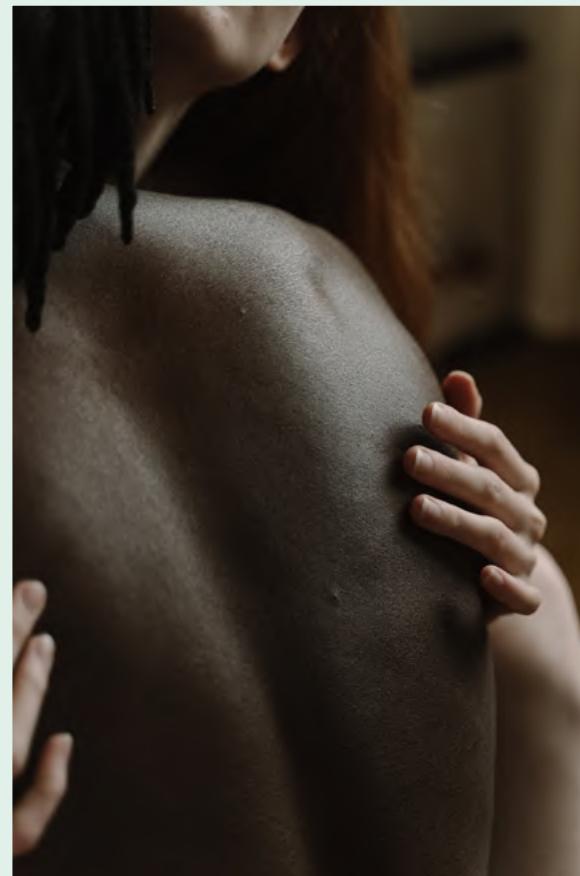


RESISTENTIA POETICA

A SEBE DO DESEJO

DULCE
PEREIRA

A contraluz na noite turva
Que nos escapa
O desejo marca o compasso
Das horas frias
E lateja como uma ferida infetada.
O desejo é a própria ferida
Ruborizada e ardente.
Enraízo-me na tua pele e nos teus olhos
A minha vida é uma rasura sombria
Estranha a qualquer Deus
Mas posso assegurar-te que
A única aspiração que tenho
É que o teu voo cruze o meu céu azul
E nunca conheças o lugar da queda,
Ainda que isso seja inevitável.
Neste inverno profundo
Há uma vastidão de pequenas coisas
Que podem ser a última vibração
De um mundo raro.
E é a cerca arbórea do desejo
Que nos garante o oxigénio
Até a próxima Primavera
Onde seremos pássaros em carne viva
Que nas cicatrizes constroem **ninhos.**



SALTANDO DO PARÊNTESIS

COM ABRIGO EM CASA ABANDONADA

JOSÉ
MENDES

Na casa, já só resta uma porta que não fecha e uma janela com vidros apedrejados por alguém. A água que lá existe nasce de uma mangueira fina que se estende, feito cobra, pela rua, desde a casa do vizinho, dois números de porta adiante, para encher a dezena de garrafões plásticos desleixados de um contentor amarelo. Vai servir para cozer a sopa ou lavar o carecido de o ser e uma vez para reduzir apenas a fumo aquoso, um princípio de fogo que ameaçava dissolver as paredes de treliça, vestida de saibro esfarelado e camas de aranha pintadas de poeira. É neste cenário feito tristeza, que lhe semeia a cabeça de esquecimentos, que vive o Zé, um idoso seco de carnes e de falas, na companhia de ratos anafados que já lhe perderam o respeito e o medo. Apesar das privações e dos cigarros pretos que fuma sem nunca dar descanso a lábios e a pulmões, tem aparência saudável. Nem a alimentação à base de finos e de pão barrado de margarina rançosa por ausência de frigorífico e de sandes de mortadela parecem afectá-lo. É a Gusta, a dona do café que, na maior parte das vezes, os fornece em troca de



mais um registo no livro dos fiados. Até que a pensão chegue aos correios por volta do dia oito de cada mês.

A boina, que lhe resguarda os cabelos do frio e tapa os esquecimentos de pente em cada manhã, já foi preta. As duas fitas finas de seda que teimam em manter-se agarradas à parte de trás, já tiveram cor de bandeira nacional. Não sei se alguma vez a Pátria o obrigou a vestir uma farda manchada de tons verdes e castanhos, dizendo-lhe que tinha de servir o país, nos comandos ou nos paraquedistas. No exército não seria, porque esse manda que a boina seja castanha. Tão pouco sei se terá sido combatente. Se sofrerá de alguma patologia fruto de vivências extremas ou ligeiras de uma guerra que pensasse ser sua. As suas poucas falas, em tentativas de meter conversa, pouco me dizem. Os monossílabos usados e

raros, nada mostram, a não ser uma cara fechada a tresandar a lutos e antipatias que parecem significar um "oh pá não me chateies". Aos bons dias, que faço questão de lhe desejar quando os nossos passos se cruzam, recebo um invariável e desmotivador silêncio, ou, pior ainda, um resmungo que mal se percebe.

O Zé da boina fuma muito. Tanto que o fumo dos cigarros pretos que sorve com um prazer efémero, pendurados nos lábios ou nos dedos, lhe alourou o bigode. A cor do fato de treino já aliviou o luto, mas ainda mantém o cheiro a tabaco que o anuncia quando ainda vem longe. As escassas lavagens no balde sem asa e de múltiplos usos não fazem milagres.

O Zé da boina tem um amigo de quatro patas que nunca vai pela trela. Tal como o dono, não precisa de amarras. Devido às artroses da idade e da vida, é com alguma dificuldade que sempre o acompanha para todo o lado. Não aceita festas nem conversas e rosna sem grande convicção a quem, amigavelmente, ouse fazê-las. Nos dias em que a maré está alta, é frequente ver o Zé na pesca, empoleirado nas rochas do paredão ensalitrado de branco do molhe. A sua cana é um pau tosco e curto com fios de nylon com alguns anzóis amarrados. Quando os mergulha bem fundo, por entre espaços nas pedras que conhece de olhos fechados, por vezes, lá trazem agarrado um congro, um robalo ou uma dourada que se deixaram levar pelo brilho enganoso dos anzóis. Se a quantidade ultrapassa as suas necessidades diárias, quase sempre a vende, meio em segredo, junto à lota. É com esse dinheiro que compra outros alimentos para si e granulados dos mais baratos para o cão. Acho que o Zé não tem consciência de que esse tipo de prática não é permitido perante as leis emitidas da capitania. Nem quer saber. Por isso não se preocupa em escondê-la, como naquele dia, indiferente aos salpicos das ondas que batiam zangadas. Tanto ele como o cão não se dão conta da aproximação dos soldados de farda azul, que percorrem o cais em carro novo, de motor que só vomita silêncio. Diz-lhes, de forma natural, que não sabe que esse tipo de pesca dá direito a multa. O silê-

cio da situação amarfanhá-lhe a língua e o pensamento. Não manifesta revolta, nem tem ganas de bater em alguém quando dizem que lhe vão levantar um auto de contraordenação, que não sabe o que é. Não diz que é roubalheira quando vê levarem-lhe os petrechos de pesca.

Diz-lhes ainda não ter consigo qualquer documento que mostre quem é. O BI de validade vitalícia com a sua cara de novo, só o usa para levantar a reforma de sobrevivência e ficou na casa térrea com porta sem fechadura e sem vidros na janela que habita e nem sequer é sua. Cede-a uma amiga generosa enquanto não decide se a restaura ou demole para a transformar em prédio de quatro andares e talvez um recuado, porque na zona, o terreno vale ouro e obriga a que o rentabilizem ao máximo.

Os polícias de farda azul consumam a ameaça e levam-lhe o utensílio usado para cometer o delito. O único robalito desse dia, também. Sente quem assiste à cena, e não aceita a solicitação de dar o seu nome como testemunha, que não era aquilo que os militares queriam fazer. Mais do que a gravidade do delito, têm de levantar o respetivo auto, por se tratar de uma denúncia feita por alguém que não gosta do Zé ou da vida que leva. Mesmo assim, os militares seguem o lado certo da sua consciência: devolvem o robalo, para que o prevaricador não fique privado de almoço nesse dia. Quanto ao auto de delito, não foi sequer elaborado, por falta de endereço fiscal para onde ser enviado.

Dois dias depois, o Zé da boina volta à sua faina, com novos apetrechos, que algum dos raros amigos lhe ofereceu.

Outros tantos depois, surpreendentemente, sem palavras, apenas com um menear de cabeça, que interpretei como querendo dizer "Toma, é para ti", estende-me um saco plástico azul com um prateado robalo dentro. "É para compensar as palavras que me dás". Pela primeira vez na vida, senti-me obrigado a ser conivente num ato de ilicitude e, ainda mais, porquanto não me é permitida qualquer retribuição monetária. O Zé, apesar das carências, ainda mantém intactos princípios de gratidão e outros que bebeu em pequenito e que hoje tão raros são.

DAS MENINAS QUE VÃO PARA O INFERNO

PATRÍCIA
LAMEIDA

Em plena adolescência, vi-me exposta a mais filmes de animação infantil do que se esperaria. A reboque da infância do meu irmão mais novo, acompanhei toda a produção Disney da década de 90 e início de 2000. Talvez pela idade em que o vi, ou pela quantidade de repetições a que fui exposta, é desta época o meu filme favorito de todos os tempos: "Hércules".

Em que se relacionam o filme "Hércules" e o mote "no lado certo"? A resposta parece óbvia: luta do bem contra o mal, o filho deixado com os humanos, que regressa ao Olimpo, a que pertence. No entanto, a minha recordação da película, que motiva a escrita desta crónica, é uma personagem que, até onde sei, é bem diferente na mitologia original: Mégara.

Para quem não viu, Mégara é retratada como uma agente de Hades, maquiavélico rei dos infernos, a quem ofereceu a alma em troca de piedade para um antigo namorado. O dito cujo viu-se livre do deus do submundo e largou Mégara por outra saia menos

presa. Entende-se que Mégara fez uma escolha errada, vendo-se associada a esse lado, errado, o que assume sem grande aborrecimento.

Mas o que é o lado errado? Ou o certo? Certo, errado; branco, preto; e cinzentos, não? O que raio é um lado? Há uma linha? Imagineando que existe a dita fronteira, Mégara atravessa-a; fá-lo várias vezes enquanto oscila entre o bem e o mal, entre o egocêntrico e altruísta, mas nunca deixa de ser Mégara, sempre Mégara, e tudo faz parte dela. Mas como pode a mesma personagem pertencer aos dois lados? Na falta de resposta, talvez seja a questão que está errada.

Como podem existir lados? Frações? Não será mais um contínuo? Não será a estrada, em vez das bermas? O caminho, em vez da partida e do destino?

Na sua força, Mégara é uma personagem com quem me identifico. Acredito que tenha ajudado a moldar a minha personalidade. É deliciosamente cinzenta, é tudo, sem que algo a limite, a defina. Acredito que não há lados, há Mégaras, Patrícias. Em vez de frações, o que existe, o que é real são as pessoas. E há palavras e sentimentos. Cinzentos.



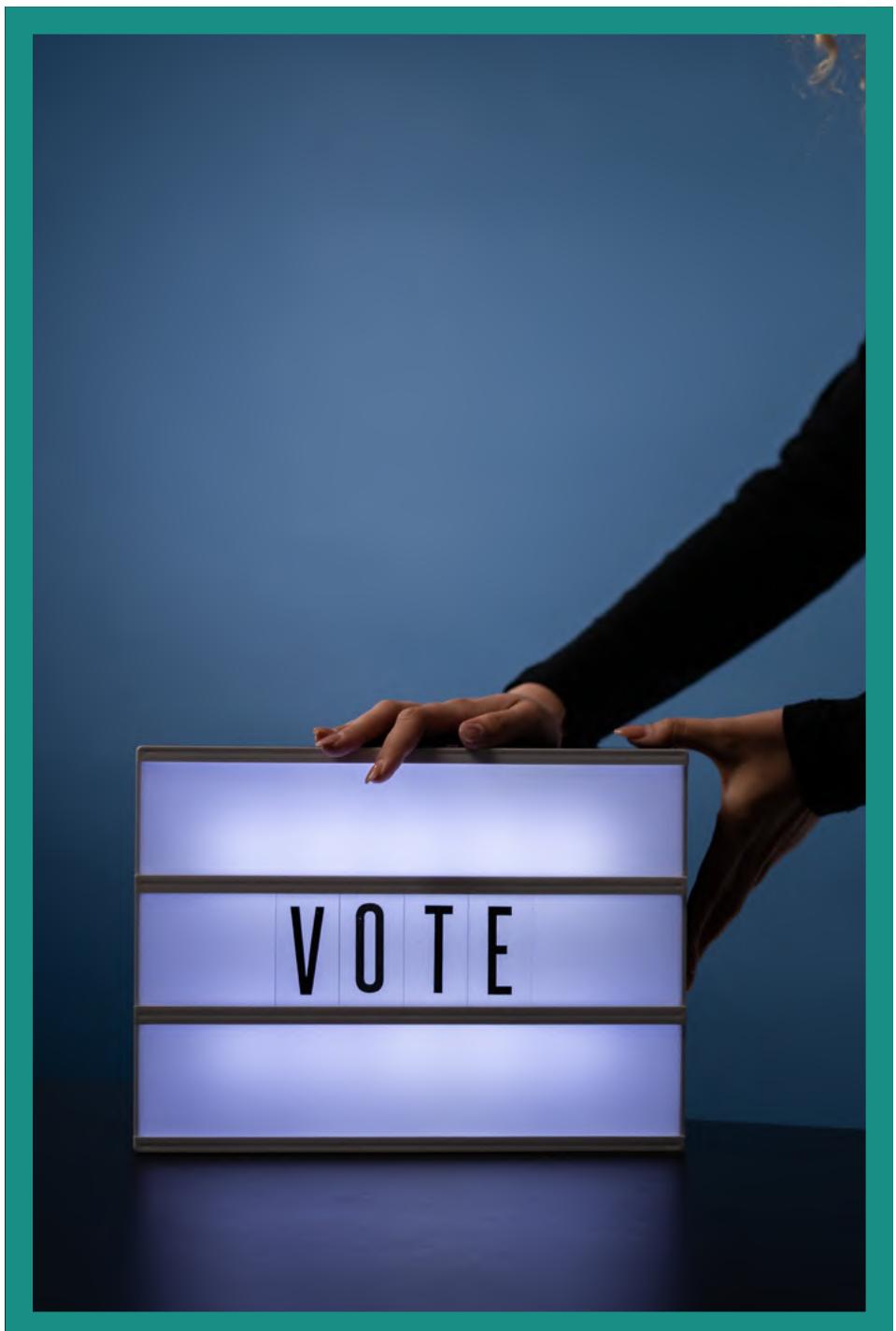
**«Mas o que é o lado errado?
Ou o certo? Certo, errado;
branco, preto; e cinzentos, não?
O que raio é um lado?
Há uma linha?»**

SALTANDO DO PARÊNTESIS

O LADO CERTO É SER LIVRE

PAULO JORGE
PEREIRA

Ainda mal tendo começado, já o Novo Ano se nos apresenta com desafios e exigências que nos obrigam a refletir e tomar decisões. Quando nos preparamos para comemorar os 50 anos da Revolução de 25 de Abril que libertou Portugal de 48 anos de ditadura, ser livre é mesmo o lado certo para cada um de nós. E as eleições legislativas de 10 de março serão um bom



momento para demonstrarmos que significando atribuímos à Liberdade, primeira e mais importante das inúmeras conquistas de Abril. Esse tal lado certo que é ser livre permite-nos avaliar cada projeto sob apresentação a sufrágio e escolher que ideais devem representar-nos. Com o voto podemos defender os valores democráticos e rejeitar os que gritam e insultam; os que escolhem o discurso do ódio e da xenofobia, dirigindo-o aos imigrantes, às mulheres, aos homossexuais, a diferentes etnias, às minorias; os que confundem conversas de café com debate político, mentiras com "dizer umas verdades", truques baratos com propostas sérias.

Ser livre, o lado certo para todos nós, é combatermos as desigualdades e a precariedade. É exigir que os salários assumam níveis dignos. É reforçar o Serviço Nacional de Saúde, o sistema educativo, a Segurança Social, o direito à habitação. É fazer da Cultura uma bandeira e apoiar criadores. É valorizarmos o Jornalismo como voz fundamental da liberdade de expressão e de um País, essencial para que estejamos bem formados e informados.

Mais: é a recusa do orgulhosamente sós que a ditadura exibiu. É não voltarmos atrás. É corrigir o erro de ter conferido acesso ao Parlamento a quem escolhe Bolsonaro, Trump, Salvini ou Le Pen como referências políticas. A História está recheada de lições, mais antigas ou mais recentes: nunca este quadrante político trouxe outra coisa que não fossem tempos sombrios e trágicos.

Para termos sucesso nesta missão coletiva não devemos ficar em casa, escudados na frase "são todos iguais". É preciso que estejamos à altura de quem tanto lutou, perdeu e sofreu para termos uma sociedade sem medo. Saibamos ser cidadãos e escolher, porque a responsabilidade é nossa. O lado certo é esse: ser livre, responsável, intrinsígena na defesa de direitos e deveres. E permanecer vigilantes, tendo a noção perfeita de que a defesa da Democracia tem de ser feita todos os dias.

«Para termos sucesso nesta missão coletiva não devemos ficar em casa, escudados na frase "são todos iguais". É preciso que estejamos à altura de quem tanto lutou, perdeu e sofreu para termos uma sociedade sem medo.»

ESTÁ NO LADO CERTO

ISA
SILVA

Nunca me tinha passado pela cabeça. Até que, um dia, passou. E avancei, é claro. Depois já não poderia voltar atrás. É daquelas decisões que deveriam ser ponderadas, mas nem sempre isso acontece. Porém, no meu caso, até foi bem pensada. No entanto, a dúvida surge. Não que seja uma pessoa indecisa, todavia questiono-me se fiz bem... ou não. Afinal, há o lado certo e o lado errado.

Não fiquei com um sentimento de culpa, longe disso. E, pensando bem, estás presente nesta história e noutras tantas e em variadas ocasiões e até lugares. Quem sou eu para contestar tudo isso? Já perdi a conta ao tempo que andas por aqui. És tão fútil como importante. Como é possível teres uma legião fiel de admiradores? Percebo que te abracem e que te exaltem como simbolismo cultural, mas sabes que não agradas a todos.

Na verdade, nem assim, nem com esse manto de tradições, te aceitam. Muitos discordam e fazem questão de demonstrar

esse particular repúdio. Pessoalmente, acho que exageram nessa negação. Arranjam argumentos para justificar crenças e medos e desse modo fomentam a divisão, o ostracismo e com frequência algo bem pior.

Por vezes, entra o tempero do mistério do crime, da perseguição, da criminalidade. Em certas partes da sociedade assim é. É o lado errado. Vive a discriminação popular vestida de honra e ideais sem sentido.

Afinal não erramos todos?

Ninguém é perfeito.

O ser humano é muito complexo e não percebe os caminhos de mágoa que deixa em cada caminhar. E depois é cheio de contrariedades. Tão depressa despreza como adora. Sim, tem esse lado, o de pura adoração e ostentação.

Afinal no que é que ficamos? É bom ou é mau? Não ligo a essa dualidade. Esqueço-a. Não quero mesmo saber.

A única coisa que sinto é que me ajudaste.

Apesar de bater aquela tristeza quando recordo o que me levou a tal, aqueles dias tão difíceis, aquela luta interna de desejar um rumo, de saber e não saber... O olhar para ti deu-me esperança, lembrou-me que tinha capacidades. Deu-me tanto conforto. É estúpido, percebo, mas assim foi.

É por isso que quero e vou repetir. Vou querer mais de ti. Vais fazer parte de mim de novo. Quando? Não sei.

Ah! E a beleza que podes ser... Sim, também podes ser absolutamente deslumbrante, possuir esse imenso requinte, espantar até os mais cépticos num olhar imóvel a mirar-nos à distância ou, até, de tão perto que ouvimos a respiração. Podes ser uma verdadeira obra de arte. Mãos de mestre numa agitação viva de criatividade. E posso sempre tocar-te, não estás protegida ou carregada de armadilhas ou quebras de vontades. Estás ali, bem visível para todos e, por vezes, escondido onde ninguém te quer mostrar. Mais dualidade?



Fotografia: Isa Silva

És tanta coisa e és vazio. És tradição, mensagem, provocação, arte, história, ternura, força, estupidez, hierarquia, mancha, dedicação, tristeza, delicadeza, laços e um todo de nadas. Olho e vejo-te na solidão de uma imensidão de mar quente, ilha colorida no ponto central de uma clareza que chama pelo domínio da tinta. Escrita? Talvez. Também. Mas nem sempre. Já te chamaram de rebelde. É preciso rebeldia, sim, contudo a coragem e vontade de marcar é bem mais forte. E precisamos sempre de alguém para o fazer. Estamos dependentes de quem, com calma, o faça pausadamente. Sem pressas, erros ou deturpações que retirem tudo aquilo que desejamos. Tens tanto de delicadeza como de provocador e sabes bem disso quando ficas ali ao sol, para que todos te vejams. E és irritantemente sexy em tantas situações! Respiras tentação e julgas que mudas algo?? Não mudas. Nada!

Todavia podes mostrar as saudades, podes deixar a lembrança de uma pessoa ausente com o enorme peso leve da gratidão. Fica marcada até partires, também.

Ficas tão perto quando te dou o meu longe. Podes ser raiz de mim para ti, de ti para mim, de nós para eles. Não me importo. Desde que estejas comigo.

Mas chega de conversa. Estou cansada e vou parar.

Afinal, quem és tu?

És a minha tatuagem.

Estás no lado certo.

No lado do coração.

**«Ficas tão perto
quando te dou
o meu longe.
Podes ser raiz
de mim para ti,
de ti para mim,
de nós para eles.
Não me importo.
Desde que
estejas comigo.»**

DA PALAVRA À FORÇA

O LADO CER(TU)

JÚLIA
DOMINGUES

Quantas vezes jurámos que ia dar certo e não deu? Quantas vezes vimos o nosso «para sempre» desmoronar-se à nossa frente? E quantas vezes foi preciso dar errado até dar certo?

Desde que nascemos que a sociedade imprime uma série de códigos e condutas que devemos seguir como **sendo o que está certo**. De tantas vezes ouvir: «Não faças isto»; «Não podes fazer aquilo»; «Não te comportes assim»; «Tens de te comportar assado», acabamos por cristalizar no nosso subconsciente esses comportamentos como sendo os certos. Mas nem sempre o certo para os outros também tem de o ser para nós.

Muitas vezes, só em adultos é que conseguimos constatar isso. É quando a vida nos obriga a parar, que surgem perguntas como: Por que é que nada dá certo comigo? Por que é que eu nunca me sinto suficiente? Por que é que eu preciso da aprovação dos outros?

Fácil. Porque passamos demasiado tempo a tentar fazer certo para os outros e a perceber que isso é errado para nós. Num mundo onde as opiniões dos outros muitas vezes pensam sobre os ombros, é imperativo lembrarmo-nos de que a jornada pessoal é um terreno sagrado que pertence exclusivamente a cada um. É fácil perder-se na cacofonia das expectativas sociais, mas a verdadeira transformação ocorre quando se tem a coragem de deixar para trás as opiniões alheias e abraçar o desconhecido.

Cada passo na direção do lado certo exige coragem. Significa desafiar as normas estabelecidas e resistir à pressão de conformar-se. É uma jornada de autodescoberta, onde a verdadeira força reside na capacidade de acreditar em si mesmo. À medida que se libertam das amarras do julgamento externo, começamos a encontrar a liberdade para florescer no terreno fértil das nossas próprias aspirações. A vida é um labirinto complexo, cheio de encruzilhadas que nos desafia a escolher entre o que é socialmente aceite e o

que é verdadeiramente significativo para nós. O lado certo, muitas vezes, reside nas escolhas que nos fazem sentir vivos e conectados com o nosso propósito mais profundo. É crucial aceitar que a felicidade não é uma fórmula única, mas sim a soma das escolhas autênticas que fazemos ao longo da nossa jornada.

O lado certo está em alinhar-se consigo mesma. Pode ser desafiador, pois implica desbravar territórios desconhecidos e desafiar as expectativas daqueles que nos rodeiam. No entanto, só ao seguir o coração e perseguir os sonhos pessoais é que se pode alcançar uma satisfação duradoura. A verdadeira transformação começa quando se abraça o lado certo, quando se abraça a autenticidade que reside no âmago de cada ser. A busca pela felicidade é uma jornada contínua, mas ao seguir o caminho único que pertence a cada um, abre-se a porta para uma vida plena e significativa.

Viver autenticamente é o único lado certo de cada um. Na jornada em direção ao lado certo, encontrarão não apenas a felicidade, mas também a plenitude que só pode ser alcançada quando se vive de acordo com a própria verdade interior. Em última análise, a vida é uma oportunidade para sermos os donos das nossas escolhas, e o lado certo é o caminho que nós queiramos que seja. É no alinhamento com o verdadeiro eu que a magia da transformação pessoal floresce.

**LEFT
OR
RIGHT?**

DA PALAVRA À FORÇA

LUGAR SEGUNDO

ANA
COSTA

Crescemos a ouvir repreensões sobre o que está errado, como se houvesse sempre um lado certo que escapa aos olhos infantis. Foi assim connosco e assim continua a ser com as crianças de hoje. Não admira que "não" seja uma das primeiras palavras que aprendemos a dizer de forma correta. Não admira que tenhamos de nos render constantemente à dicotomia do certo/errado. Em crianças aprendemos, às vezes à força, a diferença segundo a perspetiva dos mais velhos, mas, em adultos, podemos (e devemos) questionar-nos.

Acredito na singularidade de cada um de nós. Portanto, vemos o mundo e o que nos acontece de uma forma única. O que é certo para mim, pode não o ser para outra pessoa e vice-versa. Está tudo bem. São pontos de vista, trazidos, em primeiro lugar, pela lente da sociedade e, depois, pela nossa, e é isso que nos distingue. O que vivemos, ouvimos, dizemos, sentimos e pensamos condiciona e vai ajustar a nossa lente a cada instante. Deste modo, ainda que duas pessoas observem um mesmo acontecimento, a interpretação que vão fazer dele nunca será igual.

Para compreender e aceitar diferentes catalogações do certo e do errado, há

que perceber, primeiro, que também nós temos o nosso próprio catálogo, que é apenas mais um entre tantos. A verdade absoluta é algo que não existe. Ao questionarmos o ponto de vista do outro, devemos interrogar-nos também acerca do nosso, pois nada é definitivo e tudo pode ser válido.

Os padrões de certo e errado também condicionam as escolhas. Gostamos de viver a pensar que escolhemos o que é correto. Isso é bom, no entanto, o ideal será vivermos conscientes do poder de escolhermos o que é melhor para nós e não para os outros. Já não somos crianças que obedecem aos adultos.

Nem sempre é fácil assumirmos a nossa vontade e agirmos de acordo com isso, quando são muitos os que exercem o seu domínio sobre nós. Contudo, quando aceitamos e procedemos em conformidade com aquilo que ressoa em nós, o coração serena, pois encontrou o seu lugar seguro. Essa sensação de segurança responde a uma das nossas necessidades básicas para podermos viver em pleno.

Da próxima vez que tiveres de decidir o que dizer, fazer, pensar, sentir e, até, escrever, vai até esse lugar seguro que é o teu coração e escuta-o.



O MEU LADO NÃO É O VOSSO LADO

MARGARIDA
CONSTANTINO

A vida é uma permanente tomada de decisões. Podemos nem sempre ter consciência, mas todos dias fazemos escolhas.

Os desafios e conquistas por que passamos são matéria e produto para essas preferências. A busca pelo lado certo é incessante, mas quando chegamos à maturidade e olhamos para trás, percebemos o quanto absurda é essa procura.

Descobrimos que a vida não é um cliché, é uma estrada labiríntica, cheia de curvas e de reentrâncias para explorar. Cada escolha exerce um efeito diferente no percurso, até mesmo quando optamos por não fazer nada. Nem sempre temos a consciência de que estar de acordo com a nossa essência nos conduz ao bem-estar. A felicidade provém da aceitação do que é imperfeito, das fraquezas, das contingências e da singularidade; a nossa, a dos que nos rodeiam, dos objetos e das situações.

Somos energia, a mesma que têm o cosmos, a natureza e os objetos. Somos energia materializada. Se compararmos a energia à água, vemos que a podemos elevar ao estado gasoso e baixar ao estado sólido. O mesmo se passa com os objetos e os seres. Não somos mais do que um grão de poeira no cosmos.

A importância que temos é apenas aquela que lhe atribuímos; somos todos diferentes formas provenientes da mesma fonte. Haverá, então, um lado certo? Por que alguém se pode considerar mais certo do que o outro? Por acaso, nasceu nas mesmas condições? Nasceu com a mesma personalidade?

Um homem alcoólico e violento tinha dois filhos: um tornou-se drogado, vivia de roubos para alimentar o seu vício, o outro teve um percurso brilhante, formou-se novo e era um médico de sucesso. Na cadeia perguntaram ao primeiro por que abraçara aquela forma de viver. Ele respondeu: — Com o pai que tive, não tinha outra alternativa. Fizeram a mesma pergunta ao segundo irmão. Este respondeu: — Com o pai que tive, não tinha outra alternativa.

Vamos todos desaparecer e, depois disso, o que interessaria termos vivido num lado considerado o certo, se não aproveitamos a vida em pleno? Se não rimos alto, não nos embebedámos um dia, não gritámos numa praia deserta, não apreciamos a beleza das folhas no outono, nem o aconchego de um chocolate quente no inverno?

O lado certo deve ser um estado de espírito, alcançar as metas por nós traçadas, encontrar a alegria das pequenas vitórias, alimentar relações autênticas e abraçar os desafios como oportunidades de crescimento.

Viver no lado certo é rejeitar os padrões preestabelecidos e traçar a própria definição de felicidade, com as imperfeições, os erros, os maus cheiros, os sons agudos, as rugosidades, os calos, as verrugas, as parvoíces. Não existem unicórnios e a Barbie é fabricada.

O lado certo é aquele em que estamos de acordo com a nossa essência e os nossos valores. Não importa quem está ao teu lado, como aqui chegaste, ou o teu passado. O ontem já foi, o amanhã é incerto. O dia é hoje.



O ESTÁDIO DO GUERREIRO

MARIA
GAIO

Todos passamos por situações menos boas na nossa vida. A revolta, a amargura, os "porquê eu" podem tomar conta de nós e atrasar a recuperação. No entanto, estes momentos são preciosas oportunidades para deixarmos o nosso "guerreiro interior" manifestar-se. Ao converter os sentimentos dolorosos em resignação e assentimento, iniciamos um caminho de esperança que nos abrirá as portas para novas oportunidades. Impõe-se a reflexão: "e agora?". O que passou ficou lá atrás, agora é tempo de repensar o que nos trouxe até aqui e percebermos como nos transformou para podermos usar as ferramentas que a nova condição nos traz. Sim, usá-las, porque, como acontece em tudo o resto na vida, devemos agir e trabalhar na direção do que queremos.

Se pensas que a resignação é algo vazio de sentido, enganas-te. Esta é o grande ponto de partida para vivermos dignamente, com alegria e em paz neste nosso novo estado. É na aceitação que o nosso guerreiro aparece com as suas armas. Deixa-o entrar e agarra-te a ele para que te ajude na caminhada. Pode ser em forma de oração, em sonhos, em desabafos, meditando, escrevendo, lendo, não importa como, o que interessa é respirar fundo, erguer a cabeça e avançar.

Convence-te de que a palavra faz o ato e a criatividade também é uma forma de trocar as voltas à anunciada morte do teu sonho, do teu corpo ou da tua mente. És um guerreiro — dir-te-ão. Eu, guerreiro! Como? Não. Apenas aceitei e me abri a novas perspetivas de vida. Sim, porque aceitei o que me acontecia, para a partir daí repensar objetivos e fazer escolhas, reformular o meu caminho. Chamei a mim forças desconhecidas

que até então, nunca me tinham sido apresentadas: a razão, mas também o coração e o sonho de viver.

Não é só nas grandes provações que devemos pensar assim, no dia a dia isto traz-nos um grau de tolerância que beneficia a todos quantos nos rodeiam. Aceitação e resignação são formas de promover o bem-estar, o teu e o do outro.

Tal sentir também nos conduz à compaixão, tão necessária no tempo atual. Não confundir este sentimento com inércia, pois esta não nos leva a lugar algum, nem nos desperta o sonho e a ação. A entrega sim, faz-nos pensar e agir. É uma paragem produtiva, que nos faz recomendar, abre novos horizontes, através do criar algo ou seguir o exemplo de alguém. Este sentimento normalmente não é aceite, porque tem por detrás de si conotação com "conformar-se" quando, na verdade, é essencial na hora da queda, escolher se nos levantamos ou deixamos que nos derrube. O nosso guerreiro ajudar-nos-á no caminho da superação e do sonho. Usemo-lo para nos erguermos daquilo que nos derrubou através da aceitação, resignação e compaixão, por nós e pelo outro. Em cada dia preparamos um amanhã melhor!



DA PALAVRA À FORÇA

QUAL É O LADO CERTO

ONDINA
GASPAR

Todos procuramos o lado certo da vida. Nestes tempos conturbados, porém, vemos cheios de incertezas. Já esquecemos o passado a que nos queremos agarrar com saudosismo, mentalizando-nos que teria sido melhor ficar lá atrás no tempo. Ficamos presos no pretérito e desenhamos um futuro incógnito na nossa mente.

Porém, nada nos traz respostas a esta questão: qual é o lado certo? Seja quanto ao que nos move, ao que percepcionamos, aos nossos pensamentos e juízos de valor.

Dentro do errado/incerto haverá sempre o "reverso da medalha".

Nos caminhos da vida nem sempre o que nos parece correto nos ditará a melhor solução. Nas encruzilhadas, muitas vezes somos confundidos pela nossa mente formatada pelas crenças limitadoras que a sociedade nos impôs.

Às vezes erramos e fazemos más escolhas motivados pelo cego encalço da certeza.

Porque tudo é efêmero e as circunstâncias passam céleres, deixando-nos aquela sensação de desequilíbrio e angústia sobre se teremos procedido ou feito o que deveríamos, como fiéis partidários da nossa própria indubitabilidade.

Conclui-se, então, que não existe o lado certo

nem o lado incerto/errado. Os dois são faces da mesma moeda. Talvez bastasse lançá-la ao ar e deixar que o acaso nos desse a resposta. Assim, nesta incerteza constante, vamos prosseguindo a vida. Nada é a preto e branco. O que parece certo para uns é totalmente errado para outros.

O ideal seria que todos pudéssemos ouvir o nosso próprio coração e viver no "agora", seguindo a nossa intuição.

Talvez, em planos superiores, aonde muitos anseiam chegar, não existam esses conceitos distintos ditados por julgamentos e regras instituídas. A dualidade existe aqui, entre nós e neste plano.

Bastaria SER, ouvir o coração e seguir em frente sem medo.



GENIALIDADE VERSUS LABOR

DAVID
ROQUE

A atriz Judie Foster, sexagenária, aludiu recentemente à falta de empenho da geração Z (nascida entre 1990 e 2010) no trabalho. A crítica pode ser atenuada se pensarmos que desde sempre os mais velhos criticaram os comportamentos juvenis, mas não me custa acreditar que as gerações nascidas no conforto moderno e distraídas com a panóplia de ferramentas lúdicas à disposição sejam mais propensas ao descomprometimento laboral.

Esta nota introdutória vem a propósito da necessidade da labuta para erguer qualquer obra literária. É esse o principal motivo da proliferação de oficinas e clubes de escrita criativa, primeiro, no arco anglo-saxónico e, depois, por todo o Ocidente. Neste caso, como em Jodie Foster, está entronada a convicção de que o livro só nasce com aplicação da técnica, de forma cuidada e comprometida, através da dedicação pessoal, a que podemos chamar trabalho, independentemente de ser ou não remunerado. Afinal, o maior prémio do escritor é a escrita



terminada, o ouro alquímico pela transmutação das palavras escritas em matéria literária. Não paga contas, mas eleva o moral.

No século XIX, aquando da ascensão do romantismo, criou-se o mito do génio literário, alguém tocado por forças transcendentes, descendentes ou ascendentes, consoante crenças mais apolíneas ou de sentido telúrico. Uma visão que, como já antes referi, contaminou toda uma cultura com a ideia de que a alta criação se fundava em forças sobrenaturais, inexplicáveis, que faziam do artista um mero médium. Duvido que seja assim mesmo. Não posso negar a força da genialidade de muitos autores quanto às temáticas originais ou às formas usadas para as abordar, porém, não desconheço o papel do suor. Dez por cento de imaginação e noventa por cento de trabalho, dizem.

A virtude técnica, só por si, pode não bastar para quebrar a barreira que dá acesso ao panteão dos ditos génios, mas certamente coloca qualquer escrevente no bom caminho. O contrário nunca aconteceu, jamais o génio produziu grande obra sem qualquer capacidade formal. Onde está então a verdade? No desenvolvimento de ambas as competências: no exercício aturado da abertura da mente, permitindo que o canteiro da imaginação rebente em cor e visão de mundo e futuro, enfim, a genialidade; e que essa genialidade encontre pernas musculadas e pulmões amplos para fazer a sua caminhada pelos caminhos da literatura. Como sabemos, boas pernas e bom pulmão só se consegue com suor e tempo.

A composição escrita da criança de oito anos, mesmo que genial, não é a mesma do adolescente de dezasseis, que não é igual à do adulto de trinta e seis ou à do maduro de cinquenta e seis. Se o génio que habita a pessoa é transcendentemente acabado, porquê a mudança estilística ao longo do tempo? Porque o génio não existe, o que mora em cada um de nós é uma pessoa que cresce, aprende e muda. E instruir-se é a chave da abóbada da nossa catedral de letras.

«A composição escrita da criança de oito anos, mesmo que genial, não é a mesma do adolescente de dezasseis, que não é igual à do adulto de trinta e seis ou à do maduro de cinquenta e seis.

Se o génio que habita a pessoa é transcendentemente acabado, porquê a mudança estilística ao longo do tempo?»

QUAL É A ORIGEM DE BUÉ E CAÇULA

MARCO
NEVES

Hoje, fazemos uma viagem pelas palavras para «filho mais novo» e ainda vamos procurar a origem de «bué».

Esta manhã, enquanto pensava num tema para esta crónica, pus-me a olhar para o meu filho mais novo a brincar. Que palavras temos na nossa língua para «filho mais novo»? Se pensarmos um pouco (ou se, em caso de esquecimento, consultarmos um dicionário), apanhamos logo duas palavras: «benjamim» e «caçula» — esta última muito mais usada em português do Brasil.

Antes de continuar, devo notar que a maneira mais comum de nos referirmos ao filho mais novo não é nem «caçula» nem «benjamim», mas sim, precisamente, «filho mais novo»... Uma língua pode ter palavras que expressam um determinado conceito e os falantes, teimosos, usam uma expressão um pouco maior. Não é nada de outro mundo: cada palavra tem um peso particular, uma certa maneira de se relacionar com as outras e com quem as usa — e nem sempre queremos usá-la, por este ou aquele motivo. Por exemplo, eu, se estivesse a falar em público, talvez dissesse, só para variar o vocabulário, «o benjamim lá de casa». Entre amigos, podia acontecer que me saísse «olhem aqui o caçula a rir», mesmo sendo uma palavra muito mais usada no Brasil. Mas na grande maioria das situações diria apenas, se necessário fosse, «o meu filho mais novo».

(Isto talvez seja mais uma pista para percebermos que, ao contrário da ideia corrente, a falta de uma palavra particular numa língua não tem de corres-

ponder, necessariamente, a uma limitação dos falantes dessa língua. Através de outras palavras e desse motor de criação dum número infinito de frases que é a gramática, conseguimos lá chegar na mesma, mesmo que demore um pouco mais. Mas adiante — que hoje a viagem não passa por aí.)

Olhemos para as duas palavrinhas. A palavra «benjamim» terá surgido como derivação do nome bíblico «Benjamim», o filho mais novo de Jacob. Nada a dizer: a Bíblia deu-nos algumas palavras — e muitos nomes. Já «caçula» terá origem na palavra «kazuli», que tem esse preciso significado na língua quimbundo, uma língua africana da família bantu. Estas são línguas com gramáticas que nos fariam cócegas se as aprendêssemos. Só como exemplo: se nós temos dois géneros gramaticais, as línguas bantu têm, muitas delas, mais de uma dezena de classes de nomes. Os adjetivos têm de concordar com a classe do nome que qualificam — ora, essas classes são marcadas no início das palavras (enquanto nós, por cá, marcamos os géneros dos nomes no final), o que significa que muitos adjetivos têm de começar

pelo mesmo som que o nome. Resultado: estas línguas produzem frases com muitas aliterações: Por exemplo, a frase «Aquelas duas boas pessoas caíram.» escreve-se, em suaíli, «Watu wazuri wawili wale wameanguka.».

Bem, o quimbundo deu algumas palavras ao português — principalmente ao português do Brasil, o que se comprehende, tendo em conta o número de falantes de quimbundo que para lá foram levados como escravos. Olhando para o português de Portugal, há também algumas palavras com origem nas línguas bantu. Por exemplo, a palavra «quezília», que parece ter vindo de «kijila».

Mas talvez o mais famoso vocábulo com origem no quimbundo seja uma palavra que algumas pessoas dizem não ser uma palavra — e isto apenas por ser típica do registo mais informal. Falo de «bué». É bem provável que tenha vindo de «mbuwe», que quer dizer «abundância» ou «fartura» (segundo a *Infopédia*).

É uma palavra muito informal, de facto — mas existe e é usada por muitos portugueses e já não me parece que esteja reservada apenas às crianças e adolescentes. Oiço-a da boca de adultos de 40 anos, quando estão a falar à vontade (alguns deles talvez jurem nunca a dizer, mas nós somos todos terríveis observadores do nosso próprio uso da língua).

Não nos preocupemos: todas as gerações usam palavras novas — algumas desaparecem sem rastro; outras, como «bué», acabam por ficar, pelo menos até os falantes se fartarem. Pois a verdade é que essa palavrinha é, hoje, bem portuguesa. Nem os brasileiros costumam saber o que significa...

Uma palavra com várias décadas de uso já está nos dicionários, o que parece irritar uns quantos. Note-se que uma palavra estar no dicionário não significa que tenhamos de a usar — pelo menos, não temos de a usar todos (cada falante tem o seu vocabulário) e muito menos temos de a usar em todas as situações. Muitos dos bons dicionários registam os palavrões — e isso não nos dá autorização para usá-los por díá aquela palha.

Há, na verdade, alguma confusão sobre a função dos dicionários. Um dicionário não ser-

ve para criar palavras — as palavras existem primeiro na boca dos falantes e só depois nas páginas do dicionário. Também não serve para autorizar o uso de determinada palavra pelos falantes. Quando falamos, não andamos a folhear esse delicioso livro para saber se podemos ou não usar uma palavra.

Então, para que servem os dicionários? Servem, principalmente, para três coisas.

Primeiro, para nos ajudar a saber como escrever uma palavra quando temos dúvidas.

«Isto talvez seja mais uma pista para percebermos que, ao contrário da ideia corrente, a falta de uma palavra particular numa língua não tem de corresponder, necessariamente, a uma limitação dos falantes dessa língua.»

Segundo, para registar o significado que os falantes dão às palavras. Como nenhum de nós conhece todos os vocábulos da língua, às vezes temos de ir ver o que significa uma palavra que, antes, nos era desconhecida. Para isso, os dicionários têm de ser abrangentes... Se não o fossem, não seriam tão úteis.

Os dicionários serão especialmente úteis para os estrangeiros que tentam aprender a língua. Ora, um aluno estrangeiro de português, se ouvir um miúdo a dizer «bué», vai querer saber o que significa a palavra — mesmo que o pai do miúdo torça o nariz.

Se o dicionário for bom, irá tentar orientar o falante sobre as situações em que a palavra é usada — mas, na verdade, só conseguimos aprender bem esse jogo através de tentativa e erro, usando a língua no dia-a-dia e ouvindo com atenção os outros.

E o terceiro uso dos dicionários? Ajudam-nos a encontrar a palavra certa para aquele texto que estamos a escrever. Aliás, há dicionários especializados nesta função: falo dos dicionários de sinónimos.

O certo é que a língua se faz de muitas palavras, muitas delas com significados parecidos, mas usos diferentes. Algumas dessas palavras estão cá há muitos séculos, vindas de muitas paragens (do latim, do grego, do hebraico, de línguas vizinhas — ou mesmo de paragens que não imaginamos). Outras chegaram há menos tempo. Já percebi que há quem tenha horror a palavras com origem noutros países de língua portuguesa, como «caçula» ou «bué» (a «quezília» parece não levantar quezílias, talvez porque a origem seja pouco conhecida). E, no entanto, se levámos uma língua inteira para essas paragens, que mal haverá em recebermos umas quantas palavras de volta?

«O certo é que a língua se faz de muitas palavras, muitas delas com significados parecidos, mas usos diferentes. Algumas dessas palavras estão cá há muitos séculos, vindas de muitas paragens (do latim, do grego, do hebraico, de línguas vizinhas — ou mesmo de paragens que não imaginamos).»



ENTRE NÓS E AS PALAVRAS, O NOSSO DEVER FALAR

JOÃO
VENTURA

A propósito de um post de um amigo, que decidiu fechar provisoriamente a sua página do Facebook para não sentir a sua comoção arrefecer devido à banalização das imagens da guerra na Palestina, ocorre-me que o filósofo alemão Theodoro Adorno começou por dizer, em 1949, que "escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro". Mais tarde, porém, contrariando o seu dito inicial, escreveu que "a perpetuação do sofrimento tem tanto direito a expressar-se como o torturado a gritar". Foi isso que expressou o escritor italiano, Primo Levi, sobrevivente do Holocausto, no seu doloroso livro *Se isto é um homem*. Também Paul Celan, sobrevivente de um campo de extermínio nazi, habitando no "limiar do emudecimento" num mundo sem redenção, num poema dedicado a Hölderlin, também ele um poeta do limiar, escavou a ferida aberta num tempo de silêncio e morte.

E é isso que expressam as pungentes fotografias expostas no Museu de Auschwitz-Birkenau que, há alguns anos, visitei de lágrimas nos olhos. E as imagens das vítimas horrivelmente queimadas pelos bombardeamentos americanos no Vietname, que mudaram o rumo da guerra e conduziram à Paz. Ou ainda as imagens do massacre no cemitério de Santa Cruz, em Dili, captadas em 1991 pelo jornalista britânico Max Stahl, que levaram ao imparável movimento de solidariedade com o povo timorense.

Diante do horror das imagens que diariamente mostram um amontoado de ruínas na faixa de Gaza, sob as quais jazem as crianças da Palestina, coloco-me do lado certo, do lado dos inocentes, e partilho os versos de Celan: "Se viesse, / se viesse um homem / se viesse um homem ao mundo, hoje, com / a barba de luz dos / patriarcas: só poderia, / se falasse deste tempo, só / poderia balbuciar, balbuciar / sempre sempre / só

só" ("Pallaksch, Pallaksch", Sete rosas mais tarde). Em nome das vítimas, de todos os inocentes, sejam os milhares de crianças palestinianas massacradas em Gaza sob a metralha israelita, sejam os reféns israelitas barbaramente assassinados pelo Hamas, sejam as populações das cidades ucranianas destruídas pela metralha russa, Karkhiv, Kherson, Bakhmut, Odessa, sejam os soldados russos enviados para a morte, temos o dever de olhar a dor e o medo estampado nos seus olhos, mesmo que as imagens pungentes de sofrimento nos venham desassossegar.

Olhar, pois, os ecrãs, montras da barbárie que varre o mundo, e como o poeta Cesariny, dizer: "Entre nós e as palavras, os empareados / e entre nós e as palavras, o nosso dever falar". Esse o lado certo.



Fotografia: Eyad El Baba - UNICEF

PALAVRA DE LEITOR

A ESPERA

MÁRIO
RUFINO

A genuinidade não tem uma só forma de expressão. Keum Suk Gendry-Kim (Goheung, Coreia do Sul) desenhou a sua a preto-e-branco. "A Espera" (Iguana, trad. Yun Jung In) é um pungente relato na forma de narrativa gráfica.

O que faz um leitor português interessar-se por um período histórico das duas coreias?

A resposta é simples:

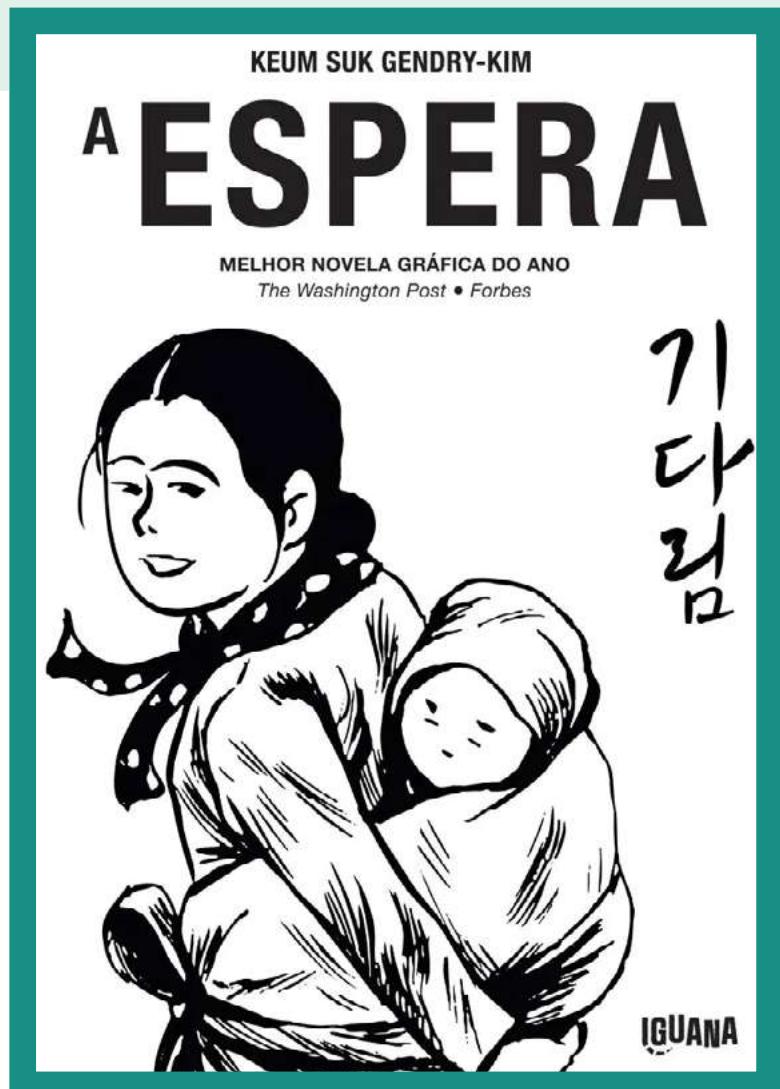
No particular mora o universal.

A autora sul-coreana alia demónios culturais a arquétipos.

As lutas por território e ideologias, as lutas com letra maiúscula, são coisa pouca junto ao drama individual. Não há dor maior do que a perda de um filho, não há dor maior do que uma mãe que não sabe se o filho está vivo ou morto. Essa negação do luto é um medo primitivo.

Em "A Espera" tudo se perde. A raiz e a descendência, a casa e o emprego, o filho e o marido, a saúde e a vida.

Keum Suk Gendry-Kim ouviu a mãe contar-lhe que se separou da irmã durante a Guerra da Coreia. A solu-



ção para a mãe da autora foi não parar, foi continuar a andar e não desistir.

Esta história inspirou Gendry-Kim a escrever "A Espera". Para isso, entrevistou também coreanos separados pela guerra.

A Guerra da Coreia aconteceu entre a Coreia do Sul e do Norte. O território do Sul foi apoiado pelas Nações Unidas e pelos EUA enquanto o Norte teve o apoio da URSS e da China. Este conflito pôs fim à breve esperança dos coreanos em serem um povo independente e pacífico, após 35 anos de ocupação japonesa. A migração provocada pela guerra foi desumana; a pobreza, as armas e o desprezo mataram milhares de pessoas e separaram muitas famílias.

Um dos grandes méritos da autora é o de não ter sido sufocada pela História. Há um contexto tão rico que é indissociável do drama pessoal. Um provoca o outro. O risco de falhanço era enorme. O drama esvanece-se no número. Deixamos de ver as caras e de saber os nomes quando as pessoas são muitas. Para simplificar, falamos em números e nessa simplificação a humanidade desaparece. "A Espera" consegue tudo ao mesmo tempo. O leitor percebe o drama histórico, consegue entender que o horror foi comum a milhares de pessoas e sofre com esta mãe que perdeu o marido e o filho no êxodo, que viu crianças abandonadas pelas mães à beira da estrada, fome a depauperar a vida, sangue espalhado pelas bombas.

"A Espera" é a história de uma ferida que parece não sarar. Keum Suk Gendry-Kim amarrotá o coração do leitor sem cair em melodramas fáceis, ou em manipulações emocionais ostensivas.

São páginas sóbrias, a preto-e-branco, carregadas de melancolia, tristeza e, sobretudo, muita sensibilidade.

**«O leitor percebe
o drama histórico,
consegue entender que
o horror foi comum a
milhares de pessoas e
sofre com esta mãe que
perdeu o marido e o
filho no êxodo, que viu
crianças abandonadas
pelas mães à beira
da estrada, fome a
depauperar a vida,
sangue espalhado pelas
bombas.»**

O DESCANSO DO JORNALISTA PÉ DE CABRA

PORVENTURA
CORREIA

Analisei os documentos da serpente verduga, passados secretamente para mim na cidade contrária de Bragança, Açnagarb. Pelo teor, seria funcionária bem colocada dentro do Ministério das Finanças, com acesso aos desmandos do ministro, um esquálido manta ao serviço de Gancha, a pretendente a rainha do Mundo Obscuro.

Depois de meses de confirmação e de aprofundamento do conteúdo dos papéis, consegui que o jornal publicasse uma reportagem de fundo sobre o tema. Não a insidiosa tentativa dos mantas tomarem o Parlamento da República, assunto que cairia no ridículo, mas apenas os desvios e desfalques económicos das criaturas que se faziam passar por humanos e tinham conseguido empoleirar-se nesses cargos. O artigo caiu na rua com estrondo. Houve cólera ministerial, ameaças anónimas, veladas e ásperas, e, por fim, outros periódicos filaram o anzol e também escavaram na lama.

Três semanas depois, a equipa superior do Ministério foi obrigada

a demitir-se, ministro, secretários e assessores. Caso de polícia. No meu íntimo, sabia que o perigo manta estava posto de lado por algum tempo. Fosse qual fosse o plano real, ele estava seriamente amputado. É verdade que me perseguiam as últimas palavras da serpente verduga, ditas quando bebia os últimos golos da cerveja de musgo. Há mais segredos que posso e que não posso partilhar, mas garanto-lhe que você tem uma missão importante neste jogo. Pelos vistos, sou peça de xadrez num tabuleiro invisível. Quem comanda esta brincadeira a que chamamos vida?

O trabalho jornalístico trouxe-me reconhecimento, fago do ego profissional e alguma proteção contra eventuais retaliações. A visibilidade salva. Assim, arredada a intriga dos mantas, resolvi dedicar-me a assuntos do coração e baixo-ventre, porque não confessá-lo? Havia a Anieska, moça roliça e aloirada, que fazia trabalhos independentes para vários jornais, assertiva e alegre, bem-humorada. Como resistir? Por mais do que uma vez, em reuniões, senti o peso dos seus olhos em mim, talvez... Primeiro, iria mirá-la com as lentes de escama de narval, para saber se seria humana ou um ser do Mundo Obscuro, depois, logo se veria que estradas e becos teria de percorrer para lhe aceder ao desejo. Havia, no Mundo Obscuro defensores da pureza



Imagen Gerada Artificialmente e tratada digitalmente

das raças, incluindo familiares meus, porém, eu não atribuía grande valor à questão. A pureza é o vácuo e, dentro dele, nada subsiste. Um pé-de-cabra e uma humana, havia mal? Desde que nunca revelasse a minha natureza, nem o desejo produzisse filhos com estranhas misturas genéticas. É alimen-

tar a mentira? Sim, mas... Tudo está certo quando está certo. Sei lá.

Recostei-me no sofá, desfiz o feitiço de ilusão, pus os cascos na banqueta e fumei o longo cachimbo de pau de oliveira contrária, a árvore arievilo. No dia seguinte poria em movimento a avizinhação a Anieska, a loira do sol-nascente.

SER OU NÃO SER REVISOR

ANA
SALGADO

Ser ou não ser um revisor? Eis a questão com que me deparo sempre que inicio uma formação de nível inicial em revisão de texto. Afinal, até que ponto o revisor deve intervir sem abafar a voz autoral?

O revisor desempenha um papel crucial no purgar de um texto, uma espécie de zelador do rigor linguístico, moldando a mensagem, quando necessário, para que o texto flua com a leveza e propriedade. A sua principal missão é assegurar que a mensagem do autor seja comunicada de maneira eficaz e objetiva. Contudo, a delimitação entre um certo aprimorar e o sobrepor-se à voz do autor é, por vezes, uma linha ténue que exige sensibilidade e discernimento.

O revisor, ainda que sempre na sombra, deve ser um profissional qualificado, cujo papel vai um pouco além da mera correção ortográfica e/ou gramatical, não se limitando a identificar ou a corrigir gralhas ou erros de concordância. O seu olhar de lince deve percorrer atentamente cada linha do texto, restaurando a ordem gramatical e analisando a estrutura textual, a coesão, o encadeamento de ideias, procurando garantir uma narrativa fluida e lógica. Pode e deve inclusivamente dar sugestões de reorganização de tópicos e

de parágrafos, eliminar redundâncias, articular as diferentes partes do texto.

O primeiro passo é compreender profundamente o estilo do autor. Cada escritor possui uma forma única de expressão, uma voz autoral que confere identidade à obra. O revisor deve ser capaz de discernir entre as correções necessárias para manter a coerência e a clareza do texto e as intervenções que descharacterizem a autenticidade do autor.

A preservação da voz autoral não significa, no entanto, que o revisor deva abster-se de sugerir melhorias. Pelo contrário, é da sua inteira responsabilidade apontar possíveis aprimoramentos, mas sempre com o cuidado de respeitar o estilo e a intenção original do autor. Não sendo hoje tão simples o diálogo construtivo de outora entre revisores e autores, pelas circunstâncias do meio editorial, o revisor deve garantir que não interfere na essência do texto.

Ao considerar o âmbito da sua intervenção, o revisor deve avaliar a magnitude das mudanças propostas e o impacto que podem ter sobre o tom, estilo e mensagem do autor. Modificações excessivas podem, inadvertidamente, transformar a obra de tal forma que ela se torna mais uma representação do revisor do que do próprio autor.

Em última análise, o equilíbrio é a chave. A intervenção de um revisor não deve eclipsar a singularidade da voz autoral. A arte de rever reside exatamente na capacidade de aprimorar, sem subverter; de sugerir, sem impor. Nesse delicado equilíbrio, reside a habilidade do revisor em ser um facilitador, um agente que amplifica a mensagem do autor sem perder de vista a originalidade que caracteriza cada obra. Ser revisor é, portanto, mais do que simplesmente corrigir; é uma colaboração artística que valoriza e preserva a singularidade de cada voz no vasto coro da escrita.

«A
preservação
da voz
autoral não
significa,
no entanto,
que o revisor
deva abster-
-se de sugerir
melhorias.»



O LADO CERTO

JAMES
MCSILL

Esta pergunta me persegue: estive eu do lado certo ao aconselhar os autores com quem trabalhei?

Após quase cinco décadas trabalhando com inúmeros autores em pequenos mercados, como Portugal e Noruega, em mercados médios como o Brasil, México e Espanha, e grandes mercados, como o americano e japonês, sei bem o quanto desafiador pode ser escolher o caminho certo para publicar o teu livro. Já vi de tudo: desde autores estreantes cheios de esperança até escritores experientes em busca de novas oportunidades.

Independentemente do teu nível de experiência, a decisão entre publicação tradicional, publicação de vaidade e autopublicação nunca é fácil. Cada opção tem os seus próprios prós e contras. Como autor, precisas de avaliar cuidadosamente os teus objetivos, recursos e preferências antes de escolher qual caminho seguir.

Vou partilhar contigo a minha perspetiva sobre as principais vantagens e desvantagens de cada opção, com insights adquiridos ao longo de décadas a trabalhar lado a lado com autores.

A publicação tradicional ainda é considerada por muitos como a forma mais prestigiosa de publicar um livro. Ter o aval de uma editora grande traz validação e abre portas para uma distribuição mais ampla. No entanto, é um processo demorado e competitivo, sem garantia de sucesso. Precisas de paciência e persistência para conseguir um agente literário e fechar

um contrato com uma editora. Além disso, há a questão do controlo criativo. Editores tradicionais frequentemente pedem mudanças no manuscrito que podem não estar alinhadas com a tua visão original. E as taxas de royalties costumam ser menores do que nas outras opções. Por outro lado, benefícias do know-how de profissionais experientes que trabalharão para aprimorar e promover a tua obra.

Já a publicação de vaidade permite publicar o teu livro de forma rápida e garantida, mas exige um alto investimento financeiro. Pagas pela edição, design, impressão e tudo mais. Algumas empresas fazem promessas mirabolantes, mas não entregam em termos de qualidade, distribuição e reconhecimento no mercado. É preciso pesquisar bem, antes de escolher um serviço de publicação de vaidade. Por sua vez, a autopublicação vem ganhando força graças às plataformas digitais que democratizaram o setor. Manténs o controlo criativo total e também podes lucrar mais, retendo uma fatia maior das vendas. Mas todo o trabalho de edição, promoção e distribuição fica ao teu cargo. Requer dedicação extra, mas vale a pena para muitos autores.

De tudo o que aprendi ao longo dos anos, o mais importante é definir claramente os teus objetivos antes de escolher um caminho editorial. Pergunta-te: buscas validação da indústria ou liberdade criativa? Queres maximizar os teus ganhos ou alcançar mais leitores? Qual é o teu orçamento? As respostas ajudar-te-ão a tomar uma decisão informada. Também é essencial fazer uma avaliação

crítica do teu manuscrito. Se for um texto muito comercial, a publicação tradicional pode ser o melhor caminho. Já obras muito específicas talvez se saiam melhor na autopublicação, com marketing direcionado. Pede feedback de leitores e profissionais para entender como o teu livro será recebido. Não existe resposta certa ou errada. Cada autor tem motivações e circunstâncias únicas. O panorama editorial está em constante transformação. O fundamental é escolher o caminho que parece certo para os teus objetivos no momento presente, mesmo que mude de ideia no futuro.

Se optares pela rota tradicional, tens de te armar de paciência. Encontrares um agente e fechares um contrato com uma editora grande pode levar anos. Está aberto a feedback e sugestões de mudança que visam tornar o teu livro mais comercial. Foca nas editoras especializadas no teu nicho. Já a publicação de vaidade requer cautela. Analisa a fundo os serviços prestados e reputação da empresa, além dos custos envolvidos. Muitas prometem demais e não entregam. Compara-te com outros autores que usaram o serviço. E tem clareza sobre como irás promover e distribuir o teu livro depois. Por fim, a autopublicação exigirá mais trabalho independente. Precisarás de contratar profissionais para revisão, formatação e design ou aprender a fazer tudo sozinho. Faz um planeamento detalhado de estratégias de marketing, lançamento e promoções. Usa as plataformas digitais a teu favor para encontrar os teus leitores.

Seja qual for o caminho escolhido, o importante é que esteja alinhado com os teus objetivos como autor neste momento da tua trajetória. Com planejamento, persistência e uma dose de paciência, serás capaz de publicar o teu livro com sucesso. E lembra-te: não existe uma opção permanente. Podes sempre explorar outros caminhos editoriais no futuro. Desejo-te uma jornada editorial gratificante e plena de realizações!

**«De tudo o que aprendi
ao longo dos anos,
mais importante é definir
claramente os teus objetivos
antes de escolher um
caminho editorial.»**



CLUBE DE LEITURA



O clube de leitura **«O Prazer da Escrita»** tem como principal objetivo fomentar o convívio entre os amantes de livros, a democratização da cultura e o incentivo à leitura.

O encontro literário para discussão do livro escolhido acontece no último sábado de cada mês (ou no primeiro sábado, em função de eventuais festividades ou disponibilidade dos escritores convidados), das 21h30 às 22h30 (horário de Portugal Continental e Madeira).

Seguindo a dinâmica dos clubes de leitura das bibliotecas municipais, o acesso ao clube e a participação nos encontros através da plataforma Zoom é gratuita. Se desejar aderir a este clube de leitura online, basta solicitar adesão .

O prémio literário «O Prazer da Escrita» terá a sua primeira edição em 2024. Este prémio literário é promovido pelo projeto «O Prazer da Escrita», em colaboração com a Editora Visgarolho. O seu principal objetivo é incentivar a escrita e a leitura de um género tão português como o conto, contribuindo, assim, para o surgimento de novos contistas nacionais. Aos autores premiados, será oferecida a oportunidade de publicação através da Editora Visgarolho. A 1.ª edição do prémio literário «O Prazer da Escrita» decorrerá entre as 00h00 de 22 de abril de 2024 e as 23h59 de 27 de maio de 2024.

Mais informações:

Podcast

LIVROS A TRÊS

Livros, leituras e escrita

Analita Santos

Cláudia Passarinho

Inês Pinto



DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS AGREGADORES DE PODCAST.



A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:

